



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIA ELISA SWAROWSKY LISBÔA

**A COBERTURA DAS AÇÕES MILITARES ISRAELENSES
EM TERRITÓRIOS PALESTINOS PELO *JORNAL NACIONAL*
EM 2014:
A DRAMATURGIA COMO CÓDIGO NO TELEJORNALISMO**

Londrina
2016

MARIA ELISA SWAROWSKY LISBÔA

**A COBERTURA DAS AÇÕES MILITARES ISRAELENSES
EM TERRITÓRIOS PALESTINOS PELO *JORNAL NACIONAL*
EM 2014:
A DRAMATURGIA COMO CÓDIGO NO TELEJORNALISMO**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós Graduação (Mestrado) em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Florentina das Neves Souza

Londrina
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Lisbôa, Maria Elisa.

A cobertura das ações militares israelenses em territórios palestinos pelo Jornal Nacional em 2014: a dramaturgia como código no telejornalismo / Maria Elisa Lisbôa. - Londrina, 2016.
117 f.

Orientador: Florentina das Neves Souza.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2016.
Inclui bibliografia.

1. Comunicação - Tese. 2. Telejornalismo - Tese. 3. Dramaturgia - Tese. 4. Semiótica da Cultura - Tese. I. das Neves Souza, Florentina. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

MARIA ELISA SWAROWSKY LISBÔA

**A COBERTURA DAS AÇÕES MILITARES ISRAELENSES EM
TERRITÓRIOS PALESTINOS PELO *JORNAL NACIONAL* EM 2014:
A DRAMATURGIA COMO CÓDIGO NO TELEJORNALISMO**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós Graduação (Mestrado) em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.^a Dr.^a Florentina das Neves
Souza
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Alberto Carlos Augusto Klein
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof.^a Dr.^a Mônica Cristine Fort
Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

Londrina, 27 de Abril de 2016.

LISBOA, Maria Elisa. **A cobertura das ações militares israelenses em territórios palestinos pelo Jornal Nacional em 2014: a dramaturgia como código no telejornalismo.** 2016. 117f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

RESUMO

Este trabalho pretende averiguar se o telejornalismo utiliza a dramaturgia como um código na construção de reportagens. O recorte escolhido é a cobertura do Jornal Nacional sobre as ações militares israelenses na Faixa de Gaza em 2014. Para interpretar o significado sobre os fatos e os envolvidos, o estudo ampara-se na Semiótica da Cultura, segundo Ivan Bystrina (1989) e na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2004). Adota-se como base a pesquisa de Iluska Coutinho (2012) que aponta elementos do drama na notícia televisiva. Observa-se que a abordagem dos acontecimentos é superficial e espetacularmente dramatizada. A caracterização segundo estereótipos de vilão, herói e vítima manifestam a polarização nas imagens, conduzindo o conteúdo jornalístico pela sua dramaticidade.

Palavras-chave: Comunicação. Telejornalismo. Dramaturgia. Semiótica da cultura. Israelenses e palestinos. Jornal Nacional

LISBOA, Maria Elisa. **The coverage of Israeli military operation in Palestinian territories on Jornal Nacional: dramaturgy as a journalistic code.** 2016. 117p. Dissertation. (Master in Communication) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

ABSTRACT

This work seeks to ascertain whether the television news uses drama as a code to build reports. The chosen cut is the coverage of the Jornal Nacional on Israeli military actions in the Gaza Strip in 2014. To interpret the meaning of the facts and those involved, the study is based on the Semiotics of Culture, according to Ivan Bystrina (1989) and Content analysis Laurence Bardin (2004). It is also supported by the Iluska Coutinho (2012) research which points out drama elements in the television news. It is observed that the coverage of events is superficial and spectacularly dramatized. Characterization of villain stereotypes, hero and victim manifest on the images, leading the journalistic content for its drama.

Keywords: Communication. TV journalism. Dramaturgy. Semiotics of culture. Israelis and palestinians. Jornal Nacional

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagens 1 e 2 –	Jovens palestinos e policiais israelenses	61
Imagens 3 4 e 5	Jovens palestinos e tanques israelenses.....	62 - 63
Imagens 6 e 7-	Soldados israelenses e homens palestinos.....	63
Imagens 8 e 9 –	Homens palestinos e tanques	64
Imagem 10 –	Entrevista porta voz israelense	64
Imagens 11 e 12 –	Integrantes do <i>Hamas</i> e soldado israelense	67
Imagens 13 e 14 –	Túneis.....	68
Imagens 15 e 16 -	Ismail Haniya e Benjamin Netanyahu	69
Imagens 17 e 18 -	Benjamin Netanyahu e integrantes do <i>Hamas</i>	69
Imagens 19 e 20 -	Moradores palestinos e embaixador israelense	70
Imagens 21, 22 e 23 -	Soldados israelenses e militantes do <i>Hamas</i>	71
Imagens 24 e 25 –	Soldados israelenses e soldados palestinos.....	72
Imagens 26 e 27 –	Cemitério de dia e soldados à noite	73
Imagens 28 e 29 –	Enterro israelense e manifestação palestina.....	74
Imagem 30 –	Manifestação palestina.....	75
Imagem 31 –	Repórter Rodrigo Alvarez.....	76
Imagem 32 e 33 –	Explosões.....	76
Imagens 34 e 35–	Início do dia na Faixa de Gaza.....	77
Imagens 36 e 37 –	Fim do dia.....	77
Imagem 38 –	Repórter Rodrigo Alvarez.....	78
Imagem 39 –	Morador brasileiro na Faixa de Gaza	79
Imagem 40 e 41 –	Soldado israelense e militante do <i>Hamas</i>	80
Imagens 42 e 43 –	Tanque israelense e ambulância.....	80
Imagens 44 e 45 –	Civis palestinos mortos.....	81
Imagens 46 e 47 –	Corpos israelenses e palestinos.....	82
Imagens 48 e 49 –	Civil palestino e tanque israelense	82
Imagens 50 e 51 –	Civis palestinos em hospital	83
Imagem 52 –	Corpos palestinos.....	84
Imagens 53 e 54 –	Corpos palestinos e israelenses.....	85
Imagens 55 e 56 –	Velório palestino e israelense.....	86
Imagens 57 e 58 –	Jovens palestinos e casas destruídas.....	86
Imagem 59 –	Corpos palestinos.....	87

Imagens 60 e 61	–	Civis palestinos mortos.....	88
Imagens 62, 63 e 64	–	Civis palestinos mortos e casas destruídas.....	88-89
Imagens 65, 66, 67	–	Civis palestinos em hospital.....	89-90
Imagem 68	–	Repórter Rodrigo Alvarez.....	91
Imagem 69 e 70	–	Repórter Rodrigo Alvarez.....	92
Imagem 71,72,73 e 74		Repórter Rodrigo Alvarez.....	93-95
Imagens 75 e 76	–	Repórter Rodrigo Alvarez em hospital.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias de análise.....	50
Tabela 2 – Reportagens e notas de 2014 do JN.....	55
Tabela 3 - Reportagens e notas de julho de 2014 no JN	56
Tabela 4 - Reportagens de julho analisadas	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FPLP	Frente Popular pela Libertação da Palestina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ibope	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
JN	Jornal Nacional
NC	Nota Coberta
OLP	Organização pela Libertação da Palestina
ONU	Organização das Nações Unidas
TV	Televisão
UNRWA	<i>United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East</i> (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina)
VT	<i>Videotape</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 AÇÕES MILITARES ISRAELENSES NOS TERRITÓRIOS PALESTINOS EM 2014	17
1.1 A OPERAÇÃO MARGEM PROTETORA EM 2014	17
1.2 A FAIXA DE GAZA	22
1.3 A VISÃO ORIENTALISTA NA ABORDAGEM DA PALESTINA	27
2 A SEMIÓTICA DA CULTURA E A DRAMATURGIA	31
2.1 O CONCEITO DE IVAN BYSTRINA	31
2.2 CÓDIGOS	36
2.3 O CONCEITO DE DRAMATURGIA	40
2.4 CÓDIGO TERCIÁRIO E A DRAMATURGIA NO TELEJORNALISMO	42
3 A COBERTURA PELO <i>JORNAL NACIONAL</i> DO CONFLITO NA FAIXA DE GAZA EM 2014	51
3.1 COLETA DE DADOS	54
4 A DRAMATURGIA COMO CÓDIGO NA COBERTURA PELO JN DAS AÇÕES MILITARES EM GAZA EM JULHO DE 2014	58
4.1 SEGURANÇA X AMEAÇA	60
4.2 DIA X NOITE	73
4.3 VIDA X MORTE	79
4.4 MEDIADOR ENTRE OS PÓLOS: A FIGURA DO REPÓRTER	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	101
ANEXOS	104
ANEXO A – mapa da Faixa de Gaza – 2014	105
ANEXO B - REPORTAGENS E NOTAS DO JN ESTUDADAS EM 2014	105
APÊNDICE - CD COM AS REPORTAGENS	

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa estuda a abordagem das reportagens do *Jornal Nacional* sobre as ações militares israelenses na Faixa de Gaza em 2014, a partir do uso da dramaturgia como código no telejornalismo. A escolha da televisão como objeto não é gratuita: deve-se ao fato de que a TV ainda serve como fonte de informações para a maioria dos brasileiros, especialmente quando trata de temas internacionais. Crises e conflitos entre países recebem relevo nos meios de comunicação e, no Brasil, a televisão destaca-se nesse tipo de cobertura. Ela ancora sua linguagem na força discursiva das imagens, capturando e decodificando os fenômenos socioculturais e devolvendo-os ao telespectador com sua marca interpretativa.

A opção pelo *Jornal Nacional* justifica-se pela sua referência como padrão jornalístico frente a outros telejornais brasileiros. Embora tenha registrado queda em audiência nos últimos anos¹, foi o primeiro noticiário televisivo veiculado em rede nacional e desde 2004 possui uma praça internacional em Jerusalém. O primeiro correspondente na região foi Marcos Losekann, sucedido por Alberto Gaspar, Ari Peixoto, Carlos de Lannoy e Rodrigo Alvarez². Durante o ano de 2014, o *Jornal Nacional* noticiou com frequência os territórios palestinos, devido às ações militares de Israel na Faixa de Gaza e ao aumento da violência na região, desencadeada pela morte de jovens israelenses e de um menino palestino. A Faixa de Gaza situa-se na costa oriental do Mar Mediterrâneo e é um dos locais mais povoados do planeta, habitada por 1,7 milhões de pessoas em 365 quilômetros quadrados. Os acontecimentos de 2014 chamaram a atenção internacional pelos prejuízos humanitários e pela desproporcionalidade bélica entre os envolvidos.

A realidade palestina é traduzida a outros países em grande parte por meio da narrativa jornalística das redes de televisão. Para Edward Said (2012), as disputas na região cristalizam-se em uma esfera cultural e simbólica, na qual o direito de um povo em ocupar territórios se fundamenta na compreensão da inexistência de outro. Segundo ele, a mídia transformou a Palestina em um “não lugar”, de onde predominam reducionismos e generalizações que destituem seus habitantes de

¹ <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/04/1439663-jornal-nacional-marca-pior-media-de-audiencia-de-sua-historia-na-previa.shtml>

² Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/intifada/correspondentes-em-israel.htm>

cidadania. Esta concepção deriva do sistema de conhecimento que o ocidente constrói sobre o oriente, tornando-o um conjunto de noções aceitáveis para a consciência ocidental. Assim como o Oriente, a Palestina pertence a um universo distinto daquilo do que se está acostumado a viver no outro lado do Atlântico.

O envolvimento com o objeto da pesquisa deve-se ao interesse pelo aprofundamento da realidade palestina, apresentada frequentemente sob a ótica de um complexo e interminável conflito. Assim como outras regiões geograficamente distantes, acredita-se que a reflexão científica possa desvendar como os meios de comunicação – neste caso, a televisão - retratam esta porção do planeta. Dada a amplitude de territórios e a variedade de acontecimentos, delimitou-se como objeto os acontecimentos que envolvem o Estado de Israel e as lideranças palestinas na Faixa de Gaza, no ano de 2014.

O objetivo geral do trabalho é averiguar se a dramaturgia é adotada como um código jornalístico, e a partir dela, interpretar os significados produzidos sobre os fatos e os envolvidos. Recorre-se ao estudo do tcheco Ivan Bystrina, que entende a Cultura e suas produções como Textos, cujos elementos são exploráveis pela Semiótica. Uma vez identificada como um código, a construção dramática da notícia expressaria a abordagem do telejornal sobre os acontecimentos.

A pesquisadora Iluska Coutinho (2012) constatou a presença de elementos comuns à dramaturgia nas notícias da TV, como o conflito, a caracterização dos heróis, vítimas, mocinhos e vilões. O trabalho entende as reportagens como Textos da Cultura e pretende verificar se as imagens, textos e sons das reportagens aparecem em oposição, o que caracterizaria a construção dramática. Segundo Bystrina, codificados em oposições binárias, os Textos produzem significados ao receptor, conforme os elementos que apresentam. Acredita-se que a Semiótica da Cultura permite olhar para as reportagens na perspectiva de seus significados culturais e a partir disso entender a produção de sentido junto ao público.

Bystrina (1989) detectou a existência de padrões de organização que regulam os processos de signos nos Textos Culturais. Esses modelos recebem a designação de códigos e transitam em três níveis distintos: códigos primários, secundários e terciários. Os códigos terciários organizam os signos a nível cultural de forma binária, polar e assimétrica. A organização da notícia televisiva em forma de

código permite analisar as imagens e os textos na narrativa dramaticamente construída, uma vez que se apresentam na "matéria-drama" estruturas binárias e polares. Os códigos terciários, baseados nas oposições binárias, assimétricas e polares presentes no drama, podem organizar a informação do telejornalismo. A narrativa dramática funcionaria como um código também nesse gênero televisivo.

Jornalistas se apropriariam da estrutura binária e assimetricamente polar dos códigos terciários para transmitir suas mensagens e produzir sentido ao telespectador sobre o conflito e os envolvidos. Acredita-se que os signos indicadores da formação do "código dramaturgia" são as imagens que remetem principalmente ao conflito, porque aparecem em oposição. A caracterização dos envolvidos segundo estereótipos de vilão, herói e vítima manifestam essa polarização narrativa nas imagens, conduzindo o conteúdo jornalístico pela sua dramaticidade. Nas reportagens televisivas sobre crises e conflitos sociais, é possível identificar a estruturação da narrativa pela ênfase nos signos que se organizam binariamente. Rico em imagens que se contrastam, o conflito noticiado manifesta constantemente, por exemplo, a oposição binária entre ameaça e segurança, ou entre vida e morte.

No primeiro capítulo são recuperados alguns dados sobre as Operações Militares de Israel nos territórios palestinos em 2014, com base no estudo do brasileiro Marcio Scalercio (2003). A análise das reportagens requer a abordagem de conjunturas político-culturais envolvidas na problemática atual. No entanto, este trabalho apresenta informações relacionadas aos acontecimentos mais recentes ocorridos na Faixa de Gaza. Percebe-se que se trata de uma discussão ampla, cujo aprofundamento histórico e político não é o objetivo desta pesquisa. A visão sobre as identidades dos envolvidos baseia-se no trabalho de Edward Said (2012).

No segundo capítulo serão apresentados os conceitos de Bystrina (1989), a fim de relacioná-los com a noção de dramaturgia e sua expressão no telejornalismo brasileiro, segundo Coutinho (2012). O recorte escolhido para análise reúne 13 reportagens veiculadas no mês de julho de 2014 no *Jornal Nacional* da Rede Globo sobre as Operações Militares de Israel na Faixa de Gaza. A coleta de dados abrange a cobertura do conflito no telejornal entre 01 de janeiro a 31 de dezembro de 2014. Em vista da dificuldade de acesso às reportagens em vídeo, optou-se por obter o material pelo site da emissora.

A partir da leitura dos dados, definiu-se o mês de julho como recorte para análise, já que a veiculação da temática foi quase diária. O estudo do material apoia-

se na Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2004) e divide-se em duas etapas. Na primeira, foram descritas as reportagens e notas cobertas do recorte, com data, assunto e tempo de duração. O objetivo é apontar as informações noticiadas e identificar a existência de um padrão narrativo. Na segunda, analisa-se as 13 reportagens segundo a discussão de Bystrina (1989) e a identificação do código dramaturgia na produção de sentido sobre o conflito e envolvidos. Selecionou-se para essa fase somente o formato reportagem, por envolver o repórter no local, entrevistas e processo de produção. Para identificar a estruturação do código da dramaturgia, adotou-se os pares “ameaça e segurança”, “vida e morte”, “dia e noite”, como itens de sentido. Considera-se também o repórter que atua como intermediário entre os dois pólos dos acontecimentos, a fim de interpretar a implicação de sua presença para a construção narrativa dos fatos.

Os resultados obtidos com a coleta e análise de dados mostram que a cobertura dos acontecimentos revela uma história narrada, em uma sequência com início, meio e fim. O marco inaugural do conflito narrativo é a morte de jovens israelenses e de um menino palestino, acompanhada dos ataques do *Hamas*, apresentados ao público como justificativa para as ações militares de Israel na Faixa de Gaza. Conforme a concepção de Bystrina pode-se afirmar que a dramaturgia no telejornalismo enquadra-se no nível terciário dos códigos, que se organizam de forma binária, polar e assimétrica. A análise de cada reportagem permite afirmar que a dramaturgia funciona como um código narrativo, com a binariedade, a polarização e a assimetria expressadas nas imagens e sons.

Embora a região tenha relevância no telejornal, a abordagem da Palestina é superficial e espetacularmente dramatizada. A binariedade apresenta os fatos no seu valor de conflito, abandonando o aprofundamento do conteúdo sobre a complexa realidade sociocultural. Desse modo, o maniqueísmo próprio do drama oculta a reflexão sobre as raízes históricas e simbólicas da crise entre israelenses e palestinos, em benefício do espetáculo dramático. O telejornal aborda as Operações Militares a partir do olhar do drama, com ênfase nos signos da ameaça, morte, noite, negativamente valorizados com mais força.

1. AÇÕES MILITARES ISRAELENSES NOS TERRITÓRIOS PALESTINOS EM 2014

A análise da cobertura jornalística sobre a realidade de árabes e judeus na Faixa de Gaza em 2014 requer a contextualização dos fatos. Eles estão relacionados a eventos políticos, acordos internacionais, disputas por territórios, elementos religiosos e culturais. A história mostra que os atuais eventos situam-se numa arena simbólica onde dois povos estão destinados a conviver. Embora a recuperação histórica contribua para a análise, a pesquisa volta-se para o estudo da abordagem da mídia ao invés de discutir a questão em si. Por isso, o capítulo limita-se a apresentar dados que ajudem a compreender com mais profundidade as operações militares de 2014 na região. A primeira parte trata da Operação Margem Protetora organizada por Israel na Faixa de Gaza e os assassinatos que resultaram nos ataques entre o *Hamas* e as Forças de Defesa Israelense. Na segunda, pretende-se apresentar informações sobre a região palestina e sua relação com Israel. A análise das reportagens envolve também a discussão sobre o papel da mídia na construção cultural do Oriente Médio e dos palestinos, assunto tratado na última parte, a partir da visão de Edward Said (1990).

1.1 A OPERAÇÃO MARGEM PROTETORA EM 2014

O ano de 2014 na Faixa de Gaza foi caracterizado por uma tensão política e ataques entre palestinos e o Estado de Israel. Os confrontos intensificaram-se nesse período devido à política expansionista militarizada do lado israelense e o controle legislativo da Palestina pelo *Hamas*, grupo caracterizado de terrorista pelos países europeus, por Israel e pelos Estados Unidos.

No dia 30 de junho, três adolescentes israelenses desaparecidos desde o dia 12, foram encontrados mortos. Israel responsabilizou o *Hamas* pelas mortes, cujo envolvimento não foi confirmado nem negado. Mesmo assim, mais de 400 palestinos tidos como suspeitos foram encarcerados pelas forças israelenses. Após a localização dos corpos, um jovem palestino foi achado morto em Jerusalém Oriental. Segundo a autópsia, ele teria sido queimado vivo. Seis judeus extremistas foram presos, confessando o crime, o que reforçou a hipótese de assassinato por vingança³.

³<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/g1-explica-por-que-israel-e-hamas-estao-em-conflito-na-faixa-de-gaza1.html>

Esse fato desembocou numa onda de protestos e revoltas em territórios palestinos e deu início à Operação Margem Protetora, uma campanha militar israelense em Gaza com quase dois meses de duração e 2170 mortos, segundo a Organização das Nações Unidas⁴. O relatório da Coordenação de Assuntos Humanitários da ONU (*UNITED NATIONS Office for the Coordination of Humanitarian Affairs occupied Palestinian territory*), lançado em 2015, aponta que a situação obrigou mais de 475 mil palestinos a buscar refúgio nas suas instalações em Gaza e deslocou mais de 100 mil pessoas⁵.

A partir de 08 de julho, o Exército israelense iniciou um conjunto de ataques aéreos a Gaza, lançando a Operação Margem Protetora. O dia 17 foi marcado pelo começo da ofensiva militar terrestre na região. Além dos bombardeios, tanques de guerra e milhares de soldados entraram no território palestino por terra. Uma das principais reivindicações de Israel é concluir seu plano de destruição dos túneis construídos pelo *Hamas* em solo israelense e que - segundo Israel - são usados para transportar armas e combatentes.

Durante 50 dias, o conflito envolveu o lançamento de foguetes a cidades israelenses pelo *Hamas* e ataques de Israel a Gaza, por bombardeios e incursões terrestres. Devido ao alto número de mortos e refugiados e da desproporcionalidade bélica, os enfrentamentos de 2014 chamaram a atenção internacional para a problemática da região. Várias negociações de paz foram mediadas pela ONU, pelos EUA e Egito com breves tentativas de cessar fogo durante o mês de julho. No entanto, segundo Luciana Saab (2014), a partir deste confronto, a resolução das divergências está mais difícil de ser alcançada. Ela aponta que o entendimento entre o primeiro ministro de Israel Benjamin Netanyahu e a Autoridade Nacional Palestina de Mahmoud Abbas encontra-se no mesmo impasse de situações anteriores. Saab atribui a atual dificuldade a uma radicalização política e ideológica de ambos os lados com exigências cada vez menos acessíveis de aceitação. Ela frisa que

do ponto de vista local, o que se viu com o episódio da operação Margem Protetora, foi o fortalecimento de um discurso ultranacionalista

⁴ <https://nacoesunidas.org/onu-comemora-cessar-fogo-em-gaza/>

⁵ http://www.ochaopt.org/documents/ocha_opt_fragmented_lives_annual_report_2012_05_29_english.pdf

israelense, que levantou o prestígio político da extrema-direita atualmente no poder, levando a manifestações racistas e discriminatórias dentro de Israel. O perigo da ascensão da extrema-direita israelense está também no fato de que a maioria dos seus representantes hoje sequer admite a possibilidade da criação de um Estado palestino (SAAB, 2014, p. 121).

O governo israelense, formado majoritariamente pelo partido de extrema direita Likud, não aceita a criação de um Estado palestino e defende a expansão territorial de judeus por meio de assentamentos. Do lado palestino, o *Hamas* se fortalece na Faixa de Gaza. O grupo ganha popularidade junto aos habitantes da região como fonte de resistência à ocupação e às operações militares de Israel. Fundado em Gaza no ano de 1988 por Ahmed Yassin, um professor de religião muçulmano, o *Hamas* é um braço da Irmandade Muçulmana (*Ikhwan*), organização islâmica com grande inserção social.

Em 1987, diante de alguns incidentes entre judeus e palestinos no campo de refugiados Jabaliya, na Faixa de Gaza, o jovem Hatemel-Hassin, de 18 anos, jogou uma pedra em um soldado israelense e foi morto pelos militares. Esse acabou sendo o estopim para a *Intifada*, um levante geral da população contra os soldados israelenses que duraria pelo menos cinco anos. Para Scalercio, “os acontecimentos de 1987 começariam a provocar uma mudança na estrutura de poder do movimento político palestino” (SCALERCIO, 2003, p. 246). Com a *Intifada*, nasceu e se desenvolveu o *Hamas*, que significa “zelo” - e serve também como sigla para “Movimento de Resistência Islâmica” - uma forma de fortalecer os palestinos inconformados com a ocupação, a partir de uma linha de ação radical contra o Estado de Israel. Na época, o grupo comprometeu-se a não fazer uso de armas, atuando dentro da lei. Para Scalercio, a ideologia dessas organizações

é cristalina. Sua luta pelo poder no seio das comunidades muçulmanas passa necessariamente por um combate contra a recepção dos valores laicizados de origem ocidental. No caso específico do *Hamas*, o fato de seus membros serem inimigos frontais da OLP não diminui de modo algum sua animosidade em relação ao adversário ‘sionista’ (SCALERCIO, 2003, p. 247).

A crescente força do *Hamas* deve-se principalmente à insatisfação popular dos palestinos residentes em Gaza e na Cisjordânia, desejosos de uma ação política mais prática e eficaz. Movidos por questões históricas, religiosas e estratégicas, os colonos judeus seguiam com a expansão de suas comunidades nos territórios

ocupados e a *Intifada* não tinha poder militar para conter esse movimento colonizador. Na visão das autoridades israelenses, se o direito de retorno aos territórios ocupados fosse assegurado aos palestinos, a maioria populacional árabe comprometeria a viabilidade de um Estado composto apenas por judeus. A população palestina voltou a se revoltar numa segunda *Intifada* no ano 2000, que ficou conhecida como *Intifada de Al-Aqsa*.

Para os pesquisadores Analúcia Pereira e Marcelo Kanter (2012), o levante foi mais violento que o anterior, pois se intensificava a prática de atentados suicidas, o que manteve o antagonismo em permanente tensionamento. Em seu discurso, o então primeiro ministro de Israel, Ariel Sharon, declarou que só voltaria a negociar com a Autoridade Nacional Palestina⁶ sob condição de abandono dos ataques. Ao lado do governo israelense, o confronto teve como sustentação a política norte-americana de George Bush para o Oriente Médio, que classificara um grupo de países como Eixo do Mal⁷. Suas medidas de combate ao terrorismo na região deflagraram ainda mais a violência, reforçando a aversão árabe ao que remetesse a dominação ocidental, principalmente a Israel.

Em 2006, ocorreram eleições para o Conselho Legislativo da Palestina (o parlamento palestino) e o partido vitorioso foi o *Hamas*, com um resultado considerado inaceitável para os Estados Unidos, União Europeia e Israel. A partir de então, o inimigo comum do Estado israelense diante da opinião pública é o *Hamas*. A Operação Margem Protetora de 2014 faz parte do plano de ações militares de Israel para tentar enfraquecer o partido palestino. Nos últimos anos, outras duas campanhas desse tipo foram executadas na região: Operação Chumbo Fundido, em dezembro de 2008 e Operação Pilar de Defesa, em novembro de 2012.

Pereira e Kanter (2012) lembram que, para os israelenses, “o reconhecimento legal de um Estado palestino serviria para minar a ‘legitimidade’ da construção de novos assentamentos na Cisjordânia, ao mesmo tempo em que transformaria as fronteiras israelenses em pontos altamente vulneráveis” (PEREIRA E KANTER, 2012, p. 82). Em 2008, o exército israelense atacou a Faixa de Gaza após um cessar fogo mediado pelo Egito. O contexto da crise coloca em evidência o temor

⁶ Instituição estatal semi autônoma que governa algumas partes da Palestina, desde os acordos de Oslo, em 1993. O primeiro a ocupar o cargo de primeiro ministro da ANP foi Mahmoud Abbas. Em 2005, a ANP assumiu o controle da Faixa de Gaza e em 2006 o *Hamas* venceu as eleições parlamentares.

⁷ Expressão usada em 2002 pelo então presidente dos EUA George W. Bush para declarar guerra ao terror e se referir a governos considerados inimigos, como Irã, Iraque e Coreia do Norte.

desses países árabes pró-ocidentais às resistências árabes islâmicas como o *Hezbollah* e o *Hamas*, que agem contra Israel. Para Pereira e Kanter (2012), o conflito se torna mais complexo, conferindo um grau não apenas regional, mas também internacional à questão Palestina. Nessa época, escândalos de corrupção fizeram com que Ehud Olmert, primeiro ministro de Israel, passasse a liderança do partido a uma ex-integrante do *Likud*, que retomou o comando do parlamento com Benjamin Netanyahu. Sobre a conjuntura política do período, Pereira e Kanter afirmam que

ao longo de 2009 e 2010, processos importantes se desenvolveram e incidiram sobre o conflito israelense-palestino. Destaca-se o crescente distanciamento entre o governo dos EUA, de Barack Obama, e o governo de Netanyahu, que é percebido como um político extremamente intransigente. Em 2010, em particular os EUA, com apoio do Egito e da Jordânia, lograram que os governos de Abbas e Netanyahu voltassem a negociações diretas. Contudo, como Netanyahu não prolongou o congelamento da expansão dos assentamentos israelenses, as negociações foram interrompidas (PEREIRA E KANTER, 2012, p. 98).

Em 2012, houve um novo e violento confronto entre israelenses e palestinos na Faixa de Gaza e Cisjordânia, resultando em trocas de foguetes a Tel Aviv e Jerusalém, além de bombardeios a Gaza. O grupo palestino exige a retirada israelense de seu território e o fim do bloqueio imposto a Gaza desde 2006⁸, além da reabertura do aeroporto e do porto da região. Após um acordo de cessar fogo de tempo ilimitado assinado em 26 de agosto de 2014, Israel concordou em abrir as fronteiras com a Faixa de Gaza para liberar o trânsito de ajudas humanitárias e material de construção, além de ampliar os direitos à pesca dos palestinos no litoral⁹.

A Operação Margem Protetora provocou graves danos à população de Gaza, com prejuízos superiores à crise vivida em 2008-2009, segundo a ONU. Dados da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA) afirmam que mais de 100 mil casas foram danificadas ou arruinadas, afetando mais de 600 mil pessoas. Dos 101 centros de saúde avaliados, 18 foram destruídos ou danificados e 31 escolas não estão habilitadas para aulas. Os danos na

⁸<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/hamas-da-primeira-intifada-ao-conflito-com-israel.html>

⁹ Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/08/hamas-diz-que-israelenses-e-palestinos-acertaram-tregua-em-gaza.html>

agricultura revelam 1.855 hectares de terra arrasados ou gravemente danificados, e 1.263 estufas destruídas¹⁰.

1.2 A FAIXA DE GAZA

A Faixa de Gaza está localizada na costa oriental do Mar Mediterrâneo, fazendo fronteira com o Egito ao sul, com Israel ao leste e ao norte. É um dos territórios mais povoados do planeta, com uma área total de 365 quilômetros quadrados e 1,7 milhões de pessoas. A partir de 1516, passou a ser dominada pelo império Otomano e sua população formada majoritariamente por muçulmanos sunitas, cristãos, drusos e muçulmanos xiitas¹¹. As atividades giravam em torno da agricultura (grãos, frutas e vegetais) e do pastoreio (SAID, 2012).

O fim da Segunda Guerra Mundial foi um período importante para Gaza e outros territórios de população árabe que formavam a Palestina. Durante a década de 40, a migração de judeus para a região aumentou devido às condições relacionadas ao Holocausto. O movimento sionista¹² encontrou apoio nas principais potências europeias para levar a cabo seu projeto de criação de um Estado judeu em território palestino. Após a Primeira Guerra Mundial, a migração de judeus foi estimulada pela Declaração de Balfour¹³ e pelos esforços de grupos sionistas, com a finalidade de

¹⁰ Fonte: <https://nacoesunidas.org/onu-publica-informacao-captada-por-satelites-que-revela-dimensao-dos-danos-na-faixa-de-gaza/>

¹¹ Ramo mais numeroso do islamismo, os sunitas seguem a Suna (segunda fonte da lei islâmica após o Alcorão). A maioria acredita que a Suna se refere aos preceitos estabelecidos no século VIII baseados nos ensinamentos de Maomé e dos quatro califas ortodoxos. Os drusos são uma pequena comunidade religiosa autônoma que reside sobretudo no Líbano, Israel, Síria, Turquia e Jordânia. Os muçulmanos xiitas compõem o xiismo, seita dentro do Islã que significa "partidários de Ali". Os xiitas consideram Ali (o primo e genro do profeta Maomé) o sucessor legítimo da autoridade islâmica.

¹² O sionismo – termo cunhado por Nathan Birnbaum em 1885, em Viena - é um movimento criado e impulsionado por intelectuais judeus que tomou forma no final do século XIX, como uma resposta ao antissemitismo europeu. Em 1897 aconteceu na Suíça um congresso sionista que teve como presidente Theodor Herzl, judeu austríaco e autor do livro *"Der Judenstaat"* Sua teoria baseou-se na ideia de que a única maneira dos judeus escaparem à perseguição dos não judeus seria por meio da construção de um Estado próprio. Através de influências e negociações com políticos e banqueiros europeus, o movimento conseguiu levar a cabo suas aspirações. Na visão dos sionistas, a pátria histórica do povo judeu englobava toda a Palestina, incluindo a Jordânia, as Colinas de Golã e o sul do Líbano. Com a finalidade de possuir os territórios que lhe pertenceriam, era necessário buscar apoio em outros países e desconsiderar a presença árabe na região.

¹³ Com o fim da Primeira Guerra Mundial, potências europeias como França e Inglaterra coordenavam o cenário político e econômico da região mediante a política do imperialismo. Em 1917, o secretário de negócios exteriores da Inglaterra, Arthur James Balfour, escreveu uma carta apoiando a criação de um Lar Judeu na Palestina. O documento ficou conhecido como Declaração de Balfour e incentivou a migração judaica para o território. A Inglaterra operava como mandatário na região, o que significou apoio à causa judaica para a época.

colonizar as terras e poder reivindicá-las. Lideranças judaicas estimularam a aquisição de propriedades árabes e a organização dos novos colonos em fazendas. Para os judeus, a repartição da terra com os palestinos comprometeria sua integridade e a situação desencadeou o aumento da violência entre as comunidades.

Em 15 de maio de 1948 encerrou-se o mandato britânico na região, cabendo à recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU) decidir sobre seu status. Conhecida por Resolução 181, a proposta da ONU dividia as áreas destinadas aos árabes em três blocos: ao sul (Faixa de Gaza e Rafah), ao centro (Nablus, Ramallah, Hebron, correspondendo mais ou menos à Cisjordânia) e ao norte (Nazaré). Aos judeus também caberiam três blocos: ao sul (deserto de Negrev e margens do mar Morto), ao litoral (Jaffa, TelAviv e Haifa) e ao norte (entre Mar da Galileia, Síria e fronteiras do Líbano). A cidade de Jerusalém, pertencente ao bloco árabe do centro, seria administrada internacionalmente. A proposta de partilha não agradou os lados envolvidos, pois não correspondia à realidade populacional e territorial da Palestina, habitada majoritariamente por árabes¹⁴. Nessa época, tiveram início os conflitos armados na região. Não dispostos a ceder a seus objetivos, os sionistas sabiam que o embate com os árabes seria uma parcela do preço a ser pago no processo da concretização de seus ideais.

Embora o movimento migratório judeu na Palestina tenha desencadeado o aumento da violência no início do século XX, a primeira guerra declarada entre israelenses e árabes aconteceu após a criação do Estado de Israel, em 1948. A população árabe passou a abandonar suas casas, formando grupos de refugiados na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Segundo Marcio Scalercio, os confrontos de 2014 nesses locais estão diretamente envolvidos com uma antiga estratégia de Israel para anexar territórios: a vitória em operações militares contra os árabes. Sobre isso, ele afirma que “a despeito de sua superioridade militar e de seus anseios de segurança, Israel jamais logrou êxito em convencer a opinião pública internacional da legitimidade de suas eventuais anexações de território. Assim foi em 1956, assim ocorre até hoje” (SCALERCIO, 2003, p. 144). Um exemplo disso foi a vitória israelense sobre os árabes na Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando ocupou e passou a exercer o domínio sobre a Península do Sinai, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e a cidade de Jerusalém.

¹⁴ SCALERCIO, 2003

Nesse período, a ONU aprovou a Resolução 242, que ordenava a retirada das tropas de Israel dos territórios ocupados. Mas na prática, tal desocupação não se concretizou de forma eficaz, principalmente na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Sobre essa ocupação, Said salienta que o resultado do processo foi a formação de três tipos de árabes palestinos: os que vivem nos limites da Israel pré 67, os que vivem nos territórios ocupados e os que vivem fora das fronteiras da antiga Palestina. Segundo ele:

para as gerações de palestinos nascidos depois de 1967 nos campos de refugiados e nas cidades controladas pela FDI – Forças de Defesa de Israel, opor-se aos israelenses era combater um exército de ocupação que empunhava um poder opressor. Como estranhar sua atitude ou imaginar que estivessem errados? Com sua conquista, os israelenses trouxeram o problema palestino das bordas de suas fronteiras para dentro de casa. A ocupação e a opressão fertilizaram o solo no qual cresceu uma forte identidade palestina, militante e hostil. Pela segunda vez, Israel ganhara a guerra, mas perdera a paz (SCALERCIO, 2003, p. 169).

Para Scalercio, desde 1948, havia duas regiões sobre as quais o governo de Israel não conseguira entrar em acordo: a Cisjordânia e a Faixa de Gaza. Localizadas dentro de território judeu, eram habitadas por mais de 1 milhão de árabes, a maior parte formada por refugiados muçulmanos das guerras anteriores. Um ataque a essas zonas desfavoreceria a imagem de Israel junto à opinião pública internacional, ao mesmo tempo em que, para os judeus, esses grupos significavam uma ameaça contra a segurança de seu recém-criado Estado.

Outro fator do aprofundamento do conflito é a construção de assentamentos judeus em regiões destinadas aos palestinos pelas resoluções da ONU. A cada ano, grupos de famílias são estimuladas pelo governo israelense a fixar moradia em territórios da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Com isso, os mapas da Palestina mostram que as aglomerações de árabes nessas zonas reduzem-se periodicamente, vendo-se ocupadas por colônias de judeus. Bruno Huberman (2014) afirma que o projeto estatal israelense visa a judaização da Palestina por meio de incentivos financeiros e ideológicos, que atraem judeus seculares e ultraortodoxos. Segundo ele,

depois de fragmentar a superfície da Cisjordânia com muros e outras barreiras, os planejadores israelenses agora tentariam tecer tudo junto como duas geografias nacionais separadas, porém sobrepostas sobre a mesma área em três dimensões, sem ter que cruzar uma com a outra (HUBERMAN, 2014, p. 125).

A implantação de um Estado judeu envolve a forte identificação do território com o perfil étnico, religioso e histórico desse povo e depende da maioria populacional na região. Durante sua criação, Scalercio (2003) lembra que seu direito a existir necessitou de uma justificativa com base no apoio de outros Estados. As características das instituições israelenses seguiriam o molde da ideologia nacionalista ocidental, representada pelas revoluções inglesa, americana e francesa. Para ele, o Israel “moderno” é um ordenamento político ocidental, um “Estado Ocidental cravado no Oriente Médio” (SCALERCIO, 2003, p. 29).

O processo de ocupação por assentamento, na visão de Huberman (2014), ocasiona ainda o funcionamento de dois sistemas legais em um mesmo território, para dois grupos étnico-nacionais diferentes: “segregando legalmente os colonos judeus, que respondem à lei civil israelense, dos residentes palestinos, que continuaram a viver sob o regime militar (HUBERMAN, 2014, p. 133). Scalercio aponta que “o conflito passaria então a dar-se exclusivamente em um outro plano, alimentado pela falta de vontade política para a resolução do problema palestino” (SCALERCIO, 2003, p. 219). A aparente situação de calma em uma população inteira subjugada pela força militar de Israel durante décadas não apagou o descontentamento causado por desapropriações forçadas e poderio militar nos territórios ocupados.

Essa realidade criou um ambiente favorável à causa Palestina. Em 1974, a Conferência Árabe Reunida reconhecia a Organização pela Libertação da Palestina (OLP) como representante legítima do povo palestino. Ela havia sido criada dez anos antes, época em que Yasser Arafat, membro da organização *Al Fatah*¹⁵, ganhava popularidade. Para os palestinos, militarmente em desvantagem em relação aos israelenses, a guerra era uma maneira de obter o reconhecimento de sua autonomia como povo entre as nações árabes e os demais países. As más condições de vida nos territórios ocupados favoreceram o florescimento e o crescimento de grupos que passaram a apostar em ações de violência pontuais para serem ouvidos. Segundo Said, o perfil da população árabe palestina foi associada à representação do refugiado que, conforme a ocasião, são grupos mal tratados em campos de

¹⁵ Organização político militar palestina cujo nome significa "Movimento de Libertação Nacional da Palestina". Fundada em 1959 por Yasser Arafat, é a maior facção da Organização pela Libertação Palestina (OLP).

concentração, servem para interesses políticos e estão em ambiente favorável à criação de ideologias radicais.

Para os moradores de Gaza e da Cisjordânia, as promessas feitas em prol de seus interesses eram raramente atendidas e encaradas como marasmo desde a ocupação israelense. A causa da identidade Palestina recebeu adesões e a tática passou a ser a de uma campanha de guerrilhas, com ataques a alvos civis. “Sua desculpa para ação oportunista era a guerra, a ocupação, e sua regularidade deveria ser exatamente uma grande irregularidade” (SCALERCIO, 2003, p. 174). Diversos grupos e forças políticas destacavam-se entre os refugiados e apesar das divergências, *Al Fatah*, OLP e a Frente Popular pela Libertação da Palestina (FPLP) tinham em comum o objetivo de desestruturar o equilíbrio político israelense e ganhar representatividade, a fim de receber apoio externo.

O governo egípcio, liderado pelo militar Hosni Mubarak, inimigo da Irmandade Muçulmana, ordenou o fechamento de suas fronteiras com Gaza, com o pretexto de bloquear o tráfico de armas do *Hamas* na região. Em 2005, o governo israelense instituiu um bloqueio econômico na Faixa de Gaza, ordenando a retirada dos seus 8500 colonos da região. No plano estava prevista a construção de um muro, que incorporaria a Israel mais territórios palestinos da Cisjordânia, ricos em água, além de fechar a Faixa de Gaza e isolá-la, concedendo a Israel seu controle aéreo, marítimo e terrestre. Sobre os territórios divididos pelo muro, Huberman aponta que

a força ocupante destruiu e confiscou milhares de hectares de campos de oliveiras — principal fonte de renda de uma significativa camada da sociedade palestina —, separou fazendeiros palestinos de suas terras, pacientes dos hospitais e crianças de suas escolas. Ao invés de separar israelenses de palestinos, em várias áreas a barreira, na verdade, separou palestinos de palestinos, tornando claro que o argumento da segurança é, mais uma vez, insuficiente para justificar mais uma medida desproporcional, ilegal e ilegítima de judaização e desarabização (HUBERMAN, 2014, p. 120).

Desde então, a Faixa de Gaza encontra-se isolada por Israel e Egito. Apesar de ter sido menos bombardeada, a Cisjordânia passa pelo mesmo tipo de isolamento, em função da construção do muro e de postos militares de controle israelenses. O bloqueio à Faixa de Gaza limita a circulação de bens de consumo, construção e alimentação, situação que ocasiona graves prejuízos para a população. O volume de importações reduziu três quartos do montante que os moradores

recebiam antes do bloqueio.¹⁶ Segundo a UNRWA, o bloqueio deixou o enclave “mais isolado do que nunca”¹⁷. As restrições de entrada e saída de palestinos englobam três pontos de acesso: a passagem de Rafah que liga Gaza ao Egito, e Kerem Shalom e Erez que ligam à Israel. Dois outros pontos – em Sufa e Karni – foram fechados¹⁸.

1.3 A VISÃO ORIENTALISTA NA ABORDAGEM DA PALESTINA

Compreender a atual realidade palestina exige entender como se dá sua mediação simbólica em países ocidentais. As operações militares de Israel em Gaza são transmitidas ao mundo com a marca interpretativa de agências de notícias europeias e norte-americanas. Na sociedade contemporânea, centrada na visibilidade e na força das imagens, os meios de comunicação intervêm vigorosamente na disposição da realidade. Para Gadi Wosfeld (1997), além das dimensões política e econômica, os conflitos sociais possuem uma dimensão cultural, na qual colocam-se em disputa a produção de sentidos sobre os eventos. Para ele,

as transações entre os antagonistas e os media são mais que uma questão de negócios. Elas são um conjunto de interações culturais nas quais os antagonistas promovem seus próprios frames do conflito, enquanto os media se esforçam por construir uma história que pode ser entendida pela audiência (WOSFELD, 1997, p. 31).

O pesquisador Edward Said (1990) discute o sistema de conhecimento que o ocidente constrói sobre o oriente, tornando-o um conjunto de noções aceitáveis para a consciência ocidental. Assim como o Oriente, a Palestina pertence a um universo distinto daquilo o que se está acostumado no outro lado do Atlântico. Para Said, o território representa aquilo o que sintetiza uma questão internacional importante no pós-guerra: a disputa pela, para e na Palestina.

A partir da decodificação de símbolos da literatura e da arte em geral, adotam-se representações do povo árabe adaptadas ao modo de ver do ocidente. Segundo Said, estabelece-se uma dicotomia simbólica entre ocidente o oriente baseada em relações de poder. O intelectual ocidental, conforme Said, detém as lentes do conhecimento que apresentam o oriental para a consciência ocidental,

¹⁶ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/05/100531_entendabloqueiogaza_ji.shtml

¹⁷ <https://nacoesunidas.org/onu-alerta-que-o-bloqueio-a-gaza-prejudica-gravemente-as-condicoes-de-vida-palestinos/>

¹⁸ <https://nacoesunidas.org/onu-alerta-que-o-bloqueio-a-gaza-prejudica-gravemente-as-condicoes-de-vida-palestinos/>

reforçando assim o poder intelectual de uma cultura sobre a outra, na qual o “nós” é o detentor do sistema de conhecimentos e o “ele” se constrói a partir da representação feita pelo “nós”. Said aponta que

ter um tal conhecimento de uma coisa como essa, é dominá-la, ter autoridade sobre ela. E nesse caso, ter autoridade quer dizer que “nós” negamos autonomia para “ele” – o país oriental - , posto que o conhecemos e que ele existe, em certo sentido, como o conhecemos (SAID, 1990, p. 43).

Nessa perspectiva, o conhecimento pode ser avaliado como uma forma de poder simbólico porque constrói significados a respeito das terras do oriente, como um lugar hostil, distante, sobre o qual são atribuídos sentimentos de vazio, perda e desastre. Said também defende que, em um sentido mais amplo, a Ásia enquadra-se em um modelo construído pela imaginação europeia, que foi pouco a pouco sendo transmitido para o ocidente. Embora essa visão do oriente venha sendo representada por estruturas dominantes desde a época colonial, ao longo dos séculos XVIII e XIX o perfil delineado ganha novas forças culturais devido à expansão europeia no período. Said acredita que, junto da ampliação das fronteiras da Europa, sua identidade como centro privilegiado e observador do resto do mundo se reforçou. O oriente se configura então como uma localidade exótica, ambiente para os romances, “utopias imaginativas, jornadas morais e reportagens científicas” (SAID, 1990, p. 192).

Desde a segunda metade do século XX, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, o eixo do poder econômico e político mundial migrou da Europa para os EUA. Segundo Said, o muçulmano árabe torna-se então uma figura da cultura popular americana, com sua imagem passível de várias representações. A atenção que ele ocupa tem um valor negativo, sendo visto como um perturbador, ou como um obstáculo à criação do Estado de Israel em 1948. Cumpre-se assim a lógica de estereótipo, acomodando a noção “árabe” a um conjunto de reduções tendenciosas.

vestida tal como fora planejado originariamente, a classe deveria agora caminhar em fila, com as mãos acima da cabeça em um gesto de derrota abjeta. Era nisso que o árabe se transformara. De um estereótipo vagamente delineado como um nômade montado em um camelo a uma criatura aceita por todos, de encarnação da incompetência e da derrota fácil: esta era toda a latitude concedida ao árabe (SAID, 1990, p. 290).

Sobretudo após a crise do petróleo de 1973, associam-se ao árabe imagens como alguém ameaçador, feitas com fotos ou caricaturas junto a bombas ou

explosivos. Cria-se então uma atmosfera cultural que percebe o muçulmano árabe como um inimigo, um fornecedor de petróleo e “uma sombra que persegue o judeu”. As produções cinematográficas e televisivas expõem os árabes como violentos, capazes de intrigas tortuosas, traiçoeiros, saqueadores ou piratas. Além disso, ele é visto geralmente em grandes grupos, não lhe sendo conferida uma nota pessoal de individualidade. O árabe passa a ser objeto de estatísticas, resumos, reduzido a tendências e desumanizado. Said defende que “a maior parte das imagens apresenta massas enraivecidas ou miseráveis, ou gestos irracionais. À espreita, por trás de todas essas imagens, está a ameaça da *jihad*. Resultado: um temor de que os muçulmanos tomem conta do mundo” (SAID, 1990, p. 291).

Para Said (2012), a Palestina fazia parte do pensamento estratégico de países como França e Inglaterra e, conforme essa concepção, necessitava desenvolvimento, civilização, reconstrução. O apoio inglês ao sionismo significou, segundo ele, a recuperação da “pátria perdida” aos judeus, tornando-os mediadores entre as nações civilizadas e os povos “atrasados” da região. A política adotada no território tinha como pressupostos três ideias dos ideólogos sionistas:

a inexistência de habitantes árabes, a atitude complementar judaica-ocidental em relação a esse território “desocupado” e o projeto sionista de restauração, que seria repetido pela reconstrução de um Estado judeu que havia desaparecido e por sua combinação com elementos modernos, como colônias distintas e disciplinadas, agências especiais para a compra de terras, etc (SAID, 2012, p. 77).

Na visão de Said (2012), as lutas entre judeus e árabes palestinos devem ser compreendidas segundo as noções de presença e interpretação. A primeira refere-se à habitação da população árabe na Palestina. A segunda está baseada no conjunto de ideias do sionismo. De um lado, tem-se o movimento sionista que reivindica a posse do território palestino segundo a argumentação de que a Palestina sempre esteve destinada aos judeus. De outro, a presença nesta terra de uma população árabe em sua maioria praticante do islamismo¹⁹.

Para Said (2012), a disputa cristaliza-se em uma esfera cultural e simbólica, na qual o direito de um povo em ocupar territórios se fundamenta na compreensão da inexistência de outro. Ele aponta que cobertura midiática

¹⁹Religião monoteísta fundada pelo profeta árabe Maomé (570 ou 580-632), que codificou sua doutrina em um livro sagrado, o Corão, que se tornou o fundamento escrito da fé muçulmana.

transformou a Palestina em um “não lugar”, de onde sobressaem reducionismos, generalizações fáceis e instantâneas e que destituem o povo palestino de cidadania. Embora o território tenha ganhado mais representatividade em órgãos internacionais, como na ONU, e ainda seja tratado como um palco de conflitos e refugiados, a realidade Palestina persiste como uma “ideia, uma experiência política e humana e um ato de persistente vontade popular” (SAID, 2012, p. 05).

As imagens, textos e sons de uma matéria jornalística estruturam-se numa narrativa inteligível sobre a temática e seus envolvidos. A apresentação da problemática é construída a partir dos elementos das imagens e narrativas dos meios de comunicação. Segundo Said, “para muitas pessoas que acompanham as notícias pelos jornais, pela TV e pelo rádio (...), o Oriente Médio é essencialmente o conflito árabe-israelense, e não muito mais do que isso” (SAID, 2012, p. 05). No capítulo 2 serão apresentados os conceitos da Semiótica da Cultura, na perspectiva de Ivan Bystrina (1989) a fim de relacioná-los com a noção de dramaturgia e sua expressão no telejornalismo brasileiro.

2. A SEMIÓTICA DA CULTURA E A DRAMATURGIA

A pesquisa do pensador tcheco Ivan Bystrina (1989) discutiu a organização de signos na Cultura em forma de códigos, contribuindo para os estudos da Semiótica. Para Bystrina (1989), a Cultura pode ser entendida como Texto, isto é, um complexo de signos que têm sentido. A interpretação semiótica não designa o Texto cultural como uma construção da linguagem verbal, mas como qualquer peça produzida pelo homem a nível simbólico: uma música, uma propaganda, uma roupa. Bystrina fundamentou suas ideias em consonância aos estudos semióticos da Escola de Tartu-Moscú, que também foram discutidas e retomadas pelo pesquisador brasileiro Norval Baitello Jr. (1999).

Entende-se que a perspectiva de Bystrina interpreta como os processos semióticos se desenvolvem a níveis socioculturais. A partir dessa estruturação, estabelece-se um discurso da imagem (*Bildsprache*) que norteia a produção e a recepção da mensagem audiovisual. O trabalho de Bystrina torna-se útil para a análise de produtos audiovisuais, como as reportagens de TV. Ele permite olhar para as imagens, textos e sons na perspectiva de seus significados culturais e a partir disso entender a produção de sentido junto ao público. Acredita-se que as reportagens televisivas são produtos culturais, apresentam certos padrões na estruturação da informação e podem ser designadas como Textos, despertando um ou mais sentidos ao espectador. Percebe-se que nas matérias sobre crises e conflitos destacam-se imagens que se estruturam segundo pares de oposição, como morte e vida, ameaça e segurança, dia e noite.

2.1 O CONCEITO DE IVAN BYSTRINA

As ideias dos filósofos da Escola Semiótica Tartu-Moscú²⁰ influenciaram a forma do pensador tcheco Ivan Bystrina organizar a relação entre Semiótica e Cultura em um trabalho unificado, conhecido por Semiótica da Cultura. Segundo o pensador, ela “pode ser definida como a ciência que trata dos signos e dos textos da Cultura”. (BYSTRINA, 1995 p. 01). Ainda pouco conhecido no Brasil, a reflexão de

²⁰ A Escola Semiótica Tartu Moscú reuniu uma série de investigações no campo das artes e das ciências para o estudo da linguagem na cultura. Segundo Irene Machado (2003), foi um campo de investigação formado por diversos teóricos que trataram da abordagem semiótica da cultura de forma interdisciplinar.

Bystrina fundamenta sua definição de Cultura sobre a perspectiva Semiótica. Para ele, existem dois níveis de realidade: a primeira abarca o mundo material no qual o homem circula e luta para sobreviver, com suas leis físicas e biológicas. As criações da imaginação impulsionadas pelo sonho e as motivações da consciência fazem surgir uma segunda realidade, a realidade da Cultura. Bystrina afirma que “die zweite Wirklichkeit ist jedoch nicht vom Jenseits. Sie existiert wirklich in den “grauen Zellen” der Gehirne, und sie ist in die wahrnehmbaren, materiell-energetischen Zeichen und Texte (Rede, Bild, Geste, Film, Musik) umwandelbar” (BYSTRINA, 1989, p. 242)²¹

Segundo ele, a Cultura é o conjunto das operações de significado da segunda realidade. Ela possui, portanto, um caráter sígnico, é construída por signos e realizada em Textos. Entende-se que a noção de Textos da Cultura não se limita às produções da linguagem verbal, mas abrange as imagens, mitos, arte, jogos, danças, ideologias, etc. Em consonância com os pensadores da Escola Semiótica Tartu-Moscou, Bystrina define ‘Texto’ como um complexo de signos que têm sentido”. (BYSTRINA, 1995, p. 04).

Para Bystrina, a primeira e a segunda realidades estão relacionadas, uma vez que o material dos Textos provém das vivências do homem na primeira realidade. Baitello Jr. (1999) discute a formação da Cultura como segunda realidade ligada ao plano do sonho, que impulsiona as criações da imaginação e se organiza textualmente. Ele afirma que ambas relacionam-se na sobrevivência do homem. Segundo ele, “desprender-se da primeira realidade portanto é algo que se dá como um desdobramento inevitável da própria realidade primeira. E a criação de uma segunda realidade acontece com modelos dados da primeira” (BAITELLO JR, 1999, p. 28). O autor lembra que a segunda realidade constitui um nível simbólico, no qual a unidade mínima é o Texto.

A Cultura, ou segunda realidade, dispõe de mecanismos semióticos (produção, recepção e organização dos signos) que lhe são próprios. Para Baitello Jr. (1999), os signos nesse nível encadeiam-se formando um universo de sentidos. Ele afirma que

²¹ “ela não é algo do outro mundo, do além. Ela existe realmente nas células cinzentas dos cérebros e é transponível em signos perceptíveis, em signos materiais e energéticos e textos, como a fala, a escrita, a imagem, os gestos, filmes, músicas” (BYSTRINA, 1989, p. 242)

somos levados a crer que (...) este tipo de pensamento simbólico e narrativo seja fundante no processo de hominização e no desenvolvimento do acervo informacional primevo da espécie humana, sendo portanto fundante da cultura humana. Narrativizar significou e significa para o homem atribuir nexos e sentidos, transformando os fatos captados por sua percepção em símbolos mais ou menos complexos, vale dizer, em encadeamentos, correntes, associações de alguns ou de muitos elos sígnicos. Foi provavelmente esse procedimento o gerador de um universo de sentidos – o universo simbólico – que a Semiótica da Cultura procura investigar (BAITELLO JR., 1999, p. 37).

A narratividade é própria da Cultura, ou seja, os signos organizados formam Textos com sentido, que estruturam os eventos passados ou presentes em forma de história. Isso significa que o universo cultural compõe um conjunto de informações acumuladas ao longo da história humana. Essa produção e organização torna-se viável devido à capacidade imaginativa do homem de estabelecer relações, de narrar, segundo Baitello Jr., aquilo o que não está explicitamente encadeado. Conforme Bystrina, essa informação dos Textos acumula-se em forma de memória e possibilita, através da produção e da recepção dos signos, a comunicação entre os indivíduos.

Para Bystrina, “die Kultur ist damit die in Texten dargestellte und gespeicherte, nach aussen verlegte zeichenhafte Manifestation der durch menschliche Kreativität, Imagination und Phantasie erschaffenen zweite Wirklichkeit” (BYSTRINA, 1989, p. 244)²². A noção de Texto não se limita ao tipo de suporte, podendo somente ser aplicada à imagem, ou à pintura, mas pode valer também para um conjunto de imagens, músicas, livros, ou peças mais complexas como um filme. Por isso, os estudos Bystrina contribuem para a análise das reportagens televisivas, se forem vistas como Textos culturais ricos em significados.

Bystrina diferencia os Textos em categorias, segundo sua função na Cultura. Os Textos instrumentais, conforme Bystrina, são produzidos para atingir determinado objetivo e fazem parte das atividades fundamentais para a sobrevivência do homem. Nos Textos racionais, aparecem a lógica, a matemática e os textos das ciências exatas. Na terceira categoria, estão os textos imaginativos, que estão situados no centro da Cultura humana. São os mitos, as obras de arte, os rituais, as ficções, etc. Segundo ele, os Textos e signos “preenchem uma função

²² a Cultura é aquilo mostrado e armazenado em forma de Texto nas manifestações simbólicas que criam a segunda realidade pela criatividade, imaginação e fantasia (BYSTRINA, 1989, p. 244).

comunicativa, uma função de participar, de informar, no sentido amplo da palavra. Mas eles preenchem também outras funções, como por exemplo, a função estética, ou emotiva e expressiva, ou ainda outras funções sociais” (BYSTRINA, 1995, p. 04).

Ao analisar a Cultura como Texto, Bystrina observou uma relativa invariância na estruturação dos Textos, além de uma certa regularidade nos processos de informação. A constância, segundo ele, pode ser designada como formação de regras ou de padrões. Tais regras – que organizam os sistemas de informação e os sistemas de sinais em estruturas dinâmicas, constroem inteiros sistemas de regras, com estruturas invariantes, que se naturalizaram em forma de códigos. A construção da Cultura dá-se sobre uma formação estruturada de códigos – sequência de regras ou padrões de relação – que, conforme seu nível de estruturação, vai formando os signos e Textos. A Cultura se expressa portanto no terceiro nível de organização desses códigos. Segundo Bystrina,

wenn wir unter Zeichen wahrnehmbare, von jemandem intentional produzierte und rezipierte, etwas anderes repräsentierende (Information über das Bezeichnete tragende) Dinge oder Ereignisse der Aussenwelt verstehen, müssen wir als Zeichensysteme eigentlich strukturierte Zeichenkomplexe bzw. Texte bezeichnen²³ (BYSTRINA, 1989, p. 108).

Para identificar a expressão dos códigos em algum Texto da Cultura, é necessário descrever alguns conceitos da Semiótica segundo Bystrina, como: estrutura, signo, sistema, código e Texto. Para ele, um “sistema” é um produto ou objeto composto por uma sequência de elementos ou de relações entre esses elementos. O termo “estrutura” pode ser entendido como a sequência de relações entre os elementos de um sistema, como um sistema de informações. Sobre a relação entre código, signo e sistema, Bystrina apontou que:

die Produktion und Rezeption Von Zeichen als wahrnehmbaren Objekten oder Ereignissen, die (ähnlich wie Anzeichen) Information über andere Objekte, Designate, tragen, setzt solche Systeme voraus, die zugleich Empfänger – als auch Sendereigenschaften und dazu einen gemeinsamen Code besitzen. Zeichenprozesse bringen nicht nur den Sendern, sondern grundsätzlich auch den Empfängern einen unbestreitbaren Selektionsvorteil, sie sind für die

²³ Quando entendemos por signo algo inteligível (que é recebido e produzido por alguém), e que representa algo diferente (coisas ou eventos) de si mesmo, devemos designá-lo como formador de sistemas de signos estruturados, complexos de signos ou Textos (BYSTRINA, 1989, p. 108).

weitere Entwicklung Von grundlegender Bedeutung. Sie ermöglichen eine beträchtliche Informationskumulation und eine echte Kommunikation zwischen den Lebewesen, vor allem zwischen Artgenossen, zwischen Mitgliedern von Gruppen und Sozietäten (BYSTRINA, 1989, p. 106).²⁴

O código é um padrão de seleção que atua como regra para a organização das informações, embora nem toda informação possa ser denominada de signo. A diferença entre ambos está na presença da intenção. Luciano Guimarães (2000) resume o pensamento de Bystrina ao tratar da cor como informação. A cor, segundo ele, é um exemplo de informação que cumpre funções específicas quando aplicada com determinada intenção em determinado objeto. Ele entende a cor como informação atualizada do signo. Por sua vez, os signos (produzidos com intenção) estarão compostos em complexos significativos – os Textos – e organizados por sistemas de regras – os códigos.

Para Bystrina, “o signo porta informações não apenas sobre aquilo que designa, ou representa, mas também sobre si próprio (BYSTRINA, 1995, p. 06). Segundo ele, os signos relacionam-se mutuamente, em processo entre o produtor²⁵ – que pode ser qualquer organismo vivo - e o receptor de signos²⁶. Mas na ausência de intenção desse processo, o conceito de informação pode ser tratado como pré-signo: “o signo é portador da informação, mas nem toda a informação é um signo” (BYSTRINA, 1995, p. 06).

O pesquisador alemão Günter Bentele (1981) relacionou o estudo da Semiótica da Cultura com a produção da informação nos meios de comunicação de massa. Segundo ele, identifica-se uma estruturação de signos própria de cada mídia. Ele salienta a contribuição de Bystrina ao relacionar a influência dos códigos secundários e terciários da cultura no regramento da informação na TV. Essa concepção de cultura como texto significa que "alle kulturellen Prozesse Zeichenprozesse sind und dass alle kulturellen Produkt als Texte betrachtet werden

²⁴ A produção e a recepção de signos como objetos e eventos inteligíveis possuem informações sobre outros objetos e pressupõem determinados sistemas, os quais devem ser organizados em códigos comuns para receptor e o emissor. Processos de signos trazem não só ao emissor, mas principalmente ao receptor uma inegável vantagem de seleção. Elas atuam como para um posterior desenvolvimento dos significados e possibilitam a acumulação de informação e comunicação entre homens, mundo, grupos de indivíduos e sociedades (BYSTRINA, 1989, p. 106).

²⁵ *Zeichenproduzent*

²⁶ *Zeichenrezipienten*

können" (BENTELE, 1989, p.01)²⁷. O sistema e os processos informativos ocupam um importante lugar no regramento dessas estruturas, uma vez que são naturalizados pelos códigos.

2.2 CÓDIGOS

Ao explicar o funcionamento das estruturas, Textos e sistemas de informação na Cultura, Bystrina detectou a presença de padrões de organização que regulam os processos de signos. Esses padrões recebem a designação de códigos e transitam em três níveis distintos: códigos primários, secundários e terciários. Para o pensador, o código é um sistema de regras, que funcionam como padrões de seleção para a estruturação da informação. Segundo ele

primeiramente são ativados os códigos primários. São códigos que regulam a informação presente no organismo e, portanto, na vida biológica. O código genético é um deles. Todas as atividades têm os seus códigos primários, não só a percepção. Os códigos primários são suficientes para transmissão de informações. Mas não para a produção de signos. Já os textos são elementos produzidos de acordo com padrões estruturais adequados, de acordo com regras. (BYSTRINA, 1995, p. 05)

Os códigos primários controlam a informação presente nos organismos vivos, como a genética. São classificados como pré-signos, pois não possuem intenção na informação transmitida. A linguagem humana é composta por códigos secundários, mas somente a partir dos códigos terciários é que surgem os textos da cultura, que podem ser o fundamento dos mitos, utopias, ideologias, arte, literatura e textos midiáticos. Sobre a relação entre esses três níveis de códigos e os meios de comunicação, Bentele (1981) destacou que os terciários influenciam a produção e a recepção dos textos midiáticos em uma nova magnitude. Segundo ele, aí estariam presentes as regras de ouro dos layouts, as regras de construção das notícias, dos programas de TV.

No nível dos códigos primários, o autor designa aqueles que regem os processos de informação orgânicos, embora ainda não sejam signos. Como exemplo, Bystrina apresenta os códigos de percepção e os sistemas hormonais.

²⁷ Processos culturais são processos de signos e que todos os produtos culturais podem ser tratados como textos (BENTELE, 1989, p.01).

Segundo ele, os códigos primários constroem as bases dos processos sógnicos socioculturais, que se desenvolvem a partir de “Zeichenprozesse entwickelten sich offenbar auf der Basis einfacher Informationsprozesse durch Kontakte von Individuen, insbesondere mit der Entstehung von Sozietäten” (BYSTRINA, 1989, p. 82).²⁸

Segundo ele, os códigos primários controlam a informação presente nos organismos vivos, como a genética. São classificados como pré-signos, pois não possuem intenção na informação transmitida. Eles são os códigos mais elementares, embora relacionam-se mutuamente com os demais níveis de códigos. Sobre essa relação, Guimarães (2002) aponta que a binariedade, por exemplo, é característica fundamentada nos códigos primários, regulamentada pelos secundários e aplicada na dimensão cultural dos códigos terciários.

No segundo nível, observam-se os códigos secundários, pelos quais se desenvolvem os sistemas de signos estruturados, como a língua e a fala (com seu repertório de signos e significados). Daí entende-se que a formação de signos se dá a partir dos códigos secundários. Embora eles ainda não sejam parte da Cultura, as regras para a composição dos textos vêm dos códigos da linguagem - os códigos secundários – e possibilitam o processo comunicativo. Segundo Bystrina

Zeichenprozesse bringen nicht nur den Sendern, sondern grundsätzlich auch den Empfängern einen unbestreitbaren Selektionsvorteil. Sie ermöglichen eine beträchtliche Informationskumulation und eine echte Kommunikation zwischen Mitgliedern von Gruppen und Sozietäten (BYSTRINA, 1989, p. 106)²⁹.

Sobre a relação entre os códigos primários e secundários, Bystrina sugeriu que ambos regram, cada um na sua camada, a construção dos complexos de signos e Textos, formando a Cultura, ou a “Textwissenschaften”³⁰. Nela estariam estruturadas regras dos produtores e receptores dos Textos em um terceiro nível, sobre o qual os sistemas de signos mais elementares se amontoariam. O estudo da Semiótica da Cultura volta-se, portanto, para os códigos terciários, que, segundo sua

²⁸ Processos de signos desenvolvem-se a partir das bases de processos de informação mais simples, pelo contato entre indivíduos e com o surgimento das sociedades (BYSTRINA, 1989, p. 82).

²⁹ Os processos sógnicos trazem uma vantagem de seleção ao emissor e ao receptor. Os sistemas sógnicos regulados possibilitam uma acumulação de informações, como o surgimento de uma verdadeira comunicação entre indivíduos, dentro de grupos e sociedades (BYSTRINA, 1989, p. 106).

³⁰ Ciência do Texto

estrutura, origem e desenvolvimento tornam-se a questão primordial para essa Escola.

A estrutura dos códigos terciários é binária e polarmente organizada, isto é, segundo a referência em pares: vida/morte, céu/terra, esquerda/direita, paz/guerra, etc. Segundo Bystrina, "auf der Unterscheidungen basierend, die für Information s- und Zeichenprozesse konstitutiv sind, erweist diese Struktur von Anfang an eine Polarität der Bewertung und Entscheidung" (BYSTRINA, 1989, p. 88)³¹. Desse modo, os signos que aí se organizam podem ser avaliados positiva ou negativamente. A binariedade é uma característica que os códigos terciários têm em comum com os demais, os primários (códigos da informação) e secundários (códigos da linguagem).

Para Bystrina, a estrutura binária contém diferenças contrárias. São oposições que, dependendo dos fenômenos diferentes que unem, conectam-se entre si. O processamento da informação depende da presença de uma em relação à outra. Ele exemplifica que o "claro" não pode tornar-se conhecido sem o "escuro", assim como nas oposições entre o "acima" e o "abaixo". As estruturas dos códigos terciários organizadas binária e polarmente também são assimétricas. O pesquisador sublinha que os polos associados a valores negativos são sentidos mais fortemente, de modo a estabelecer uma assimetria com relação aos polos positivos. Por exemplo: imagens de morte vão deixar uma experiência mais intensa e estabelecer uma relação mais marcante no processo comunicativo do que imagens associadas à vida.

Segundo Bystrina, os códigos terciários são tipicamente culturais, pois estão organizados acima do sistema de regras da língua natural. Há processos de signos que demonstram na sua construção alguns padrões invariantes, que não são formados apenas por caracteres secundários, mas se amontoam sobre um nível mais alto. Este sistema de regras, na visão do pensador, organiza a transformação das ações sógnicas complexas e tem um caráter sociocultural, isto é, compõem diferentes produtos da Cultura humana. Do ponto de vista evolutivo, Baitello Jr. sinaliza que os códigos terciários têm um importante papel no desenvolvimento humano. Para ele,

nem a descoberta de importantes artifícios, nem o fortalecimento da proteção pela reunião de indivíduos em sociedades conseguiu resolver alguns problemas que afligiam o homem, tais quais doenças, fenômenos e catástrofes naturais e principalmente o mais forte, insolúvel e inevitável de todos os problemas, a morte. É aí que, valendo-se das línguas naturais

³¹ baseada na diferença - algo constitutivo para o processo sógnico e informativo - essa estrutura prova uma polaridade de valoração e de escolha (BYSTRINA, 1989, p. 88).

(comunicação corporal, comunicação gestual, comunicação sonora e comunicação verbal) o homem cria uma “segunda realidade” na qual esses problemas – e muitos outros que não podia compreender – são superados no nível simbólico. Esta segunda realidade é regida pelos códigos terciários, culturais ou hiperlinguais (BAITELLO JR., 1999,p. 30).

Os códigos terciários estão presentes de forma comum em diversos aspectos da Cultura, formando uma *Gemeinsamkeit*³² de códigos e signos partilhada pelas sociedades. Bentele (1981) sugere que Bystrina estabelece uma conexão entre as regras culturais e códigos imagéticos, uma vez que observou a mesma constância dos códigos culturais nos *Filmcodes*³³, por se tratar de uma manifestação cultural específica. As imagens midiáticas, por exemplo, não estão dispostas aleatoriamente; pelo contrário, o sentido produzido pelo discurso da imagem segue as *Kompositionsregeln*³⁴ conduzidas pela binariedade, polaridade e assimetria dos códigos terciários.

Bystrina indicou que se estabelecem na Cultura tentativas de soluções para a assimetria dos códigos terciários. Os textos culturais, segundo ele, permitem a eliminação das oposições por meio de algumas possibilidades. Uma delas seria resolver as oposições binárias pela mediação integradora dos dois polos. O elemento intermediário teria a função de conduzir algo ou alguém de um polo a outro, como um herói, por exemplo, ou a terra, formando um intermediário entre as oposições de céu e inferno. Bystrina afirma que “outras soluções para a polaridade são os artifícios da união dos pólos opostos e da mediação dos opostos por um elemento intermediário” (BYSTRINA, 1995 p. 09).

³² Comunidade

³³ Códigos Fílmicos

³⁴ Regras de composição

2.3 O CONCEITO DE DRAMATURGIA

O drama apoia-se nos contrastes para apresentar-se ao público – vida e morte, vilão e vítima - começando pela natureza da luta do bem contra o mal, verificada nas atitudes características de quem está envolvido na narrativa. Baseada no confronto de interesses que se opõem na forma de conflito, identifica-se no drama as oposições binárias e assimetricamente polares dos códigos terciários. A partir desse raciocínio, é possível começar a estabelecer uma relação entre os conceitos semióticos de Bystrina e a estrutura dramática de uma narrativa. O drama acompanha a humanidade desde a Antiguidade e pensadores como Aristóteles discorreram sobre seu estatuto, características e elementos.

Como parte da arte, a narrativa dramática constrói-se sobre as tentativas do homem em reproduzir, imitar, representar o mundo que o cerca. Para Aristóteles, o conceito de drama está diretamente associado ao de imitação, que vale tanto para as tragédias quanto para as comédias. Como algo natural ao homem, a arte de imitar outros seres em ação o ajuda a construir seus próprios conhecimentos e, conforme Aristóteles, esse processo está associado ao prazer, colocando-o diante da realidade. Segundo o filósofo grego,

uma vez que o poeta é um imitador, como um pintor ou qualquer outro criador de imagens, imita sempre necessariamente uma de três coisas possíveis: ou as coisas como eram ou são realmente, ou como dizem e parecem, ou como deveriam ser. E isto exprime-se através da elocução em que há palavras raras, metáforas e muitas modificações da linguagem (ARISTÓTELES, 2004, p. 97).

Como imitação das ações e da vida, o enredo compõe-se da estruturação dos acontecimentos. A linguagem, portanto, possibilita que a estrutura do drama seja construída segundo uma narrativa, tornando viável sua compreensão. João Hilton de Siqueira (1992) explica que ela se organiza a partir da criação de uma expectativa para a personagem envolvida e/ou para o leitor. Quando essa expectativa se quebra, estabelece-se um conflito – condição para que o texto seja considerado como uma autêntica narrativa – e a busca por sua resolução.

É importante frisar a presença do conflito para a construção da narrativa dramática, diferenciando-a de um mero relato. Segundo Siqueira, (1992), o relato

desenvolve-se através de uma simples sequência de ocorrências factuais, diferente da narrativa, que se estabelece e se desenvolve a partir da existência do conflito. Para ele, a narrativa dramática encontra-se no plano da ficção, podendo ou não ter uma âncora na realidade. Entretanto, o que a caracteriza não é sua relação com a realidade, mas, sobretudo, a presença de elementos que geram o conflito, buscando solucioná-lo. Ao redor dele, o drama expande-se, fazendo com que os personagens trabalhem em prol da solução para o problema, que pode ou não ser encontrada, dependendo do seu grau de complexidade.

Sobre a importância do conflito na narrativa, Renata Pallottini (1988) lembra que a finalidade de uma ação passa a ser dramática se produzir paixões ou interesses opostos, colidindo vontades distintas que desencadeiam um conflito, condição e pedra de toque do drama. Portanto, segundo ela, o interesse dramático só se origina da colisão entre objetivos opostos dos personagens, de forma que o conflito e a ação dramática se pautem constantemente. Segundo Pallottini (1988), o conflito adquire um perfil dinâmico e desenvolve-se, caminhando para um fim determinado, para sua resolução. Desse conjunto expressa-se a finalidade de toda a narrativa: noticiar uma lição de moral, um exemplo de vida, uma avaliação, algo que possa ser aprendido e relacionado com a realidade. Conforme essa visão, pode-se concluir que os itens de organização da narrativa são a expectativa inicial, a resolução e o desfecho do conflito e sua avaliação, de modo a formar um texto com um todo coerente.

Essa coerência, segundo Siqueira, serve como uma unidade de significação, que transmite uma mensagem através das ações dos personagens; e para identificá-los, é preciso olhar para suas ações. “O que garante que a referência do texto seja mantida e exemplificada, através da narrativa, são as ações das personagens” (SIQUEIRA, 1992, p. 42). Dependendo de sua conduta, estabelece-se o seu papel no desenrolar da história, que adota como referência a luta do bem contra o mal. Janaina Gamba (2014) ressalta que a narrativa permite a tipificação dos personagens, segundo características comuns e culturalmente partilhadas. Segundo ela, “personagens-tipo são caracterizados por serem construções feitas ao redor de uma única ideia ou qualidade. Neles, a aparência física e o gestual estão intimamente ligados à representação de valores morais (o herói, a donzela, o vilão, o mentor, etc.)” (GAMBA, 2014, p.46).

Gamba (2014) lembra que a ação dramática é desenvolvida pela perseguição ao herói tornando o Vilão “um mal necessário”. O opositor gera o conflito porque colide com a vontade do personagem de chegar ao seu fim. Nesse caso, as ações do vilão atrapalham o protagonista e são contrárias às do herói. Por exemplo: atitudes como desobediência e ameaça podem ser atribuídas aos vilões, isto é, aqueles que impedem ou dificultam os demais personagens de alcançar seu objetivo. Segundo Gamba, “o vilão é a representação de uma baixa posição social, e conseqüentemente, sua moral também seria baixa” (Gamba, 2014, p. 50).

Aos heróis são atribuídos valores morais positivos, de estarem presentes para o auxílio, atuando como ponte entre o vilão e as vítimas. Para Gamba, “o herói é aquele que se dispõe a sacrificar suas próprias necessidades em prol de outros, sendo capaz de superar os limites e ilusões do ego, mesmo que, a princípio, seja alguém que acredita ser distinto do resto do seu grupo”. (GAMBA, 2014, p.48). As vítimas normalmente estão em um plano passivo, em que sofrem as conseqüências das situações conflituosas. Ao considerar a dramaturgia e suas características, a análise deste trabalho restringe-se na expressividade do conflito narrativo, marcado pela divergência de interesses. Serão levados em consideração pares de oposição envolvidos na dramaturgia relacionados à concepção de Ivan Bystrina, como vida e morte, dia e noite, ameaça e segurança e o elemento de mediação dos polos opostos.

2.4 CÓDIGO TERCIÁRIO E A DRAMATURGIA NO TELEJORNALISMO

Na perspectiva de Bystrina, as notícias televisivas podem ser entendidas como Textos da Cultura que produzem sentido ao receptor. A informação na televisão está organizada de modo que o texto verbal e a imagem complementam-se e, juntos, formam uma narrativa. Por ser um importante veículo de comunicação e emissora de imagens, a televisão merece destaque quando se trata de relacionar o papel da imagem na produção de sentidos. Veículo de forte apelo popular e alcance de grandes públicos, a televisão tem no fluxo ininterrupto de imagens a difusão de suas mensagens.

Diferente de um impresso, onde as imagens não estão em movimento, as oposições binárias na TV aparecem lado a lado, em sequência dinâmica, formando

uma narrativa. Devido a esse poder de narratividade pelas imagens, as reportagens de TV apresentam a binariedade com grande força de produção de sentido e penetração social. Harry Pross (1985) destaca o aparelho de TV como um sistema de símbolos chave da Cultura. Segundo ele, a tela emoldurada do aparelho televisivo possui a capacidade de dirigir o olhar, conferindo significados ao que ali aparece e dividindo o mundo binariamente: o que está dentro da moldura de imagens adquire valor social, tem signos e símbolos compartilhados. Na visão de Pross,

er trennt innen und außen. Nur, was im Rahmen bleibt, kann innen sein, das heißt: wahrnehmbar für andere, Teil des Symbolverkehrs. Daher kommt es, daß, was auf dem Bildschirm erscheint, auch sozial „in“ ist: es ist aus dem großen Feld der Indifferenz, des Ununterscheidbaren, hereingehoben in einen Rahmen, der als solcher Bestandteil unserer privaten Umwelt ist, ein Mobiliar, mit dem wir tagtäglich leben. (PROSS, 1985, p. s/n)³⁵

A produção de notícias em TV estrutura-se a partir de códigos controlados pelos produtores (jornalistas) e pelos receptores dos signos (leitores, telespectadores), segundo Bentele (1981). Ele sugere que os processos jornalísticos das mensagens são processos de signos, exploráveis pela perspectiva semiótica. Ele afirma que “publizistische Prozesse als Zeichenprozesse betrachten verlaufen nach bestimmten Regeln. Geordnete Systeme solcher Regeln können ‘publizistischen Codes’ genannt werden” (BENTELE, 1981, p. 24)³⁶. Tomando como base a diferenciação de Bystrina entre códigos primários, secundários e terciários, Bentele (1981) divide os códigos jornalísticos em diferentes níveis. Segundo ele, organizados segundo códigos, os Textos são conjuntos de signos com sentido e ambos - Texto e signo - preenchem uma função comunicativa. Os produtos que surgem daí são imagens, textos, frases que as pessoas operam, e complexos de signos como jornais, filmes, programas de TV, etc. Uma matéria jornalística da televisão pode ser entendida como um Texto, estruturado segundo determinado código terciário.

A pesquisadora brasileira Iluska Coutinho (2012) identificou a presença da estrutura da dramaturgia nas notícias da TV. Os códigos terciários, baseados nas

³⁵ o aparelho de TV divide dentro e fora. Apenas o que permanece na moldura pode estar dentro. Quer dizer, perceptível para outros e parte do tráfego de símbolos. Disso se entende que aquilo que aparece na tela, também é social, „in“. Está fora do grande campo da indiferença do indiscernível, agora é colocado em uma moldura que também é um componente do nosso ambiente privado, com o qual vivemos dia a dia (PROSS, 1985, p. s/n).

³⁶ processos jornalísticos são considerados como processos de signos, que perseguem determinadas regras e os sistemas ordenados dessas regras podem ser denominados 'códigos jornalísticos' (BENTELE, 1981, p. 24).

oposições binárias, assimétricas e polares presentes no drama, podem organizar a informação do telejornalismo. A narrativa dramática funcionaria como um código também nesse gênero televisivo. Os grupos envolvidos são caracterizados a partir de opostos – vítimas, heróis e vilões. Nas notícias sobre conflitos, ganham destaque os signos que se opõem e que são valorados negativamente como o escuro, as explosões, a morte, os inimigos ou os vilões. Desse modo, jornalistas se apropriariam da estrutura binária e assimetricamente polar dos códigos terciários para transmitir suas mensagens em forma de drama.

Por isso, os estudos de Bystrina na Semiótica da Cultura contribuem para análise das reportagens na perspectiva da dramaturgia. O telejornalismo destaca-se no mundo dominado pela visualidade, pois ancora sua linguagem na força das imagens, decodificando os fenômenos socioculturais e devolvendo-os ao público com sua marca interpretativa. Jornalistas e veículos de comunicação articulam o real e produzem mensagens ao público a partir da construção da realidade. Como um produto cultural da sociedade do espetáculo, a televisão proporciona a estetização do cotidiano pelo fluxo ininterrupto de imagens.

A organização da notícia televisiva em forma de código permite analisar as imagens e os textos na narrativa dramaticamente construída, uma vez que apresentam-se na "matéria-drama" estruturas binárias e polares. Acredita-se que os signos indicadores da formação do "código dramaturgia" são as imagens que remetem principalmente ao conflito, porque aparecem em oposição. A caracterização dos envolvidos segundo estereótipos de vilão e vítima manifestam essa polarização narrativa nas imagens, conduzindo o conteúdo jornalístico pela sua dramaticidade.

Os códigos terciários funcionam como padrões que conduzem o processo de transmissão e recepção dos signos, produzidos em nível cultural. A partir dessa estruturação, estabelece-se um "discurso da imagem" (*Bildsprache*) que norteia a produção e a recepção do conteúdo audiovisual. As imagens encadeiam-se em um complexo que carrega uma mensagem ao receptor. Elas não se apresentam de forma aleatória, mas em sequência ordenada, de forma que uma depende da outra para produzir sentido. Nas reportagens televisivas sobre crises e conflitos sociais, é possível identificar a estruturação da narrativa pela ênfase nos signos que se organizam binariamente. Rico em imagens que se contrastam, o conflito noticiado manifesta constantemente, por exemplo, a oposição binária entre paz e guerra, ou entre vida e morte.

Tendo como base o espetáculo das imagens organizadas segundo um código informativo, a linguagem da notícia televisiva aproxima-se da dramaturgia, conforme a perspectiva de Coutinho (2012). A relação entre o drama e a notícia pode ser identificada principalmente a partir da existência de um conflito como núcleo central da narrativa, além da presença de personagens construindo a matéria com texto verbal, som e imagem. Para a pesquisadora, programas televisivos como os telejornais permitem aos espectadores acompanhar diariamente a realidade nacional e internacional como dramas cotidianos. Coutinho lembra que

a imitação da ação também se constrói essencialmente por meio da representação convertida em um texto. No caso da televisão e do telejornalismo seria importante observar os textos e construções narrativas presentes na imagem, nas falas de repórteres e entrevistados, nas músicas e nos encadeamentos de todos esses elementos por meio da edição (COUTINHO, 2012, p. 106).

A autora salienta que a narrativa desenvolve-se com a criação de um conflito a partir de uma expectativa. Sua duração depende da atuação dos personagens envolvidos na sua resolução. Os telejornais reúnem diariamente um conjunto de fatos construídos com a coleta de imagens e redação de texto. Ao reconstruírem a realidade, podem ser entendidos como “imitações das ações” que acontecem ao nosso redor e nos são transmitidas. Esse sentido de imitação remete às definições de Aristóteles, abrangendo um conflito que se desenvolveria na busca de sua resolução com a participação de personagens.

O telejornalismo brasileiro assume uma importante participação no cotidiano do público, pois, para a maioria dos cidadãos constitui a única via de acesso à informação. A linguagem televisiva, ao noticiar os fatos, segue um formato mais simplificado, ou coloquial. Para Coutinho, “a notícia em televisão, especialmente em um país voltado predominantemente para a comunicação oral, seria marcada pela tensão oralidade-escrita, ainda que seja possível identificar uma tentativa de ‘oralizar’ seu discurso” (COUTINHO, 2012, p. 53).

A figura do repórter tem uma função indispensável na elaboração das reportagens. A ele cabe o encargo de protagonizar os fatos, estabelecendo um vínculo com o público, por meio da narrativa. A presença do jornalista, na visão de Zélia Adghirni (2013) ultrapassa a descrição da realidade. Além de servir de testemunho, os relatos “vão além dos acontecimentos para se entrelaçar com a

história e a literatura. A experiência de narrar as histórias que produzem sentidos contém sua própria singularidade” (ADGHIRNI, 2013, p. 36). Segundo ela, a narrativa é uma maneira de pensar os fatos e, por isso, a figura do jornalista é central. Muitas vezes, “a relação do jornalismo com a história se tece pela voz do correspondente” (ADGHIRNI, 2013, p.40).

Embora as agências de notícias realizem a maior parte da mediação entre os acontecimentos e o público, o repórter não abandona sua tarefa de “interpretar uma parte do mundo para a outra” (HANNERS, 2004, p.123) de modo singular. Mesmo com a interferência da lógica empresarial no trabalho jornalístico, “o correspondente projeta expectativas, analisa, recua, se envolve e se distancia para construir seus relatos” (ADGHIRNI, 2013, p. 38). O olhar dos correspondentes ajuda a produzir significados sobre culturas, de maneira que não somente registra o instante, mas relaciona-se de modo especial com a antropologia, a história e a literatura. Para Adghirni,

o jornalista é uma testemunha ocular da História tem um percurso antigo que se perde na linha do tempo. Correspondentes estrangeiros ou enviados especiais em zonas de conflito muitas vezes são imbuídos desse ideal e partilham da crença de que têm uma missão a cumprir: contar o mundo ao mundo através da lente singular do repórter que descreve, narra e interpreta os fatos (ADGHIRNI, 2013, p. 37).

Coutinho (2012) ressalta que há algumas características comuns no telejornalismo brasileiro na forma de organizar a notícia, e destaca a “oralidade, o texto-fala, a simplicidade, o vocabulário reduzido e a ênfase nas repetições, a redação das imagens, e com elas, o caráter emocional, a propensão ao drama e tendência à serialidade” (COUTINHO, 2012, p. 52). A conversão de um tema noticiado pela televisão em narrativa é identificada, portanto, segundo a presença do conflito - uma crise instalada - e com a presença de personagens, que são as pessoas envolvidas nos fatos. Coutinho constata também que nos telejornais há a predominância de matérias que tratam de conflitos sociais reais, como guerras e acidentes:

os pesquisadores atribuem seu interesse pela análise de conflitos sociais nas notícias de televisão a três grandes razões: o impacto dos problemas sociais na sociedade/audiência televisiva, sua predominância como tema nas coberturas televisivas e a sugestão corrente de que os meios de comunicação de massa desempenham um papel central no desenvolvimento e na regulação desse tipo de conflito. (COUTINHO, 2012, p. 130)

As formas de representação da notícia em um telejornal seriam a apresentação do conflito e a sua resolução, tal como no drama. Segundo Coutinho, o

tipo de conflito que predomina nas narrativas televisivas são os de destino-ação, quando a estória gira em volta de um problema e a tentativa da sua resolução. Nela estão envolvidos diversos personagens, que atuam segundo seus respectivos papéis. Adota-se como referência os estereótipos encontrados mais frequentemente nas histórias: vilões, vítimas e heróis.

A eficácia da dramaticidade do conflito na televisão é comprovada pela frequência com que fatos relacionados a guerras, crises e conflitos políticos são apresentados. A televisão brasileira caracteriza-se pela força da teledramaturgia e eventos desse tipo fazem parte da pauta dos telejornais. De acordo com Eugênio Bucci (2000), o processo de “seleção e hierarquização” das notícias nos telejornais da TV brasileira “é muito mais dramático do que factual. Organiza-se como uma ficção e uma ficção primária: tem suspense, tem lição de moral, tem mocinhos e bandidos, os do ‘bem’ e os do ‘mal’, como desenho animado de super-heróis” (BUCCI, 2000, p. 49). O drama ganha força de espetáculo, pois seus signos estão em uma exposição dramatizada, na qual predomina o caráter emocional sobre o racional, a superficialidade sobre a complexidade.

Os elementos dramáticos que envolvem conflitos despertam a atenção de jornalistas e do público. Conforme Guillermo Monteros (1998), “por essas razões, a história do jornalismo está cheia de repórteres que cobriram conflitos armados de maior ou menor dimensão, por períodos curtos ou longos” (MONTEROS, 1998, p. 50). Essa visão vem ao encontro do raciocínio de Antônio Brasil (2003), para quem o “jornalismo internacional precisa ser sustentado por guerras ou desastres para sobreviver” (BRASIL, 2003, p. 65). Alimentada constantemente por imagens conquistam audiências, a televisão serve-se de cenas cada vez mais exclusivas e sensacionais.

Além disso, Pross aponta que as imagens em movimento da TV adquirem significados cuja binariedade desperta determinados valores. Por exemplo: perto e longe, claro e escuro, dentro e fora: “soweit ich weiß, überwiegen die positiven Bewertungen von innen diejenigen von außen. Innen: d.i. zugehörig, vertraut, Identifikationsangebot. Außen: d.i. nichtzugehörig, fremd, absonderlich”³⁷ (PROSS, 1985, s/n). Ao organizar as notícias pela narrativa dramática, o telejornalismo pode utilizar a estruturação binária, assimétrica e polar dos códigos terciários. A

³⁷ “até onde eu sei, sobrevivem os valores positivos de dentro àqueles de fora. Dentro: confiança, oferta de identificação, pertencimento. Fora, a não identificação, distância, estranho” (PROSS, 1985, p. s/n)

dramaturgia nas notícias pode ser identificada como um código, se reconhecidos os pares de oposições típicos do drama: o conflito entre dois lados, as características opostas dos antagonistas apresentadas nas imagens e nos textos verbais. Uma vez adotada como padrão narrativo, a dramaturgia permite que os significados das imagens se incorporem à cultura, com os sentidos produzidos no telespectador.

A partir do estudo de Ivan Bystrina, este trabalho seleciona quatro categorias: três delas são pares de oposições encontrados com frequência nas reportagens, próprios da dramaturgia e apontados por Bystrina. Também considera-se como categoria o mediador entre os polos opostos, cujo significado, segundo a concepção da Semiótica da Cultura, serve para suprimir a assimetria. Atribui-se ao repórter a figura de intermediário nos VTs.

Na construção do conflito dramático, ameaça e segurança têm sentidos opostos. São noções sobre as quais a narrativa dramática está organizada. Os envolvidos no drama diferenciam-se perante o receptor das imagens segundo as características distintas que ambos os valores acarretam. A ameaça está relacionada com a possibilidade de um mal provocado pelo vilão. Segundo Gamba, “a função dramática do vilão é a de desafiar o Herói, tornando-se um oponente em sua luta. O Vilão traz à tona o que o Herói teria de melhor, ao coloca-lo em situação de ameaça e risco” (GAMBA, 2014, p.52). A autora lembra que o vilão é caracterizado pela oposição à virtude, relacionado aquilo que é imoral e antiético. Ela afirma que

o Vilão configura-se como uma figura opressora, cuja ambição movida pelos próprios interesses configura sempre o sacrifício alheio. Levando-se em conta que a base do enredo melodramático é puramente maniqueísta, sem a maldade do Vilão, não há a definição da bondade do Herói. (GAMBA, 2014, p. 51)

O herói atua em nome da segurança e da paz do seu povo, de forma que, amparado pela segurança, suas ações – mesmo violentas – podem ser justificadas. Acredita-se que os envolvidos nos fatos apresentados pelo polo negativo da ameaça são representados como vilões junto do telespectador. Já o polo da segurança está associado com os valores positivos do herói, como dignidade moral, vitória, justiça e paz.

Em nível cultural, a oposição do claro e escuro ajuda a organizar os demais signos segundo a binariedade. No conjunto da narrativa, oposições como essa constroem no telespectador uma mensagem narrativa binária em seu conjunto. A

oposição de dia e noite prepara as imagens seguintes também binariamente. Percebe-se que as imagens separadamente não produziram o sentido que tem quando estão organizadas em pares de oposições.

A binariedade confere um valor de drama ao conjunto da narrativa, pois deixa marcado os dois lados do conflito em oposição. Esta categoria foi definida pela identificação com elementos visuais que remetam a significados opostos, entre vida e morte. Bystrina lembra que os pares de oposições são assimetricamente valorizados, de modo de que as imagens de morte (polo negativo) são percebidas mais fortemente do que as que remetem à vida (polo positivo).

Segundo Bystrina, estabelecem-se na Cultura tentativas de soluções para a assimetria nos códigos terciários. Os textos culturais permitem a supressão das oposições por meio de algumas possibilidades. Uma delas seria resolver a binariedade pela mediação integradora dos dois polos. A nível simbólico, o elemento intermediário faz a ligação de um polo a outro, como um herói, por exemplo, ou como a terra, que serve de intermediário entre as oposições do céu e do inferno. Bystrina afirma que “outras soluções para a polaridade são os artifícios da união dos pólos opostos e da mediação dos opostos por um elemento intermediário” (BYSTRINA, 1995 p. 09).

A tabela 1 reúne as categorias para análise, baseadas nos pares de oposições. No primeiro quadro são apresentadas as características de cada polo, identificados nas imagens e textos das reportagens. No segundo, exibem-se os possíveis significados relacionados aos polos.

Tabela 1 – Categorias de análise

<u><i>Categoria (par de oposição)</i></u>	<u><i>Características</i></u>	<u><i>Possíveis significados</i></u>
<i>Ameaça X Segurança</i>	<u><i>Ameaça – polo negativo:</i></u> Movimentos rápidos, esconderijos, ataques, rostos cobertos, gritos. <u><i>Segurança – polo positivo:</i></u> movimentos lentos, militarização, acenos.	<u><i>Ameaça:</i></u> hostilidade, medo, vilão, violência, barbárie <u><i>Segurança:</i></u> proteção, herói, defesa, ações em nome da paz
<i>Dia X Noite</i>	<u><i>Dia – polo positivo:</i></u> clareza, luz <u><i>Noite – polo negativo:</i></u> escuridão, pouca luminosidade	<u><i>Dia:</i></u> tranquilidade, paz, passagem do tempo <u><i>Noite:</i></u> medo, perigo, suspeita
<i>Vida X Morte</i>	<u><i>Vida – polo positivo:</i></u> crianças, ambulância, soldados, pessoas vivas <u><i>Morte – polo negativo:</i></u> Corpos enrolados, cemitério, enterro, caixões, escombros, feridos	<u><i>Vida:</i></u> vitimização civil, herói de guerra <u><i>Morte:</i></u> vilão, perigo, tragédia, guerra, sofrimento, destruição
<i>Repórter mediador</i>	Repórter no local dos fatos, gravação de passagem, entrevista, roupas de proteção	Interatividade com o telespectador, narratividade, aproximação com envolvidos, valorização dos elementos humanos

Fonte: a autora

No capítulo seguinte pretende-se apresentar a cobertura do *Jornal Nacional* sobre a crise entre judeus e palestinos na Faixa de Gaza, em 2014. Desde 2004, o telejornal possui um correspondente internacional em Jerusalém que produz reportagens para a Rede Globo.

3. A COBERTURA PELO *JORNAL NACIONAL* DO CONFLITO NA FAIXA DE GAZA, EM 2014

A televisão continua sendo o meio de comunicação predominante no Brasil. Dados do IBGE mostram que em 2013, 97,2% dos domicílios do país possuíam aparelho televisivo³⁸. Em função da audiência, os telejornais atuam como formadores de opinião, principalmente quando veiculam assuntos internacionais. De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia publicada em 2015, 95% dos entrevistados afirmam ver TV e 73% tem o hábito de assistir diariamente³⁹. A coleta de dados pretende demonstrar as características da cobertura do *Jornal Nacional* sobre o conflito mais recente ocorrido na Faixa de Gaza entre judeus e palestinos.

Introduzida no Brasil na década de 50, a televisão desenvolveu-se junto ao crescimento econômico do país. Conforme Sérgio Mattos (1990), o surgimento do veículo foi acompanhado por um período de transformações na estrutura social, política e econômica, influenciadas pela migração das populações rurais para as áreas urbanas em diversas regiões. Com a implementação da TV, também se tornou viável a formação de um mercado consumidor adaptado aos interesses das empresas publicitárias financiadoras dos veículos de comunicação. Arlindo Machado (1997) afirma que o telejornal tem a função de mediar os fatos através das vozes dos seus protagonistas ou de enviados especiais da televisão. Segundo ele, o telejornal ajuda a organizar o mundo para o telespectador e, no caso da TV, o sustenta dentro da lógica da globalização – como a exacerbação do espetáculo pautado pela informação visual. Para Eugênio Bucci (2000), a televisão é o instrumento de delimitação do espaço público brasileiro: é ela que define os limites com os quais o país informa-se sobre si mesmo, situa-se no mundo e se reconhece como unidade.

Diversas categorias, gêneros e formatos compõem a TV brasileira, como entretenimento, informação, educação. Para descrever o objeto da pesquisa, adotam-se as noções de José Carlos Aronchi de Souza (2004). Segundo ele, o telejornalismo é um gênero da categoria informativa, para a qual as emissoras mantêm uma

³⁸ Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad IBGE).
<http://www.ibge.gov.br/home/default.php>

³⁹ Fonte: Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Disponível em <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

estrutura tecnológica de produção independente. Aronchi afirma que “o gênero telejornalismo está classificado como um programa que apresenta características próprias e evidentes, com apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 148)⁴⁰. Ele defende que o telejornalismo representa um gênero fundamental para o conceito de rede de televisão. A transmissão ao vivo do estúdio confere, segundo ele, uma marca de atualidade ao gênero. Coutinho afirma que para apresentar as informações em um telejornal, são utilizados vários recursos e formatos. Segundo ela,

eles são combinados de forma a garantir a unidade da narrativa, ou o desenrolar da estória noticiosa, em que pese sua fragmentação em termos formais, ou de formatos, crítica bastante comum nas análises e estudos sobre a relação mensagem X conteúdo na televisão (COUTINHO, 2012, p. 156).

O gênero telejornalismo utiliza principalmente a reportagem na veiculação da informação, conforme Aronchi (2004). Ele chama atenção para a presença do repórter nesse tipo de formato, que narra o assunto e realiza entrevistas⁴¹. Desde o começo, o gênero informativo faz parte da programação e o primeiro telejornal brasileiro foi exibido pela emissora de TVPRF-3 TV Difusora ou Tupi de São Paulo. Segundo Coutinho (2012), o *Imagens do Dia* era apresentado pelo jornalista Maurício Loureiro Gama. Embora fosse diário, as imagens veiculadas eram fotografias dos fatos ou imagens filmadas transmitidas com dias de atraso. Em 1953, outro telejornal passou a fazer parte da programação: o *Repórter Esso* adaptou-se do rádio para a televisão, sendo transmitido pela Tupi de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A partir de 1964, os militares usaram a TV para levar a cabo o projeto de unificação nacional, criando um veículo que pudesse difundir seu conteúdo em rede. A Rede Globo de Televisão aproveitou a conjuntura para consolidar seu projeto empresarial. No fim da década de 60, os programas de auditório se mostravam desgastados nas grades de programação. As emissoras buscaram novos formatos e,

⁴⁰ Segundo Aronchi, o noticiário é o formato pioneiro utilizado pelos telejornais, com a presença do apresentador diante da câmera lendo os textos. A fórmula segue com a apresentação de reportagens externas, ao vivo ou gravadas pelos jornalistas.

⁴¹ Segundo ele, “a reportagem é um exemplo de formato que pode usar outros, como depoimento, narração em *off* e legendado” (ARONCHI, 2004, p. 174). Paternostro (2006) define narração como o texto da matéria gravado pelo repórter ou apresentador. Se for em *off*, o repórter não aparece na tela.

com investimentos e horários para propaganda fixos, a TV Globo passou a investir no telejornalismo.

Programa jornalístico veiculado pela Rede Globo, o *Jornal Nacional* possui representatividade junto à população brasileira. Foi o primeiro programa exibido em rede na TV aberta, em 01 de setembro de 1969, tornando-se fonte de informação para muitos brasileiros. Mattos (2002) salienta a regularidade do telejornal e afirma que o *JN* “também foi o primeiro programa regular a ser transmitido em rede nacional, introduzindo o conceito e marcando o início das operações da Rede no Brasil” (MATTOS, 2002, p.186). Para Coutinho (2012), desde setembro de 1969, o *Jornal Nacional* destaca-se na sociedade brasileira, podendo ser considerado como uma espécie de arena da vida pública no Brasil. O telejornal possui uma representatividade maior em relação aos outros telejornais brasileiros junto à população, razão que justifica a sua escolha como objeto de estudo dessa pesquisa. Beatriz Becker (2006) lembra que

O *Jornal Nacional* se caracteriza por um estratégico distanciamento dos apresentadores e repórteres na enunciação dos acontecimentos, ancorado pelos princípios de objetividade e parcialidade dos discursos jornalísticos e amparado por significativos recursos tecnológicos e financeiros. As narrativas das notícias agendam os fatos cotidianos sob um olhar oficioso da realidade e, ao mesmo tempo, sugerem um pacto de fidelidade com o telespectador na luta e na defesa dos direitos e interesses públicos, acenando com otimismo o caminho da modernização do país como solução viável para os problemas sociais, convocando a nação para um projeto político telerreal (...) (BECKER, 2006, p. 76).

Situado entre duas telenovelas, o *Jornal Nacional* já passou por transformações técnicas e de linguagem. Apresenta um padrão narrativo e tecnológico, que busca consolidar audiência nacional. O programa ainda mantém a supremacia nos telejornais que vão ao ar no país, traçando a hegemonia na produção de sentido sobre os eventos noticiados à grande parte da população. Segundo Paternostro, “o estilo de linguagem e a figura do repórter de vídeo tiveram os telejornais americanos como modelo. Implantando os avanços tecnológicos e modificando sua linha editorial, mantém a liderança de audiência no país”. (PATERNOSTRO, 2006, p. 38).

O *Jornal Nacional* foi o primeiro telejornal brasileiro a ter correspondentes internacionais. Desde 2013, o jornalista Rodrigo Alvarez trabalha em Jerusalém para

a Rede Globo. Para Paternostro (2006), correspondente é o repórter que realiza a cobertura de uma região no país ou no exterior, enviando matérias regularmente para a emissora. Sua presença na zona dos conflitos indica que o assunto receberá destaque na abordagem do telejornal.

3.1 COLETA DE DADOS

A coleta de dados apresenta o registro dos acontecimentos envolvendo israelenses e palestinos na Faixa de Gaza exibidos pelo *Jornal Nacional* em 2014. Ela reúne as reportagens e notas cobertas e ao vivo⁴² veiculadas entre 01 de janeiro a 31 de dezembro de 2014 e disponibilizadas no site da Rede Globo. A ausência de um repositório com os arquivos audiovisuais das TVs abertas no país e a dificuldade ao acesso aos vídeos por meio de solicitações à emissora, levou à coleta das reportagens pelo site do *Jornal Nacional*. Como o material não está disponível para *download* e pode ser removido a qualquer momento, optou-se pela gravação dos VTs na tela do computador. Nesse sentido, compartilha-se a visão de Brasil (2012), para quem os telejornais brasileiros constituem importantes documentos históricos para memória nacional, cujo acesso deve ser facilitado publicamente.

Os acontecimentos na região foram apresentados 59 vezes, totalizando 46 reportagens e 13 notas no ano. O predomínio do formato reportagem demonstra o destaque que o assunto recebeu na cobertura não somente no mês da Operação Margem Protetora, mas ao longo do ano. A partir da leitura dos dados, definiu-se o mês de julho como recorte para análise. No período, o telejornal fez uma cobertura quase diária do assunto: foram 27 reportagens, 02 notas cobertas e 01 nota ao vivo. O estudo do material divide-se em duas etapas. Na primeira, foram descritas as matérias e notas cobertas do recorte, com data, assunto e tempo de duração. Na segunda, analisam-se as 27 reportagens segundo a discussão de Bystrina (1989) e a identificação do código dramaturgia na produção de sentido sobre o conflito e envolvidos. Selecionou-se para essa fase somente o formato reportagem, por

⁴² Notas cobertas (NC) são, segundo Paternostro, “os textos lidos pelo apresentador do telejornal em *off*. (...). As matérias internacionais, feitas com texto *off* e imagens geradas das agências, são notas cobertas (PATERNOSTRO, 2006, p. 212)”. As notas ao vivo (NP, de notas peladas) são as informações lidas pelo apresentador do telejornal sem imagens. As notas pé são notas ao vivo apresentadas no final da matéria, com dados complementares à reportagem. Na classificação de Paternostro, reportagem pode ser sinônimo de matéria, definida como “o que é publicado ou se destina a ser publicado em qualquer veículo de informação” (PATERNOSTRO, 2006, p. 209).

envolver o repórter no local, entrevistas e processo de produção. Coutinho (2012) destaca as reportagens - ou VTs (*videotape*) – como o formato mais elaborado do telejornal. Segundo ela,

além de apresentar chances de construção de uma mensagem efetivamente audiovisual, já que imagem e som informam o telespectador, as matérias são elaboradas através da atuação de vários integrantes: o pauteiro/produtor, a equipe de reportagem externa (repórter, cinegrafista, motorista), o editor, o apresentador. Na construção e/ou montagem do *videotape*, são usados vários recursos como *off*, entrevistas e/ou sonoras, passagens de repórter, *sobe som*, *povo fala* ou *enquete* (COUTINHO, 2012, p. 123).

Na tabela 2, estão reunidas todas as reportagens e notas veiculadas em 2014 sobre os confrontos entre judeus e árabes na Palestina pelo *Jornal Nacional*.

Tabela 2 – Reportagens e notas de 2014 do JN

Mês	Dias	Reportagens	Notas	Tempo total
DEZ	01, 10, 11	3		05:15
NOV	05, 10, 18	2	1	04:46
OUT	22, 30	1	1	02:08
SET	01, 02	2		03:10
AGO	19, 21, 19, 13 12, 9, 8, 6, 5, 4, 2, 1	9	3	23:57
JUL ⁴³		27	2	1:05:48
JUN	30	1		01:30
MAI	0			
ABR	3, 23		2	1:00
MAR	4, 5, 12, 13, 29	1	4	04:12
FEV	0			
JAN	0			

Fonte: a autora

⁴³ As datas das reportagens e notas do mês de julho estão descritas na tabela 3, por se tratar do mês do recorte.

A observação da cobertura de 2014 permite definir o recorte de análise, que abrange as 13 reportagens do mês de julho. Na tabela 3 são apresentadas as datas, o repórter e o tempo das reportagens e notas veiculadas entre 02 a 31 de julho.

Tabela 3 – Reportagens e notas de julho 2014 no JN

Data	Tempo VT/nota	Repórter/apresentador
02/jul	01:18	Rodrigo Alvarez
03/jul	00:31NC	William Bonner
07/jul	00:58	Rodrigo Alvarez
08/jul	01:30	Rodrigo Alvarez
09/jul	02:10	Rodrigo Alvarez
10/jul	02:03	Rodrigo Alvarez
11/jul	02:15	Rodrigo Alvarez
12/jul	02:09	Rodrigo Alvarez
14/jul	02:15	Rodrigo Alvarez
15/jul	02:30	Rodrigo Alvarez
16/jul	02:05	Rodrigo Alvarez
17/jul	02:00	Rodrigo Alvarez
18/jul	03:10	Rodrigo Alvarez
19/jul	02:15	Rodrigo Alvarez
21/jul	02:10	Rodrigo Alvarez
22/jul	02:05	Rodrigo Alvarez
23/jul	01:58	Rodrigo Alvarez
24/jul	01:40	Rodrigo Alvarez
24/jul	01:55	Michelle Barros
24jul	01:55	Hélter Duarte
24jul	03:36	Rodrigo Alvarez
25/jul	02:45	Rodrigo Alvarez
25/jul	00:42 NC	Heraldo Pereira
26/jul	02:40	Rodrigo Alvarez
28/jul	02:58	Rodrigo Alvarez
29/jul	02:50	Rodrigo Alvarez
30/jul	03:32	Rodrigo Alvarez
31/jul	02:15	Rodrigo Alvarez
31jul	03:32	Hélter Pereira

Fonte: a autora

Os primeiros VTs e notas do ano são veiculados pelo telejornal em março e tratam de fatos relacionados ao grupo *Hamas*. Nos primeiros seis meses de 2014 verifica-se uma cobertura menos frequente da temática do que no segundo semestre.

A partir de 30 de junho, o *Jornal Nacional* passa a noticiar quase diariamente reportagens sobre os confrontos entre judeus e palestinos. Nesse período, teve início a ofensiva militar Israelense contra a Faixa de Gaza que resultou em mais de 2 mil mortos. A predominância do formato e a frequência indicam que o assunto recebeu destaque no telejornal. No mês de agosto, as pautas predominantes foram: as tentativas de cessar fogo e a retirada das tropas israelenses de Gaza. Nos meses seguintes, o telejornal apresentou confrontos isolados entre judeus e palestinos no território e em Jerusalém.

No capítulo 4, a análise se propõe a verificar qual é a abordagem da cobertura do *Jornal Nacional* sobre as operações militares de Israel na Faixa de Gaza adotando como referência as características da dramaturgia no telejornalismo. Deseja-se investigar como a narrativa de um conjunto de reportagens contempla a realidade distante e complexa para o telespectador brasileiro.

4. A DRAMATURGIA COMO CÓDIGO NA COBERTURA PELO JN DAS AÇÕES MILITARES EM GAZA EM JULHO 2014

A partir do olhar semiótico, pretende-se averiguar quais são os significados gerados com a organização binária e assimetricamente polar nas imagens e textos dos VTs. Utilizando as técnicas da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2004), estabeleceram-se quatro categorias de análise. Três delas são pares de oposições encontrados com frequência nas reportagens, próprios da dramaturgia e apontados por Bystrina: ameaça e segurança, dia e noite (ou claro e escuro), vida e morte.

Também se considera como categoria a presença do repórter nos locais dos acontecimentos, que atuaria como mediador entre os dois polos opostos. Acredita-se que essa organização produz significados sobre os acontecimentos e os envolvidos, segundo as condutas típicas dos personagens dramáticos. A estruturação da informação jornalística em dramaturgia suplantaria o aprofundamento da realidade, pois acabaria apresentando os fatos com a força do binarismo do conflito.

Durante o mês de julho, o *Jornal Nacional* exibiu quase diariamente 27 reportagens e duas notas cobertas sobre o assunto. Para análise, foram escolhidos 13 VTs veiculados após o dia 18 com duração superior a 2 min. Selecionou-se este período por ser em seguida da invasão terrestre à Faixa de Gaza e após o fim da Copa do Mundo, temporada de predominância de futebol no telejornal. Definiu-se a reportagem, pois trata-se de um formato executado por uma equipe, com repórter e entrevistas, que demanda um processo de produção mais complexo do que a elaboração de nota. Acredita-se que VTs com maior duração oferecem mais elementos para análise, o que também serviu de critério para delimitação do recorte. Além das 12 reportagens posteriores ao dia 18, selecionou-se também o VT de 02 de julho, pois se trata da primeira matéria veiculada no mês. Na tabela 3 estão reunidas as reportagens do recorte.

Tabela 4 – Reportagens de julho analisadas

Data	Tempo VT	Repórter
02/jul	01:18	Rodrigo Alvarez
18/jul	03:10	Rodrigo Alvarez
19/jul	02:15	Rodrigo Alvarez
21/jul	02:10	Rodrigo Alvarez
22/jul	02:05	Rodrigo Alvarez
24/jul	03:36	Rodrigo Alvarez
25/jul	02:45	Rodrigo Alvarez
26/jul	02:40	Rodrigo Alvarez
28/jul	02:58	Rodrigo Alvarez
29/jul	02:50	Rodrigo Alvarez
30/jul	03:32	Rodrigo Alvarez
31/jul	03:32	Hélter Pereira
31/jul	02:15	Rodrigo Alvarez

Fonte: a autora

Conforme a concepção semiótica de Bystrina, cada reportagem é entendida como um Texto. A leitura flutuante dos VTs durante a coleta de dados revelou a existência de um padrão narrativo nas sequências de imagens e textos. Identifica-se um conflito central (núcleo do drama) e a participação de antagonistas, movidos por reivindicações distintas, a partir das suas caracterizações como vilões, vítimas ou heróis. É possível observar que durante o mês da análise, os acontecimentos estão articulados em uma sucessão inteligível, assim como uma história com início, meio e fim. O fato desencadeador das operações militares israelenses de 2014 foi a morte de três adolescentes judeus e de um palestino, dia 30 de junho. Observa-se nas reportagens que a crise é marcada pela divergência de objetivos dos dois grupos envolvidos: de um lado, os interesses de Israel e suas operações militares contra os palestinos; e de outro, o *Hamas* como liderança dos habitantes de Gaza. Dois fatos destacam-se no conjunto da cobertura televisiva: a invasão terrestre à Faixa de Gaza e o bombardeio à escola da ONU. Verifica-se ainda nesta etapa de análise que a atenção da narrativa está voltada para os ataques entre ambos, a preparação para a guerra e as perdas humanas.

As unidades de registro são as imagens e textos do repórter, em *off* e *passagem*⁴⁴. Tomando por referência as categorias, assistiu-se às reportagens do

⁴⁴ Paternostro (2006) define *passagem* como a “gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A *passagem* reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo” (PATERNOSTRO, 2006. p. 217).

recorte e foram selecionadas as imagens e textos correspondentes às oposições binárias e polares. A partir da seleção, identificam-se os significados produzidos pelos elementos das imagens, segundo as características do drama e da reflexão de Said (1990).

4.1 SEGURANÇA X AMEAÇA

É possível identificar a diferenciação entre o lado da ameaça e o da segurança na primeira reportagem de julho, dia 02. Ela começa com imagens de palestinos cobertos com lenços atirando pedras e correndo de policiais israelenses. A binariedade dessas imagens revela o traço orientalista da mídia, apontado por Said. Segundo ele, “the general basis of Orientalist thought is na imaginative and yet drastically polarized geography dividing the world into two unequal parts, the larger, ‘different’, called Orient, the other, also known as ‘our’ world, called the Occident or the West” (SAID, 1997, p. 72)⁴⁵. O trecho estabelece uma diferença entre o ocidente e o oriente, associando o árabe a alguém a ser temido. O “outro” é identificado como atirador de rosto coberto, e o “nós” com os policiais que se defendem da barbárie. O texto do repórter apresenta os fatos como confrontos. Os elementos das imagens sugerem a oposição entre árabes revoltados pela morte de um adolescente e policiais que respondem aos seus ataques. O texto dessa reportagem não revela a causa da revolta, que são os autores da morte do jovem palestino.

Off de Rodrigo Alvarez: a revolta dos árabes em Jerusalém era porque um vizinho deles apareceu morto e queimado depois de ser sequestrado durante a madrugada. Os policiais respondem com bombas de efeito moral e balas de borracha. Foi um dia inteiro de tensão.

Os dois lados ficam estabelecidos: a ameaça vem pelos vilões, personificados nos árabes de rosto coberto que atiram, atacam os policiais. A negatividade do polo da ameaça é construída pelos elementos das imagens. Os militares israelenses, com armamento, coletes e capacetes, estão parados e se protegem, o que os coloca numa posição de segurança e defesa contra o perigo que

⁴⁵ “a base geral do pensamento orientalista é uma geografia imaginária e ainda polarizada drasticamente, dividindo o mundo em duas partes desiguais: o maior, o diferente, chamado Oriente, e o outro também conhecido como o “nosso” mundo, chamado Ocidente” (SAID, 1997, p. 72).

vem dos palestinos. As imagens da reportagem de 02 de julho confirmam as oposições binárias entre ambos:



Imagem 1



Imagem 2

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/tensao-no-oriente-medio-aumenta-apos-assassinato-de-adolescente-palestino/3471998/>

Data: 02 de julho 2014

Pelas imagens, os israelenses “não atacam”, apenas se defendem com armas como bombas de efeito moral. O uso das pedras e os rostos cobertos remetem a características da barbárie, isto é, de jovens que se vingam com ações violentas. As oposições binárias, segundo Bystrina (1989), são assimétricas. Fazem com que se valorize um dos polos com mais força. O autor marca o lado negativo como aquele que produz mais impacto. Segundo o repórter, os palestinos agem por vingança e, por isso, acabam sendo associados à violência característica do vilão. As imagens e textos relacionam o grupo de jovens com a ameaça, pois os identifica com um conjunto de características da barbárie: instrumentos rudimentares e faces cobertas. Portanto, a mensagem transmitida é de que aos palestinos cabe o polo negativo. Os rostos cobertos e os movimentos sugerem que o medo, o perigo e a ameaça vêm por meio deles, já que atacam destemida e violentamente. Como os motivos da ofensiva não são apresentados – ocupação israelense, embargos econômicos – ela adquire o sentido de hostilidade e violência contra Israel, protagonizada por um vilão.

As oposições enquadram as operações militares segundo a estrutura dramática, pois indicam dois lados que se enfrentam, estabelecendo ao público os valores de cada um. A negatividade fica evidenciada pela ameaça, construída pelas imagens dos atiradores de pedra com rostos cobertos por lenços: estão em movimento de ataque e são desconhecidos, de maneira que sua luta está destituída de identidade. Essa oposição assimetricamente construída reforça o olhar ocidental ao palestino sob o signo da ameaça. Nesse par de oposições, verifica-se que as

operações militares de Israel em Gaza são justificadas perante a opinião pública ocidental ao enquadrar os palestinos no polo negativo.

A assimetria das imagens esconde o desequilíbrio de potencial bélico dos envolvidos: na realidade, Israel é militarmente mais forte do que os palestinos. No entanto, a ausência de identidade e sua postura de ataque nas imagens (características do ameaçador) o colocam como um inimigo perigoso que deve ser combatido pelo exército israelense. Isto acaba legitimando as ações militares em Gaza. O binarismo e a polarização nesse caso reforçam a dramatização, reduzindo o valor histórico dos fatos ao espetáculo e construindo a identidade dos envolvidos por meio dos elementos que sugerem a ameaça palestina e a segurança israelense.

Outro conjunto de imagens semelhantes pode ser observado no VT do dia 25 de julho. No par de oposições, os palestinos aparecem jogando pedras (imagem 3), montando barricadas em meio a explosões e correndo com bandeiras (imagem 4). Esses elementos evidenciam que estão identificados no polo da ameaça. Itens como multidão de homens desconhecidos correndo despertam a noção de invasão, medo, incivilidade, desordem e confusão. Novamente eles aparecem jogando pedras com rostos cobertos. Para o telespectador que desconhece a história da região, as imagens descontextualizadas podem associar o árabe de Gaza ao homem capaz de provocar atos de violência e terrorismo. Ao abordar o exército israelense, as imagens veiculadas são de tanques movendo-se lentamente e bases militares (imagem 5), o que os associa à defesa em nome da segurança. Estes aparatos de guerra sinalizam ao telespectador que há um inimigo a combater, imprevisível e perigoso. Portanto, Israel tem legitimadas suas operações desvinculando a si mesmo da ameaça e colocando-se como defensor da segurança.



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/combates-na-faixa-de-gaza-terao-cessar-fogo-de-12-horas/3522487/>

Data: 25 de julho 2014

Na reportagem do dia 18 de julho – primeiro dia da invasão de Israel por terra a Gaza – selecionou-se uma sequência de imagens e textos que apresentam moradores de Gaza associados à ameaça e remetem os israelenses à ideia de segurança. Na primeira delas, os soldados aparecem acenando para a câmera (imagem 6), como se estivessem numa posição amistosa com o telespectador. É uma imagem que desvincula o exército de Israel da violência de ações militares. O aceno e o sorriso dos combatentes, além do movimento lento dos tanques, os coloca numa situação de segurança e de paz. Não inspiram medo nem ameaça, pois estão dirigindo-se ao telespectador. O texto do repórter confirma os valores de heroicidade e segurança associados aos soldados:

Off do repórter: os soldados acenam, levantam bandeiras e fazem sinais de vitória.



Imagem 6



Imagem 7

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/numero-de-palestinos-mortos-passa-de-300-na-faixa-de-gaza/3509603/>

Data: 18 de julho 2014

As imagens seguintes são de árabes palestinos correndo e carregando os mortos. Os movimentos rápidos e a apresentação em grupos os vinculam ao perigo desconhecido, contra o qual se deve reagir, contrastando com o polo de segurança dos soldados. Nesse par de oposições (imagens 8 e 9), observa-se que as invasões e ataques israelenses são autorizados pela representação dos palestinos como grupo terrorista e ameaçador.



Imagem 8



Imagem 9

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/numero-de-palestinos-mortos-passa-de-300-na-faixa-de-gaza/3509603/>
Data: 18 de julho 2014

A sequência seguinte reforça a posição de ameaça palestina. O repórter entrevista o porta-voz das Forças de Defesa de Israel (imagem 10) e, no meio da entrevista, afirma ouvir um suposto ataque de foguete do *Hamas*. A autoria não é demonstrada. A imprevisibilidade e o desconhecimento da ação – estão no meio de uma entrevista – corrobora a construção do polo negativo palestino, pois a ameaça potencializa o perigo. Diferentemente dos soldados israelenses, que são gravados pela câmera dentro do tanque (imagem 9).



Imagem 10

Fonte: <http://g1.globo.com/jornalnacional/videos/t/edicoes/v/ofensiva-terrestre-israelense-a-faixa-de-gaza-marca-o-inicio-de-uma-nova-etapa/3507705/>
Data: 18 de julho 2014

Off do repórter: quando o coronel Peter Lerner começa a responder, mais um foguete.

Observa-se o mesmo par de oposições na reportagem de 19 de julho, entre palestinos correndo e um tanque israelense, relacionando aos polos da ameaça e da segurança, respectivamente. Os habitantes de Gaza aparecem nas imagens como grupos revoltosos, pois correm e gritam, como se estivessem protestando. É uma imagem que identifica a interpretação ocidental sobre a população árabe, a partir da dramaturgia. A multidão hasteia bandeiras e locomove-se em direção à câmera, como se estivessem indo ao encontro do telespectador. Estão apresentados em grupos, sem nota pessoal de identidade e carregam um corpo enrolado. Na sequência aparece um homem de rosto coberto que segura um instrumento pontiagudo, ameaçador. As imagens acomodam os árabes às noções discutidas por Said (1990), pois o apresentam como população ameaçadora, povo enraivecido, que pratica ações irracionais e desencadeia o medo. Tais características dramatizadas a partir da binariedade fazem do árabe palestino um vilão para o telespectador.

A binariedade é identificada entre a oposição das imagens da multidão árabe e soldados e tanques israelenses, que aparecem a seguir. Ao contrário do movimento palestino, eles estão parados, marcam os territórios a serem defendidos da ameaça. As roupas dos soldados transmitem segurança, defesa e justificativa da “guerra”. Em uma narrativa dramática, o opositor gera o conflito porque colide com a vontade do personagem de chegar à meta. Nas oposições geradas pelas sequências de imagens, apresenta-se a mensagem de que o *Hamas* é uma ameaça aos planos de Israel de se fortalecer como um Estado. A binariedade e assimetria entre as imagens de elementos militares e da população árabe sustenta, para a opinião pública, a necessidade de ações bélicas típicas de uma guerra na região. Constrói-se um discurso de conflito, a partir da ameaça associada aos palestinos, que potencializa o medo e o perigo vindo de Gaza. Isto fica evidente nas imagens da multidão que corre e se arma contra os israelenses e os soldados e tanques que usam do aparato militar para conquistar a paz no combate ao *Hamas*.

Na reportagem do dia 19 de julho, identifica-se outro par de oposições que vinculam a ameaça aos palestinos e a segurança aos israelenses no texto da passagem do repórter. O avanço dos soldados é apresentado em um sentido positivo,

como consequência da penetração do *Hamas* a Israel por meio de túneis. Israel, nesse sentido, está atuando em defesa, em nome da segurança, “*avançando pela Faixa de Gaza*”. O *Hamas*, por sua vez, parece ser o verdadeiro ameaçador, cujo poder deve ser imobilizado, pois “*usa túneis para invadir*”. O texto do repórter mostra essa binariedade entre o papel de segurança identificado com Israel e o perigo do *Hamas*. Identifica-se o pólo positivo a Israel, pois a reportagem refere-se ao exército com a palavra “avançando”. Já o termo “invadir”, mais característico do vilão, é usado para designar as ações do *Hamas*.

Passagem repórter Rodrigo Alvarez 19 de julho: enquanto as tropas israelenses avançam pela Faixa de Gaza, militantes do Hamas usam túneis para invadir o território israelense.

O sentido produzido pela sequência de imagens da reportagem de 19 de julho segue as regras de composição da binariedade dos códigos terciários. A edição intercala imagens de militantes do *Hamas* correndo dentro de um túnel no escuro e um soldado israelense preparando uma explosão durante o dia, seguido de um tanque: oposições entre a presença da guerra em nome da segurança contra o vilão e o perigo do grupo tido como terrorista. Os militantes do *Hamas* aparecem correndo dentro de um túnel e estão encapuzados (imagem 11): elementos que os remete ao significado de perigo. Por estarem correndo em um lugar secreto como um túnel, a ideia de medo e ameaça é reforçada. Diferentemente do soldado, apresentado em primeiro plano, (imagem 12) supostamente combatendo a ameaça dos homens que, segundo Israel, desejam penetrar no seu território de forma imprevisível e desconhecida. A ausência do rosto dos combatentes do *Hamas* contrasta com a face do soldado israelense e o coloca em uma ação em nome da segurança. As características dos túneis, as razões de uso e os efeitos na população não são apresentados. Essa lacuna na informação e o destaque no rosto do soldado conferem às operações militares de Israel o valor positivo da segurança, enquanto ao *Hamas* é atribuído o significado de ameaça.



Imagem 11

Imagem 12

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/numero-de-palestinos-mortos-passa-de-300-na-faixa-de-gaza/3509603/>

Data: 19 de julho 2014

O texto reforça essa oposição entre ambos:

Off repórter Rodrigo Alvarez: a principal missão da operação terrestre israelense é justamente destruir esses túneis.

No VT do dia 31 de julho, os túneis feitos pelo *Hamas* estão associados ao polo da ameaça, pois, segundo o repórter, eles servem para passagem do grupo em território Israelense. O túnel é um local identificado com o perigo, o desconhecido e logo com a ameaça de violência. Destruí-los significa legitimar as operações militares israelenses em Gaza, em nome da segurança. As imagens dos túneis aparecem na reportagem do dia 31 (imagens 13 e 14) em oposição aos tanques de Israel explodindo esses locais. A escuridão e a posição abaixo da terra tornam os túneis locais relacionados às noções de medo e ameaça; valores atribuídos ao *Hamas* por utilizá-los. É possível afirmar que esses elementos vão construindo pouco a pouco os significados dos dois lados envolvidos nos acontecimentos: sem mostrar as causas político-históricas, a cobertura televisiva codifica a realidade em drama e constrói o perfil do *Hamas* como ameaçador e Israel como responsável pela segurança da região.

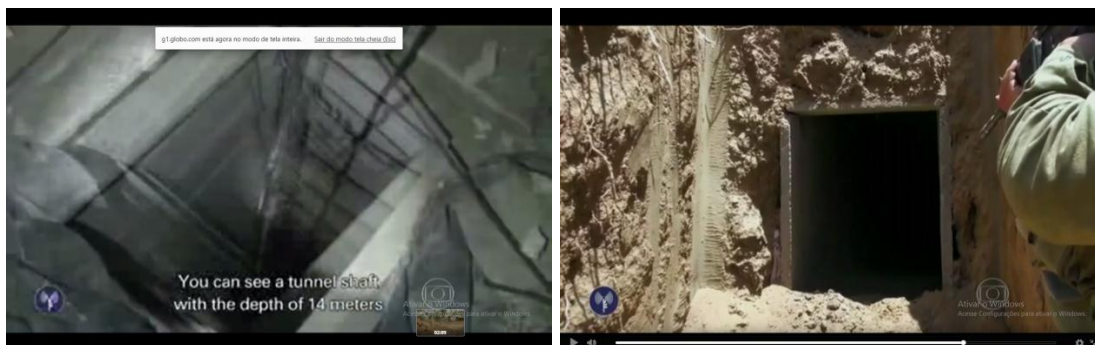


Imagem 13

Imagem 14

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/israel-e-hamas-concordam-com-cessar-fogo-de-72-horas/3534846/>

Data: 31 de julho 2014

O repórter afirma no VT de 19 de julho que “os soldados vêm trazendo roupas e armamentos, prontos para entrar na guerra”. Observa-se que o uso do conceito “guerra” reforça o poder de ameaça do *Hamas*, pois sugere que o inimigo representa um perigo legitimador da mobilização militar israelense. É preciso deixar claro ao telespectador a força do inimigo para justificar as ofensivas contra ele. As imagens da matéria em código narrativo têm algo do emissor ao receptor, no processo naturalizado em forma de dramaturgia. A mensagem transmitida fica atrelada à valoração dos envolvidos no conflito, assim como no drama: o *Hamas* é mostrado como invasor e Israel é enquadrado como defensor da segurança.

No VT do dia 21 de julho, é possível identificar os polos de ameaça e segurança nas imagens dos líderes dos dois grupos envolvidos. O líder do *Hamas*, Ismail Haniya, aparece em um canal de TV árabe (imagem 15), diante de uma mesquita, com letreiros em sua língua e seu tom de voz é elevado. Estes são elementos que o enquadram como potencial terrorista religioso, na perspectiva orientalista e reforçam para o ocidente a ameaça da *Jihad*. O primeiro ministro israelense é apresentado nas imagens com óculos escuros e está ao lado de dois soldados em um campo aberto. Estes elementos não transmitem a impressão de violência nem de ameaça (imagem 16). É possível identificá-lo com o polo positivo da segurança, pois sua imagem é apresentada com dados mais familiares ao ocidente: a camisa, os óculos, a posição junto aos militares. A binariedade nas imagens de ambos reforça a dicotomia característica da construção orientalista, que divide a percepção do mundo em dois polos: ocidente e oriente.



Imagem 15



Imagem 16

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/sobe-o-numero-de-mortos-no-conflito-entre-israelenses-e-palestinos/3512696/>

Data: 21 de julho

Outro exemplo da polarização dos envolvidos são as sequências de apresentação do primeiro ministro israelense e do *Hamas*, na reportagem de 21 de julho. Benjamin Netanyahu é mostrado como um chefe de Estado (imagem 17), que fala em frente a bandeiras, calmamente, vestido como uma autoridade ocidental. Sua imagem é por isso legitimada e associada à segurança e defesa da paz. Quando a reportagem refere-se à liderança palestina, as imagens são de homens atirando (imagem 18), em posição de enfrentamento. Estes elementos associam o grupo *Hamas* ao estereótipo do terrorista, destituindo-o de poder e autenticidade. Do lado israelense tem-se construída a imagem do herói; do lado palestino o vilão e inimigo perigoso.



Imagem 17



Imagem 18

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/sobe-o-numero-de-mortos-no-conflito-entre-israelenses-e-palestinos/3512696/>

Data: 21 de julho

Um par de oposições da matéria de 31 de julho constrói a dicotomia de significados entre os dois lados envolvidos. Verifica-se nas imagens relacionadas aos palestinos casas destruídas, homens e mulheres de rostos cobertos, andando em

meio a escombros (imagem 19). Estes elementos ajudam a transmitir a mensagem de ameaça atrelada à negatividade árabe, valorada com mais força por não ser o polo positivo. Nenhuma autoridade palestina aparece no VT para expor os acontecimentos, o que os destitui de representatividade. A seguir, a reportagem traz a entrevista do porta-voz de Israel nos Estados Unidos (imagem 20). Neste caso, tem-se um representante israelense com características ocidentais (é branco, fala inglês e está numa TV norteamericana), argumentando a necessidade de defesa de Israel sob o perigo do *Hamas*. O tempo de permanência no vídeo (50s) e os elementos que o identificam com o ocidente o enquadram em uma posição positiva de segurança, o que legitima a ação militar de Israel contra o inimigo. Seu discurso o coloca numa condição familiar, favorável e por isso positiva. Um polo acaba construindo o significado oposto do outro: a fala do porta-voz torna-se o lado da segurança, enquanto aos palestinos cabem ameaça e o medo.



Imagem 19



Imagem 20

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/defensores-de-palestinos-e-israelenses-travam-guerra-paralela-em-foruns/3534853/>

Data: 31 de julho de 2014

As imagens da reportagem do dia 24 de julho revelam a binariedade assimétrica de ameaça e segurança ao apresentarem os soldados israelenses e os militantes do *Hamas*.



Imagem 21



Imagem 22



Imagem 23

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/escola-da-onu-e-alvejada-na-guerra-do-oriente-medio/3519976/>

Data: 24 de julho de 2014

Um soldado israelense localiza-se atrás de um muro, atira e sai andando pelas ruas da Faixa de Gaza (imagem 21). Logo a seguir, imagens de prisioneiros palestinos sentados no chão, sem roupa (imagem 22). De um lado, a ordem, segurança e militarização; de outro, a ameaça, o medo, a impotência e o perigo. Na primeira imagem, os árabes suspeitos estão com os corpos descobertos, o que os destitui de identidade e valorização pessoal. Sentados, com as mãos na cabeça, estão em uma posição de inferioridade, quase animalasca. Na imagem seguinte, estão totalmente cobertos por lenços (imagem 23), o que reforça sua representação do desconhecido como possibilidade do mal. Os soldados israelenses podem ser associados ao polo positivo da segurança, pelo caminhar entre ruas desertas, no mesmo sentido da câmera, como se estivessem acompanhando o telespectador que está lá.

O discurso da imagem reforça a polarização entre os envolvidos a partir dos elementos opostos, que se sucedem. Nesse caso, o árabe palestino é mais uma vez associado à ameaça e à barbárie, enquanto Israel aparece como polo positivo da segurança. A simplificação da narrativa televisiva sobre os fatos pode decorrer do seu

tom dramático, pois está estruturada segundo a binariedade. Ela produz o sentido de vilão aos palestinos, ao atrelar suas imagens ao pólo da ameaça, enquanto os soldados são apresentados como heróis que combatem o terrorismo. Essa organização da informação apresenta a realidade binariamente de modo que a complexidade dos fatos se reduza à apresentação de dois polos, relacionados à identidade dos seus envolvidos. As imagens retratam a abordagem orientalista da mídia, ao apresentar os grupos árabes em posição inferior, de ameaça, como algo desconhecido a ser estudado.

No VT do dia 31 de julho, verifica-se mais uma vez a diferenciação de árabes palestinos e israelenses nos pólos da ameaça e segurança. Na primeira imagem, os soldados estão parados (imagem 24), em uma posição passiva, lendo ou rezando. Elementos como os lenços os identificam como judeus. Nessa circunstância, a reportagem os associa à segurança e, junto com ela, à tranquilidade. Os palestinos aparecem em uma ação de ataque inesperado a um grupo de soldados, o que os enquadra no polo da ameaça (imagem 25).



Imagem 24



Imagem 25

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/israel-e-hamas-concordam-com-cessar-fogo-de-72-horas/3534846/>

Data: 21 de julho 2014

Verifica-se que, a partir do par de oposições da ameaça e segurança, as ações militares são apresentadas conforme a narrativa dramática. O conflito do drama é construído pelas imagens que remetem a ambos os polos, associando os envolvidos às características de cada um. Para ser cada vez mais atraente ao espectador, o discurso da “guerra” deve ser sustentado por uma narrativa formada pelos que ameaçam a paz, provocam o medo e os que atuam em nome da segurança. A análise mostra que as reportagens evidenciam a negatividade do polo

da ameaça, vinculando-o com a atuação dos palestinos, sem apresentar suas reivindicações. As ações do outro lado do conflito, - Israel, neste caso - são legitimadas pela segurança, construída pelos elementos das imagens e textos.

4.2 DIA X NOITE

A análise das reportagens mostra que a oposição dia e noite é utilizada para estruturar os fatos em forma de narrativa. Os diferentes períodos do dia situam o telespectador em uma história que possui continuidade. Na reportagem do dia 19 de julho, observa-se o par de oposições “dia e noite”, em que o cemitério à luz do dia (imagem 26) contrasta com os soldados em movimentação no escuro (imagem 27). O local marca o polo da morte, em um período específico do dia e prepara a oposição que vem a seguir: uma imagem de soldados marchando de costas, à noite, rumo à Faixa de Gaza. Observa-se, durante o dia, a morte como elemento de vitimização dos civis palestinos (elementos como corpos, velório, choro e cemitério), contrastando com os soldados andando durante a noite, identificados com um herói que usa a força para defender sua população do inimigo, enfrentando o perigo. Segundo Bystrina, o polo do escuro necessita do claro para transmitir um sentido. Nesse caso, os soldados israelenses estão do lado oposto aos civis palestinos, que estão sob a luz do sol: um par de oposições acaba reforçando o outro.



Imagem 26



Imagem 27

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/numero-de-palestinos-mortos-passa-de-300-na-faixa-de-gaza/3509603/>

Data: 19 de julho

As imagens em oposição expõem os envolvidos e são uma evidência da construção dramática da narrativa. A binariedade do claro-escuro acompanha a morte dos civis e a invasão militar. Uma depende da outra para fazer sentido e construir a narrativa, decodificada dramaticamente. A guerra é convertida em drama no conjunto das oposições, que acabam ocultando as causas político-históricas do conflito. A oposição “dia e noite” pode ser verificada nas primeiras imagens da reportagem do dia 21 de julho. A noite está relacionada ao ataque israelense à Faixa de Gaza e o dia ao disparo de um canhão que atingiu um hospital. Percebe-se que este par de oposições é usado para demarcar o posicionamento de cada um dos envolvidos nos acontecimentos, além de reforçar a dramaticidade dos fatos. O contraste do claro e do escuro e a demarcação dos períodos do dia favorecem o encadeamento dos fatos no código da dramaturgia.

A narrativa da reportagem do dia 24 de julho está dividida em dois períodos do dia: a primeira metade reúne fatos diurnos: as vítimas palestinas, as explosões em Gaza e os mortos israelenses. A manifestação dos árabes durante a noite marca o início da segunda parte da reportagem. O velório israelense de dia (imagem 28) contrasta com os moradores da Cisjordânia gritando e movimentando bandeiras durante a noite (imagem 29 e 30). Nesse caso, a binariedade do dia e da noite reforça os papéis dos envolvidos: o dia está associado à defesa de Israel e suas ações militares justificadas pela ameaça do *Hamas*. A presença dos árabes com bandeiras à noite os coloca na posição oposta e negativamente valorizada, já que o polo negativo é avaliado com mais força que o positivo. As imagens da noite sustentam a polarização negativa dos palestinos como ameaçadores, inimigos de Israel.



Imagem 28



Imagem 29



Imagem 30

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/escola-da-onu-e-alvejada-na-guerra-do-oriente-medio/3519976/>

Data: 24 de julho 2014

O contraste do dia e da noite também é acompanhado da diferença da quantidade de pessoas de cada imagem. Os grupos de israelenses aparecem em número reduzido, caminhando lentamente. Os palestinos são gravados em multidão, aos gritos e movimentando-se bruscamente, o que lhes confere um sentido de ameaça. Said aponta que o árabe palestino é visto, segundo o orientalismo, como um perturbador da segurança de Israel e do ocidente. Segundo ele, “a pergunta que se ouve com maior frequência é por que motivo se permite que gente como os árabes mantenha o mundo desenvolvido (livre, democrático, moral) sob ameaça” (SAID, 1990, p. 291). Os protestos na Cisjordânia contra a invasão israelense, gravados à noite, aparecem com sentido de ameaça, que legitima a ação israelense diante da opinião pública. O escuro do período noturno cria uma atmosfera de tensão e de perigo, reforçando a dramaticidade da narrativa.

O repórter apresenta-se próximo à fronteira com o território palestino (imagem 31). O uso do colete e do capacete demonstra o cenário de insegurança e insinua uma onda de violência, que, segundo a narrativa, começa do lado árabe. A escuridão das imagens seguintes, com palestinos atirando pedras contra o muro, acentua sua polarização como inimigos e vilões. Uma bala de borracha é atirada próximo a Rodrigo Alvarez, que corre para longe. Essa movimentação serve de espetáculo que aproxima o espectador de um clima de “guerra”. A leitura das imagens mostra que a binariedade dia e noite contribui para a dramatização dos fatos, que por sua vez, oculta a complexidade histórica da região e a converte em espetáculo.



Imagem 31

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/escola-da-onu-e-alvejada-na-guerra-do-oriente-medio/3519976/>

Data: 24 de julho

A reportagem finaliza com imagens do protesto e o *off* do repórter sustenta que se trata de um confronto, uma vez que seu texto iguala forças desiguais: policiais israelenses militarmente armados e civis palestinos com pedras. Essas imagens noturnas também atuam como um signo da ameaça, no qual os árabes são acomodados ao estereótipo do bárbaro, capaz de atrocidades, com ausência de qualificações morais, segundo a lógica orientalista.

As oposições dos pares dia e noite ou claro e escuro pode ser observada na reportagem do dia 21 de julho. A imagem da noite aparece quando o repórter relata o ataque à Faixa de Gaza, durante a madrugada (imagem 32). Em seguida, já de dia (imagem 33), o jornalista informa que o disparo de um canhão atingiu o hospital. Percebe-se que a binariedade dia e noite serve para enfatizar o tom dramático da narrativa, situando o espectador em um espaço de tempo.



Imagem 32



Imagem 33

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/sobe-o-numero-de-mortos-no-conflito-entre-israelenses-e-palestinos/3512696/>

Data: 21 de julho

Cabe observar que, inserindo os fatos com ênfase esses períodos do dia, a binariedade assume o lugar da discussão do que se passa na Faixa de Gaza. Com isso, os motivos dos ataques, sua origem ou consequências ficam ocultos em benefício do espetáculo das imagens. Mais do que explorar o conteúdo histórico ou político, a atenção da narrativa se volta para apresentar a sucessão dos ataques em código dramático. Nas reportagens de 26 (imagens 34 e 35) e 28 de julho (imagem 36 e 37), verifica-se a binariedade dia e noite:



Imagem 34



Imagem 35

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/israel-anuncia-que-deseja-ampliar-tregua-em-gaza/3524474/>

Data: 26 de julho



Imagem 36

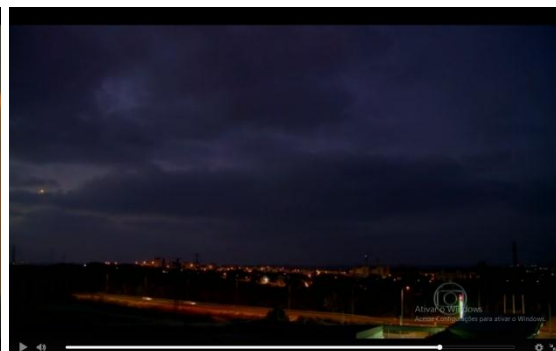


Imagem 37

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/primeiro-ministro-de-israel-afirma-que-a-guerra-vai-ser-longa/3527538/>

Data: 28 de julho

A binariedade dia e da noite pode ser verificada na reportagem de 28 de julho como um meio para construir a narrativa a partir dos períodos do dia, o que acentua a dramaticidade dos fatos seguintes. O repórter utiliza o céu iluminado para narrar as ações militares de Israel e mostrar os mísseis do *Hamas*. No trecho fica evidente a binariedade entre os palestinos que rezam durante o dia, atacam Israel pelo céu, e os soldados israelenses que respondem aos ataques. A narrativa

acompanha a sucessão dos períodos do dia, já que a reportagem começa no amanhecer e termina com imagens do céu escuro. Em nível cultural, o claro e o escuro são utilizados para organizar a mensagem binariamente, realçando seu tom dramático. Segundo as imagens, os mísseis são lançados tanto de dia quanto à noite (imagem 38), o que atribui ao *Hamas* o significado de ameaça e perigo, capaz de atacar a qualquer hora. O escuro que finaliza a reportagem serve ainda para reforçar o medo, o perigo, o desconhecido. Por isso, é possível afirmar que o trecho contribui para a dramatização dos acontecimentos.



Imagem 38

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/primeiro-ministro-de-israel-afirma-que-a-guerra-vai-ser-longa/3527538/>

Data: 28 de julho

Off do repórter: Ainda era madrugada aqui no Oriente Médio quando o Conselho de Segurança da ONU pediu um cessar fogo incondicional. Israelenses e palestinos ainda estavam dormindo e não escutaram, ou não deram ouvidos.

Off do repórter: Quando anoiteceu, mais uma bateria de mísseis foi lançada na direção de Israel.

Na reportagem de 29 de julho, a oposição claro e escuro contribui para dramatizar a situação do brasileiro morador da Faixa de Gaza. Ele aparece no interior de sua moradia, que está às escuras, devido à explosão de um gerador (imagem 39). A história deste personagem, iluminado apenas pela lanterna, é contada em um ambiente com escassa luminosidade. O contraste entre a luz e as sombras aumenta a dramaticidade dos eventos e chama a atenção para as más condições vividas em Gaza, espetacularizando a situação sem expor suas causas. Essa lacuna na informação contribui para reforçar a binariedade, pois centraliza a atenção da

mensagem nos bombardeios. Nesse sentido, o conflito parece ser justificado pelo medo ao terrorismo, associado ao grupo islâmico *Hamas*.

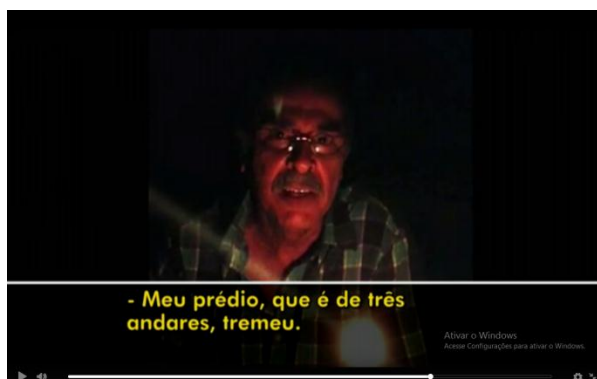


Imagem 39

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/israel-intensifica-os-bombardeios-a-faixa-de-gaza/3529964/>

Data: 29 de julho

4.3 VIDA X MORTE

A oposição binária vida e morte pode ser encontrada nas imagens da reportagem de 22 de julho, que mostram a foto de um soldado israelense supostamente sequestrado e logo a seguir um representante do *Hamas* na televisão palestina. A sequência foi enquadrada nessa categoria por conferir elementos opostos que caracterizam os personagens apresentados. O soldado aparece sorrindo, está parado e os traços de sua fisionomia identificam-se com europeus ou americanos. Por isso, sua posição em relação à imagem seguinte é de vítima ou de herói, atribuindo importância para sua vida e seu resgate.

O palestino que aparece a seguir está com o rosto coberto, elemento que lhe destitui de identidade, grita e movimentava os braços. Ao fundo, a imagem de uma pessoa presa dentro de uma mão em chamas, remetendo à morte e ao perigo. Em relação à imagem do soldado, estes dados colocam os palestinos no polo da morte, ao mesmo tempo em que o qualificam segundo valores de vilões. Cabe enfatizar que a oposição binária vida e morte está relacionada, neste caso, com a de vilão e vítima ou herói, uma vez que a vida do soldado está atrelada a sua posição de herói e a do grupo palestino à morte causada pelo vilão. A binariedade dos elementos imagéticos impede que sejam apresentados dados sobre as causas e interesses envolvidos nas ações militares, como os assentamentos ilegais ou o significado do lenço usado pelo

militante do *Hamas*. As imagens em oposição reduzem a discussão ao drama da captura e morte de um soldado israelense, por um inimigo potencialmente construído.



Imagem 40



Imagem 41

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/ofensiva-israelense-na-faixa-de-gaza-completa-15-dias/3515078/>

Data: 22 de julho

Na reportagem do dia 19 de julho constata-se outra expressão da binariedade e assimetria de morte e vida: há uma sucessão de imagens de tanques (imagem 42), associados à guerra e à morte, seguidas de uma imagem de ambulância (imagem 43), veículo que pode representar a morte, mas que também é um signo da vida, dirigindo-se a um hospital. Observa-se um padrão narrativo que introduz o telespectador em uma sucessão de oposições binárias. Neste caso, os elementos das imagens fornecem um significado de Israel como mentor da guerra em nome da segurança e ao mesmo tempo vítima do medo, ameaça e terrorismo árabe.



Imagem 42



Imagem 43

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/numero-de-palestinos-mortos-passa-de-300-na-faixa-de-gaza/3509603/>

Data: 19 de julho

Imagens de caixões, corpos enrolados e velórios aparecem com frequência no recorte de reportagens analisadas. Observa-se cenas de um cadáver transportado para o hospital e outro sendo levado pelas ruas, cercado por indivíduos em movimento durante o dia. Estes são elementos que remetem diretamente à morte, tanto para o lado palestino quanto israelense. Por se tratar do polo negativo em relação ao seu polo oposto, percebe-se que o telejornal opta por apresentar a morte com uma constância maior do que imagens relacionadas à vida. Verifica-se que a assimetria nesse caso também reforça a dramatização e a espetacularização dos fatos.

Um exemplo disso é a primeira imagem da reportagem de 19 de julho: um homem chorando a perda de 08 integrantes da sua família (imagem 44), seguida de corpos enrolados levados pelas ruas. A cena na abertura da matéria sinaliza o valor do polo negativo da morte, apresentando a vitimização dos civis palestinos na reportagem. O texto do jornalista tem expressões de valor dramático, - como “desespero” e “tomou conta” - adianta o drama que o telespectador vai acompanhar:

Off repórter Rodrigo Alvarez: O velório era o retrato do desespero que tomou conta de Gaza.

Os corpos enrolados e transportados, além das pessoas chorando evidenciam a presença da morte entre os palestinos (imagem 45). As imagens dos homens gritando pelas vítimas tem força dramática, uma vez que colocam em evidência o elemento humano dos confrontos. Na mesma reportagem, são frequentes imagens de corpos enrolados em bandeiras ou em caixões (imagens 46 e 47). A narrativa usa da força das imagens da morte, valorados, segundo Bystrina, negativamente, em oposições binárias com imagens que evidenciam elementos de vida.



Imagem 44



Imagem 45

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/numero-de-palestinos-mortos-passa-de-300-na-faixa-de-gaza/3509603/>

Data: 19 de julho 2014



Imagem 46



Imagem 47

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/sobe-o-numero-de-mortos-no-conflito-entre-israelenses-e-palestinos/3512696/>

Data: 19 de julho 2014

Outra oposição da categoria vida e morte pode ser constatada na reportagem do dia 25 de julho, em que aparece um menino morto nos braços do pai (imagem 48) e em seguida um tanque de guerra (imagem 49).

Off do repórter: Em casa, com o filho morto, o pai pergunta se o atirador de elite não foi capaz de perceber que disparava contra um menino de 09 anos. Um soldado morreu hoje segundo as Forças Israelenses num ataque que partiu de um prédio ao lado de uma escola da ONU.



Imagem 48



Imagem 49

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/combat-na-faixa-de-gaza-terao-cessar-fogo-de-12-horas/3522487/>

Data: 25 de julho 2014

A imagem do menino morto nos braços do pai é em si composta por uma oposição binária vida e morte. Uma criança representa a vida, pela juventude e vitalidade. Não fossem as operações militares, o menino estaria vivo. Mesmo

carregando uma oposição em si mesma (vida e morte), esta imagem marca o polo negativo em relação à seguinte, que é a de um tanque transportando soldados israelenses. A criança morta é um elemento de dramatização dos acontecimentos, pois baseada na força do polo da morte, a imagem salienta o aspecto humano das vítimas nos bombardeios. Pelo texto do repórter, a morte é justificada pela captura de um soldado israelense e o tanque reforça o sentido positivo das operações militares de Israel em Gaza. O significado produzido é de que, embora haja vítimas inocentes, a “guerra” é legítima e deve seguir adiante.

O fato principal da reportagem de 24 de julho é o ataque à escola da ONU que servia de abrigo para refugiados em território palestino. Na descrição do fato, são valorizadas as mortes e as pessoas feridas, que constroem o sentido da vitimização dos civis palestinos, ao lado do conflito de versões sobre a origem dos ataques. O texto do repórter enfatiza a dicotomia entre os dois lados envolvidos.

Off repórter Rodrigo Alvarez: O ataque matou 15 pessoas. Mais de 200 ficaram feridas. E segundo as Nações Unidas há mulheres e crianças entre os mortos. Até agora não ficou claro de onde partiu o ataque. O Hamas acusa Israel. Mas os militares israelenses afirmam que ainda estão investigando o bombardeio. E que um foguete que teria partido de Gaza pode ter atingido o edifício.



Imagem 50



Imagem 51

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/escola-da-onu-e-alvejada-na-guerra-do-oriente-medio/3519976/>

Data: 24 de julho

Na sequência, os elementos humanos são destacados, e novamente a vitimização dos palestinos, que estão no hospital, choram, gritam e estão em grupos (imagens 50 e 51). Pode-se inferir também que, segundo essas imagens, sua identidade está atrelada ao perfil dos refugiados, caracterizados como uma massa despersonalizada, que morre em quantidade, vítima da guerra. Mulheres e crianças

se abraçam, choram e gritam em imagens que conferem um tom dramático à narrativa. Os palestinos estão deitados em macas ou sendo carregados pelos hospitais, o que os coloca no polo negativo da morte ao telespectador.

Corpos de palestinos enrolados em lençóis com marcas de sangue estão amontoados no chão de um corredor na mesma reportagem (imagem 52). Pode-se inferir pela imagem a regularidade das vítimas na região. O polo da morte fica assimetricamente valorizado por estas imagens ao mesmo tempo em que se torna algo habitual e não mais chocante ao telespectador.



Imagem 52

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/escola-da-onu-e-alvejada-na-guerra-do-oriente-medio/3519976/>

Data: 24 de julho

Ao abordar o número de mortos israelenses, a reportagem de 28 de julho mostra pessoas ao redor de caixões transportados com honras militares e coroas de flores: elementos que são referência de identidade das vítimas, ao aproximá-las do culto ocidental. Todas essas imagens tratam do polo negativo da morte, mas apresentam os envolvidos de forma distinta ao telespectador.

Estabelece-se nessas imagens da morte o binarismo entre o ocidente e o oriente, conforme discute Said. Por essas imagens, é possível detectar a abordagem orientalista da mídia que divide o mundo em duas partes desiguais. Os árabes palestinos pertencem ao conjunto de noções do “outro” desconhecido e diferente, com seus corpos enrolados e cheios de sangue, vítimas de ataques alheios ao “nós”. Os corpos assim dispostos também despojam o palestino das características de alguém respeitável, merecedor de um enterro, na concepção ocidental. Sua condição –

envoltos em panos com letreiros em árabe e manchas de sangue – os despersonaliza e os distancia do ritual ocidental dos falecidos, o que reforça a percepção orientalista do árabe palestino. O significado dessa dicotomia é codificado pela dramaturgia, de modo que aos palestinos é atribuído o papel de inimigo ou vilão, indigno de cerimônias de enterro. As imagens dos mortos israelenses relevam um papel positivo de herói ou mártir, em nome da segurança de seu povo.



Imagem 53



Imagem 54

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/israel-anuncia-que-deseja-ampliar-tregua-em-gaza/3524474/>
Data: 28 de julho

A maneira de transportar os corpos entre árabes palestinos e judeus apresentada na reportagem de 29 de julho também ressalta a dicotomia entre as vítimas israelenses e palestinas, enquadrando ambos no polo da morte de modo distinto. Os primeiros são levados dentro de caixões, com uma bandeira (imagem 55) – símbolo de pertencimento a um Estado. Os corpos árabes são transportados sem estes elementos, no meio da rua (imagem 56). Para o espectador que tem pouca familiaridade com ambas as culturas, é possível inferir que a binariedade da vida e morte produz um sentido sobre os envolvidos. A reportagem associa as imagens dos palestinos à morte sem identidade, relacionada com barbárie, enquanto os israelenses são apresentados com componentes em conformidade com a vivência ocidental.



Imagem 55



Imagem 56

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/israel-intensifica-os-bombardeios-a-faixa-de-gaza/3529964/>

Data: 29 de julho 2014

Observa-se a binariedade da vida e morte na sequência de imagens da reportagem de 28 de julho, que mostra grupos de palestinos rezando e as cidades destruídas pelos bombardeios. O polo positivo da vida está associado às pessoas que demonstram sua fé em meio aos ataques, de modo que continuam com seu cotidiano cultural apesar das explosões (imagem 57). Os escombros expõem ao telespectador a destruição dos municípios (imagem 58) associando as imagens ao polo da morte. O sentido produzido pelas imagens reforça a visão orientalista da reportagem, que enquadra o árabe palestino a uma posição de dominação sob o título de sociedades tradicionais fechadas; conceito que reduz as peculiaridades culturais, religiosas, políticas e sociais. Nesse sentido, reforça-se a dicotomia entre o ocidente e o oriente, separados por uma divisão cultural. Na concepção de Said,

ao contrário das sociedades normais ('as nossas'), as sociedades do islã ou do Oriente Médio são totalmente 'políticas', um adjetivo que tende a ser uma reprovação ao islã por não ser liberal, por não ser capaz de separar ('como nós somos') a política da cultura. O resultado é um retrato invejosamente ideológico 'nosso' e 'deles' (SAID, 1990, 304).



Imagem 57



Imagem 58

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/primeiro-ministro-de-israel-afirma-que-a-guerra-vai-ser-longa/3527538/>

Data: 28 de julho

Outra imagem que segue essa polaridade foi veiculada no VT de 30 de julho, em que um conjunto de árabes está diante de corpos de vítimas enrolados, em meio à oração (imagem 59). Aparecem em grupos numerosos em planos gerais, de modo que se colocam distantes do telespectador. O signo da morte assim apresentado confirma a perspectiva orientalista de apresentar o árabe sem nota pessoal de individualidade. Ajoelhados, mesmo que para a oração, estão em uma posição de inferioridade ao ocidente, representado como “encarnação da incompetência e de derrota fácil” (SAID, 1990, p. 290). As casas bombardeadas marcam a polarização da morte pela destruição das habitações: sugere-se a ideia de que, aos palestinos, cabe um não-lugar, de que não existem enquanto povo ou Estado.



Imagem 59

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/primeiro-ministro-de-israel-afirma-que-a-guerra-vai-ser-longa/3527538/>

Data: 30 de julho

Percebe-se o polo da morte nas imagens de vítimas palestinas na reportagem de 30 de julho. Nessa sequência é possível inferir que a morte, valorada negativamente, passa a apresentar os civis palestinos como vítimas de um conflito em que eles mesmos são a ameaça. São imagens que acentuam o tom dramático da narrativa, espetacularizando os fatos. O pai corre com o filho nos braços e os jovens caídos no chão, iluminados pelo sol, despertam o sentido do drama (imagem 60 e 61) e, por isso, também da morte e do processo de vitimização. Os civis palestinos são identificados como vítimas inocentes da violência, embora a reportagem não explore as causas e os motivos da brutalidade. Com isso, os habitantes de Gaza são associados ao estereótipo do refugiado vítima de agressões. Verifica-se que a força

dramática das imagens suplanta o desdobramento dos fatos, convertidos em eventos espetaculares.

As explosões sucessivas de casas e outros locais de Gaza reforçam o signo da morte com a vitimização de civis. Elementos como fumaça, pessoas correndo e gritando e câmera em movimento potencializam o tom dramático (imagens 62, 63 e 64), de modo que a binariedade entre a vida e a morte fica evidente. As imagens sugerem que palestinos são vítimas sem rosto da guerra, como o lado mais fraco despojado de força militar para se defender. A Faixa de Gaza acaba sendo representada como local de destruição e morte, onde os moradores são vítimas de ações violentas do *Hamas*. A repetição do polo da morte dramatiza as ações militares no plano da guerra e impede sua compreensão a nível histórico e político. Sem outras explicações, o significado que se depreende é a banalização da luta palestina: Gaza e *Hamas* são o mesmo inimigo que deve ser destruído pelo exército de Israel.



Imagem 60



Imagem 61



Imagem 62



Imagem 63



Imagem 64

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/mais-uma-escola-sob-controle-das-nacoes-unidas-e-atacada-na-faixa-de-gaza/3532420/>

Data: 30 de julho

Na mesma reportagem, os civis palestinos aparecem ainda em leitos de hospitais, sobre os quais o repórter relata uma breve história (imagens 65, 66, 67). Para o telespectador, eles são tratados como personagens, vítimas de uma guerra, cujas causas históricas não são abordadas. As imagens podem enquadrar-se no polo da morte, por mostrarem os prejuízos humanos da invasão de Gaza: homens, mulheres e crianças em corpos enfaixados, sem pernas ou braços revelam a cruzeza e a violência dos eventos. O hospital se torna palco para o espetáculo da “guerra”, pois destaca a morte, a dor, o sofrimento humano ao telespectador, dramatizando os fatos. A figura do repórter junto às camas dos doentes e as imagens de corpos enfaixados endossam a interatividade entre jornalista e público, criando uma atmosfera de narrativa e dramaticidade. As histórias de alguns são brevemente apresentadas, o que evidencia a vitimização dos civis.



Imagem 65



Imagem 66



Imagem 67

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/mais-uma-escola-sob-controle-das-nacoes-unidas-e-atacada-na-faixa-de-gaza/3532420/>

Data: 30 de julho 2014

É possível identificar na binariedade vida e morte o processo de vitimização dos civis palestinos, por meio da frequência de imagens de feridos, mortos e casas destruídas. O polo valorado com mais força nas reportagens é o da morte, de modo que a violência, os prejuízos e a devastação da Faixa de Gaza signifiquem ao telespectador um grande drama, no lugar de viabilizar o aprofundamento da informação. Desse modo, a reflexão sobre a realidade política e social palestina é dominada pelo impacto dramático e espetacular do polo da morte.

4.4 MEDIADOR ENTRE OS POLOS: A FIGURA DO REPÓRTER

No caso de noticiar crises ou conflitos sociais, o repórter pode desempenhar a função de mediador, pois participa da produção da narrativa jornalística. O correspondente internacional Rodrigo Alvarez é um elemento de mediação entre os polos de oposição nas reportagens. A ele cabe a função de narrar a história entre dois “mundos”, apresentar o conflito dramático em um complexo de signos que façam sentido ao telespectador. Ele acaba estabelecendo uma ponte entre os polos opostos, que são os dois lados do conflito. A mediação evidencia o aspecto dramático do conteúdo noticiado, porque a presença do repórter aproxima o telespectador da história narrada.

No VT do dia 2 de julho, o jornalista é apresentado no vídeo localizado próximo à residência do menino palestino morto (imagem 68), personagem central na narrativa. Ele aponta para o local e está vestido com elementos que situam o telespectador em um ambiente de guerra: um capacete e um colete a prova de balas. Situado na parte árabe de Jerusalém, ele transmite a aparente impressão de

aproximar o telespectador ocidental do “outro” oriental. A mediação do repórter não resolve, entretanto a assimetria entre os dois mundos noticiados, pois continua identificando o outro como alguém que, segundo a perspectiva orientalista, deve ser apontado, estudado, noticiado.

Apesar da entrevista com o pai do menino morto apresentar as vítimas, a presença do repórter no vídeo tenta resolver a assimetria e serve de mediação mais significativa para o telespectador. Nesse caso, a figura do jornalista ocupa o lugar da informação que provém do palestino. Com isso, a história do menino fica em segundo plano. No texto, Rodrigo Alvarez chama atenção para a localização da casa, sem se aproximar dela: fica evidente o olhar ocidental próximo e ao mesmo tempo distante sobre o árabe. A última frase relaciona o local com a violência árabe contra os policiais, marcada pela expressão “*montaram a barricada para enfrentar*”. Pela assimetria entre os polos, o trecho é valorizado mais intensamente, pois a violência (polo negativo) acaba sendo mais atraente ao telespectador. O texto da passagem do repórter sinaliza estes elementos.



Imagem 68

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/tensao-no-orientes-medio-aumenta-apos-assassinato-de-adolescente-palestino/3471998/>

Data: 02 de julho

Passagem Rodrigo Alvarez 02 de julho: Os confrontos aconteceram aqui nesse ponto no bairro de Shohafat, onde vivia o adolescente Mohammed, morto essa manhã. A casa dele fica exatamente ali, naquele bequinho que a gente vê, onde os jovens árabes montaram a barricada para enfrentar os policiais.

Na reportagem do dia 18 de julho, a passagem do jornalista é gravada próximo às bases militares de Israel. Ele relata alguns dados do início das operações militares israelenses na Faixa de Gaza. Ao estar junto dos tanques e soldados, o repórter apresenta os fatos ao telespectador como uma guerra enfrentada entre um

herói e um vilão inimigo. Identifica-se, neste trecho, a reprodução da perspectiva discutida por Said sobre a região. Segundo ele, apresenta-se a brutalidade por meio de caricaturas do mundo islâmico, que justificam e tornam o mundo vulnerável a agressões militares.

A mediação do jornalista serve neste caso para sustentar o significado de guerra, pois se coloca próximo aos elementos militares de Israel (imagem 69), o que justifica a Operação na Faixa de Gaza. Os motivos das intervenções não são desdobrados e o trecho limita-se a transmitir informações factuais. Com isso, o telespectador pode sentir-se parte de um conflito dramático espetacularizado, com pouco aprofundamento nas causas e interesses dos envolvidos.

Na mesma reportagem, ele entrevista o porta-voz das Forças de Defesa Israelense, Peter Lerner (imagem 70). A apresentação no vídeo, juntamente com o entrevistado, coloca ambos no mesmo lado do conflito. A tentativa de resolver a assimetria com a presença do repórter acaba sendo substituída pela sua proximidade à fonte israelense.



Imagem 69



Imagem 70

Fonte: <http://g1.globo.com/jornalnacional/videos/t/edicoes/v/ofensiva-terrestre-israelense-a-faixa-de-gaza-marca-o-inicio-de-uma-nova-etapa/3507705/>

Data: 18 de julho 2014

Nota-se, nas passagens, o frequente uso da expressão “estou aqui”, “aconteceram aqui” “exatamente por esse ponto aqui”, “daqui eles partem”, que são uma tentativa de mediação ao tentar aproximar o telespectador para os locais dos fatos. No entanto, Rodrigo Alvarez aparece no vídeo apenas em território israelense. Em nenhuma reportagem do recorte estudado o repórter aparece situado na Faixa de Gaza ou na Cisjordânia, em função da logística da emissora que tem seu escritório em Jerusalém. Percebe-se que há um distanciamento dos acontecimentos ocorridos

nas localidades palestinas. Por isso, conclui-se que nas reportagens, o “aqui” é associado ao território do Estado de Israel e o “lá” à região habitada por árabes. Observa-se que esta forma de narrar acentua a dicotomia entre o ocidente e o oriente, relacionando Israel ao mundo ocidental como algo “nosso” e o mundo oriental com o “outro” árabe. As expressões que fazem referência aos locais podem ser identificadas na reportagem do dia 19 de julho (imagem 71).

Passagem Rodrigo Alvarez: Eu estou aqui na fronteira entre Israel e Gaza num lugar que não pode ser identificado onde as Forças Israelenses montaram uma base de operações. Daqui eles partem em direção a Gaza, que fica aproximadamente a 2 km desse ponto. O primeiro ministro israelense disse que é só o começo da operação terrestre e que ela pode ser ampliada significativamente nos próximos dias.



Imagem 71

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/sobe-o-numero-de-mortos-no-conflito-entre-israelenses-e-palestinos/3512696/>

Data: 19 de julho 2014

Passagem Rodrigo Alvarez: Uma rede de túneis tão ampla que se tornou uma das grandes preocupações das Forças Israelenses. Hoje, mais uma vez, de acordo com Israel, militantes do Hamas entraram de Gaza exatamente por esse ponto aqui e surpreenderam os soldados.

No final da reportagem do dia 24 de julho, verifica-se a importância conferida à presença do repórter. Vestido com capacete e colete, sua mediação adquire um valor de espetáculo (imagem 72). As ameaças e o perigo a que o jornalista está exposto o mostram como um herói – e por isso mediador –, que se expõe à violência para que a informação seja transmitida ao telespectador. Bystrina aponta o elemento intermediário como um fator de resolução dos polos opostos, pois ele cria um espaço de reconciliação, o que torna a informação mais atraente. O protesto da população árabe contra as Operações na Faixa de Gaza converte-se em espetáculo. A movimentação do jornalista e o perigo a que está exposto pela proximidade dos envolvidos dão à reportagem um acento dramático. Cabe salientar

que, neste caso, a dramaticidade da reportagem é priorizada em relação à interpretação dos episódios.



Imagem 72

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/escola-da-onu-e-alvejada-na-guerra-do-oriente-medio/3519976/>

Data: 24 de julho 2014

Passagem Rodrigo Alvarez: Os palestinos começaram a atirar fogos de artifício na direção do muro que separa Israel da Cisjordânia. E a polícia israelense responde com disparos. aparentemente são balas de borracha. Eles usam também gás lacrimogêneo. A gente já sente um cheiro forte aqui. E os disparos começam a vir...a gente corre. Jogaram a bomba de gás, na nossa direção ali.

Na reportagem do dia 28 de julho, o repórter também aparece à noite, com o colete e o capacete, elementos que compõem um ambiente de guerra e o destacam como o porta-voz brasileiro de um conflito internacional (imagem 73). A cena noturna reforça a negatividade, pois está associada ao medo do desconhecido, à possibilidade de violência.



Imagem 73

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/primeiro-ministro-de-israel-afirma-que-a-guerra-vai-ser-longa/3527538/>

Data: 28 de julho 2014

Para o telespectador, o jornalista pode representar um fator de acesso aos envolvidos, pois está no meio deles. Este esforço por colocar-se perto da população também pode ser verificado na passagem da reportagem de 25 de julho, em que Rodrigo Alvarez está na rua, entre os transeuntes na cidade de Jerusalém (imagem 74).



Imagem 74

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/combates-na-faixa-de-gaza-terao-cessar-fogo-de-12-horas/3522487/>

Data: 25 de julho 2014

A circulação dos habitantes próximos ao repórter transmite a impressão de que ele serve de elo entre os dois envolvidos na “guerra”. Além disso, sua presença entre a multidão o coloca no centro de uma realidade distante aos brasileiros, do oriental desconhecido. No entanto, ao invés de suprimir a dicotomia ocidente/oriente, a passagem reforça a perspectiva orientalista da reportagem ao mostrar um aglomerado de pessoas desconhecidas com alguém que as descreve, em seu próprio meio. O jornalista situado nos locais dos acontecimentos também serve como elemento que dá continuidade à narrativa, pois se trata de uma pessoa conhecida do telespectador. A informação sonora de sua voz e a presença física - que dialoga com o público através da câmera - fazem da história algo familiar, com um início, meio e fim.

Na segunda metade da reportagem do dia 30 de julho, predomina o contato do jornalista com pacientes árabes do hospital de Jerusalém. Neste trecho, verifica-se a tentativa de aproximação do repórter das histórias das vítimas do conflito e consequente vitimização dos civis palestinos (imagens 75 e 76). O elemento humano destaca a mediação do repórter com os dramas particulares dos personagens da

“guerra”. Dessa forma, ele aborda as Operações Militares como um drama humanizado, com fatos que ganham rostos e trajetórias individuais.



Imagem 75



Imagem 76

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/mais-uma-escola-sob-controle-das-nacoes-unidas-e-atacada-na-faixa-de-gaza/3532420/>

Data: 30 de julho

Rodrigo Alvarez representa o sujeito ocidental identificado com o lado israelense. A ênfase nos elementos de combate e a presença do repórter apresentam os envolvidos como duas forças em um grande conflito, evidenciando o lado palestino como o vilão que deve ser combatido por meio da guerra. A presença física do repórter tem um apelo importante para situar o telespectador junto dos fatos. Daí entende-se que, ao invés de atuar como mediador, ele se incorpora ao lado israelense, de onde fala e aparece. Este dado confirma a abordagem orientalista do telejornal, pois o jornalista brasileiro não presencia a realidade do lado palestino, apenas o olha, aponta e observa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os acontecimentos da Faixa de Gaza são transmitidos à maioria dos brasileiros pela televisão. A frequência e a duração das reportagens mostram que o tema recebe destaque no telejornal de maior audiência do país: no período de um ano, observou-se 59 vezes em que a região foi noticiada. Na maior parte da cobertura, optou-se pelo formato reportagem, que apresenta um processo de produção mais elaborado do que o de nota. A dificuldade de acesso ao conteúdo ao longo da pesquisa limitou a coleta de dados pelo site da emissora, resultando na precariedade de retenção desse material. Entende-se que a obtenção do telejornal completo possibilitaria elementos para uma análise mais elaborada.

Possuir um jornalista como correspondente internacional em Jerusalém também evidencia o interesse da Rede Globo nos fatos dessa porção do Oriente Médio, pois a presença de Rodrigo Alvarez como mediador aproxima emissora, realidade e público. Um repórter localizado nos territórios possibilita que a narrativa seja mais aprimorada. A análise indica que a realidade da Palestina é construída simbolicamente pelo telejornalismo brasileiro como palco de um grande drama, cujos significados são exploráveis pela Semiótica da Cultura.

As reportagens televisivas podem ser entendidas como Textos da Cultura, isto é, complexos de signos a partir dos quais se produz sentido. Portanto, a perspectiva de Ivan Bystrina mostra-se pertinente para entender o telejornalismo como parte da cultura humana, responsável por incorporar ao público significados sobre a realidade. Ainda pouco utilizado no Brasil, seu estudo contribui para analisar a televisão como um sistema de signos, cujo poder e penetração social derivam da combinação entre imagens em movimento, textos e sons.

A coleta de dados mostrou que os acontecimentos na Faixa de Gaza foram noticiados pelo *Jornal Nacional* 59 vezes em 2014, sendo 46 reportagens e 13 notas. O predomínio do formato reportagem confirma o destaque que o assunto recebeu não somente no mês da Operação Margem Protetora, mas ao longo do ano. No mês de julho, recorte da análise, o telejornal fez uma cobertura quase diária do assunto: foram 27 reportagens, 02 notas cobertas e 01 nota ao vivo.

A identificação de características comuns ao drama nas reportagens – existência de um conflito, caracterização de personagens – revela a presença de um padrão organizador da informação de cada VT. Logo se estabelece uma relação entre

a concepção da notícia como uma narrativa dramática – baseada em oposições – e as noções semióticas de Bystrina, a fim de averiguar a abordagem jornalística sobre a Faixa de Gaza. O estudo semiótico permite desvendar como se dá a construção de significados políticos sobre a crise entre israelenses e palestinos pelo telejornalismo.

O conflito narrativo observado no período do estudo é construído pelos pares de oposições, que indicam as diferenças dos envolvidos. Tem-se então decodificados os dois lados da história: o Estado de Israel e o *Hamas*, liderança palestina. Israel aparece como um Estado militarizado defendendo-se da violência e dos túneis da liderança palestina do grupo *Hamas*, apresentado como opositor. A organização em oposições segundo o drama tem consequências para a compreensão dos acontecimentos da Faixa de Gaza. Os envolvidos são mostrados segundo características decodificadas nas reportagens, isto é, segundo um padrão estruturador da mensagem.

Pelas imagens e textos analisados, o código da dramaturgia associa os valores de ameaça ao lado palestino, em oposição a Israel, identificado ao polo positivo de segurança e defesa. A polarização negativa dos palestinos esconde o desequilíbrio de forças envolvidas nas Operações Militares, relacionando o Estado de Israel ora com o papel de vítima, ora com o de herói. Isso acontece porque as imagens que constroem a ameaça palestina potencializam o perigo árabe, atribuindo ao *Hamas* o significado de vilão, causador de violência imprevisível, que deve ser combatido como terrorista.

A sustentação do antagonismo é gerada pelo medo ao palestino, cuja imagem negativa é reforçada como algo simbólico e potencialmente grande: jovens jogando pedras, armas, rostos cobertos, suspeitos presos, ataques insuspeitados. Também são frequentes palavras como “guerra” e “confronto”, além de imagens de tanques e soldados, acentuando a compreensão de um conflito de forças iguais. As operações militares de Israel são abordadas como um espetáculo proporcionado pelas imagens, com características de um show. O polo da morte reforça da imagem negativa da Palestina como um todo, representada, por exemplo, nos corpos de civis transportados pela população e nos prédios destruídos.

Essa construção simbólica é desacompanhada de dados sobre reivindicações palestinas, ou sobre a representatividade do *Hamas* junto à população. A ausência de informação corrobora a polarização negativa dos palestinos como vilões. Assim, o conflito real de interesses não é aprofundado e as causas históricas e

políticas reais não são tratadas. Daí conclui-se que o conflito dramático televisivo binário tira lugar da informação sobre a crise na região, onde se intercalam injustiças, descumprimento de acordos internacionais e genocídio.

A análise revela também que nas primeiras 06 reportagens durante o mês do recorte, o par de oposição ameaça e segurança é mais evidente. Daí entende-se que no início das Operações Militares predomina a construção simbólica do inimigo palestino, identificado com o perigo, justificando a invasão terrestre à Gaza e as demais ações bélicas israelenses. A partir do dia 26 de julho, a oposição vida e morte passa a ser mais comum nos VTs, reforçando o processo sógnico de vitimização civil palestina.

A mediação entre os dois polos opostos conduzida pelo jornalista correspondente Rodrigo Alvarez acentua ainda mais a dicotomia entre os envolvidos. A presença física do repórter tem um apelo importante para situar o telespectador junto dos fatos. Daí entende-se que, ao invés de atuar como mediador, ele se incorpora ao lado israelense, de onde fala e aparece. Este dado confirma a abordagem orientalista do telejornal, pois o jornalista brasileiro não presencia a realidade do lado palestino, apenas o olha, aponta e observa.

Com isso, percebe-se a tentativa de supervalorização do conflito, fazendo parecer ao telespectador que se trata de uma verdadeira guerra. O discurso sobre as Operações gira em torno do potencial dramático que ela apresenta, ao invés de fornecer dados sobre o bloqueio econômico à Gaza, a construção dos assentamentos judeus ilegais em territórios palestinos ou os acordos da ONU descumpridos por Israel. Essas informações não aparecem em nenhuma reportagem do recorte estudado. Os sistemas de signos de cada reportagem são responsáveis por construir significados sobre israelenses e palestinos, tal qual em uma história narrada. Opta-se por acentuar a dicotomia entre ambos, o que mostra o desenrolar das reportagens em forma de drama, no qual se elabora pouco a pouco o perfil de um inimigo para poder combatê-lo e cujo resultado são vítimas inocentes.

A abordagem dramática baseada nas oposições favorece uma compreensão pautada no olhar ocidental sobre o árabe palestino, associando-o às características do vilão. O traço orientalista da mídia, discutido por Edward Said (2012), aparece nas reportagens. As imagens revelam a tentativa do ocidente representado por Israel tentando defender-se da ameaça terrorista árabe, associada ao grupo palestino *Hamas*. Os elementos dos VTs analisados em pares de oposições

demonstram a ênfase na dicotomia, destituindo simbolicamente o povo palestino de cidadania, tanto por associá-lo inicialmente à ameaça quanto às vítimas do conflito.

O telejornalismo brasileiro não trata do conflito entre palestinos e israelenses de forma adequada. Uma vez adotada como código, a dramaturgia ocupa o lugar da informação, dificultando o acesso a essa realidade internacional. Percebe-se que esse tipo de cobertura não é algo próprio somente do *Jornal Nacional*, mas pode valer para o telejornalismo brasileiro de forma geral. A polarização semiótica da narrativa traz a luta do bem contra o mal de uma “guerra” e implica o maniqueísmo, que ocupa o lugar da compreensão sociocultural da região. Espera-se que a abordagem jornalística brasileira possa contribuir para que o Oriente Médio não seja apenas visto como uma parte distante do mundo onde predomina a imagem da violência.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Zélia. **A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional**. In.: Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n.28, p. 32-52, julho 2013.
- ADONI, Hanna, BANTZ, Charles R., COHEN, AKIBA A., (Ed.) **Social conflict and television news**. London. Sage. 1990.
- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo. Summus, 2004.
- ARISTÓTELES, **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **O animal que parou os relógios. Ensaio sobre comunicação, cultura e mídia**. São Paulo, Annablume, 1999.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BECKER, Beatriz. “500 anos do descobrimento nos noticiários da TV”. In: VIZEU, Alfredo (org). **Telejornalismo, a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006, cap. 3, p. 65-97.
- BENTELE. Günter. **Semiotik und Massenmedien**. München: Ölschläger Verlag. 1981.
- BYSTRINA, Ivan. **Semiotik der Kultur. Zeichen, Texte, Codes**. Stauffenburg Verlag. Tübingen, 1989
- _____. **Tópicos de Semiótica da Cultura**. Aulas do prof. Ivan Bystrina. CISC. PUC SP. 1995.
Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/84397790/Topicos-de-Semiotica-da-Cultura#scribd>
- BRASIL, Antônio. **O fim de uma era. Correspondentes internacionais da TV Globo. 2003**. In.: Jornalismo Internacional (Sistemas Internacionais de Informação). ECA470. UFRJ. 2005.
- _____. **Reflexões sobre o acesso aos arquivos de telejornais brasileiros**. In.: Sessões do Imaginário. Ano XVII, n27, 2012/1.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2012.

DAVIS, John. **A Paz evasiva. Um estudo do problema árabe-sionista**. Rio de Janeiro. Estudos Árabes, 1970.

GAMBA, Janaína. **Cara de vilão: aspectos complexos na construção do personagem-tipo do vilão em filmes de horror**. Dissertação. (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós Graduação - PUCRS. 2014.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação. A construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo. Annablume. 2002.

HANNERS, Ulf. **Foreign news: exploring the world of foreign correspondents**. Chicago: Chicago University Press, 2004.

HUBERMAN, Bruno. **Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013**. 2014, 200 fl, Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas de Pós-graduação em Relações Internacionais, 2014.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas, Ed. Papyrus, 1997.

_____. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica. A experiência da Escola de Tártu-Moscú para o estudo da cultura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MAALOUF, Ramez. **Massacre em Gaza**. Revista Urutágua. ISSN: 15196178. maio-ago 2009, Maringá-PR.

MASSOULIÉ, François. **Os Conflitos do Oriente Médio**. São Paulo: Ática, 1994.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEROS, Guillermo. **Jornalismo Internacional, Correspondentes e Testemunhos sobre o Exterior**. In.: *Jornalismo Internacional (Sistemas Internacionais de Informação)*. ECA470. UFRJ. 2005.

PALLOTTINI, Renata. **Introdução à dramaturgia**. São Paulo: Ática, 1988.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV. Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PEREIRA, Analúcia & KANTER, Marcelo. **As quatro estações do conflito Israel Palestina**. *Ciências & Letras, Porto Alegre*, n. 51, p. 81-100, jan./jun. 2012
Disponível em: <<http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>>

PROSS, HARRY. **Fernsehen als Symbolsystem** IN: Gerlitz, Peter Hrsg. *Symbolon. Jahrbuch für Symbolforschung Neue Folge Band 7*, 1985. Disponível em:
<http://www.harrypross.de/lebens Themen/01-2/fernsehen-als-symbolsystem/>

NEVES, Flora. **Telejornalismo e poder nas eleições presidenciais**. São Paulo: Summus, 2008.

NEVES, Flora. **O papel do *Jornal Nacional* nas eleições presidenciais 2006**. *Compolítica 2007 GT – Mídia e Eleições*. Disponível em:
http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/13912_Cached.pdf

SAAB, Luciana. **O conflito entre Israel e Palestina em 2014: a solidariedade basta?** *Malala. Revista Grupo de Trabalho Oriente Médio Mundo Muçulmano*. USP. São Paulo. n 3. 2014. P. 118-123.

SAID, Edward. **A questão da Palestina**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

_____ **Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World**. Random House: 2008.

_____ **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

SCALERCIO, Márcio. **Oriente Médio: uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver**. Rio de Janeiro. Summus: 2003.

SIQUEIRA, João Hilton. **Organização textual da narrativa**. São Paulo: Selinunte, 1992.

WOLSFELD, Gadi. **Media and political conflict. News from the Middle East.** Cambridge, 1997.

Sites:

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/08/hamas-diz-que-israelenses-e-palestinos-acertaram-tregua-em-gaza.html>. Último acesso em 15.06.2015

<http://www.brasildefato.com.br/node/26919>. Último acesso em 15.10.2015

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/g1-explica-por-que-israel-e-hamas-estao-em-conflito-na-faixa-de-gaza1.html> . Último acesso em 20.06.2015

<http://noticias.terra.com.br/mundo/faixa-de-gaza/>. Último acesso em 20.06.2015

<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2010/05/06/contrabandistas-de-gaza-furam-barreira-de-aco-construida-pelo-egito-916514214.asp>. Último acesso em 15.06.2015

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/hamas-da-primeira-intifada-ao-conflito-com-israel.html>. Último acesso em 10.06.2015

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/08/hamas-diz-que-israelenses-e-palestinos-acertaram-tregua-em-gaza.html>. Último acesso em 15.06.2015

<http://www.ibge.gov.br/home/default.php>. Último acesso em 29.10.2015

<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Último acesso em 29.10.2015

ANEXOS

ANEXO A – mapa da Faixa de Gaza - 2014

**PASSAGENS ABERTAS**

A **Passagem de Rafah**
Aberta seis dias por semana para trânsito de pessoas autorizadas, incluindo casos médicos e humanitários

B **Passagem de Kerem Shalom**
Aberta cinco dias por semana para trânsito de bens autorizados

C **Passagem de Erez**
Aberta seis dias por semana para o trânsito de pessoas autorizadas como agentes humanitários, médicos palestinos e comerciantes

PASSAGENS FECHADAS

D **Karni**
Fechada desde junho de 2007

E **Nahal Oz Oleoduto**
Fechada desde janeiro de 2010

F **Fechada desde setembro de 2008**

ANEXO B - REPORTAGENS E NOTAS DO JN ESTUDADAS EM 2014

02 /07/2014

VT – Revolta árabe pelo jovem queimado

Tempo: 01'18"

O VT aborda a revolta de jovens árabes contra policiais israelenses em represália à morte de um menino palestino. William Bonner é o apresentador da matéria que tem duração de 1min18s, com reportagem de Rodrigo Alvarez. As primeiras imagens são de rapazes com rostos cobertos pelo lenço palestino jogando pedras e se protegendo dos militares. O jornalista está no local do sequestro, vestido com um colete e um capacete. Ele entrevista o pai do menino morto.

03 /07/2014

Nota Coberta – Envio de soldados israelenses para a fronteira de Gaza

Tempo: 31"

William Bonner lê o texto da nota coberta. As imagens são de soldados e tanques israelenses cruzando a fronteira de Gaza. O jornalista relata que a tensão no local aumentou devido ao assassinato de três jovens judeus e um palestino.

07 /07/2014

VT – Israelenses detidos pela morte do jovem

Tempo: 58"

A reportagem trata do aumento do número de foguetes nos territórios israelense e palestinos. O VT inicia com imagens das ruas de Gaza, moradores varrendo as calçadas e carros com vidros quebrados. Na sequência, um grupo numeroso formado por homens palestinos protesta, carregando corpos enrolados na bandeira do Hamas. A seguir, o texto relata que, do outro lado do muro, 06 israelenses foram detidos e alguns confirmaram o envolvimento na morte do adolescente palestino. Predominam imagens de soldados, tanques e fotos do menino em cartazes. A matéria finaliza com a presença do repórter explicando que desde 2012, data do último enfrentamento direto entre Hamas e Israel, confrontos desse tipo não haviam sido registrados na região.

08 /07/2014

VT – Ataques de Israel a Gaza e fim do cessar fogo de 2012

Tempo: 1'30”

O telejornal noticiou os primeiros ataques formais de Israel contra Gaza, colocando fim ao cessar fogo assinado em 2001 e convocando 40 mil reservistas para aumentar o Exército. Verificam-se imagens do céu e foguetes lançados na Operação Margem Protetora de Israel. O texto narrado fala de mais de 100 bombardeios contra supostos alvos do *Hamas*. Compõem a reportagem imagens de crianças e escombros e texto sobre a tentativa de Israel avisar os moradores sobre os bombardeios.

09 /07/2014

VT – Foguetes do Hamas e bombas em Gaza

Tempo: 2'10”

A reportagem retoma os confrontos na região a partir do episódio que lhe serviu de início. William Bonner apresenta o assunto afirmando que 60 palestinos morreram em ataques aéreos israelenses à Faixa de Gaza no confronto que começou com a morte dos três adolescentes e do jovem palestino. A imagem de abertura da matéria foi cedida pelas Forças Israelenses (gravada no avião de combate) e mostra o bombardeio a um prédio que funcionaria como um depósito de armas. Na explosão, podem ser vistos pontos movimentando-se no local (pessoas fugindo das explosões). Nessa matéria foi incluída uma declaração dos EUA sobre os confrontos, com sua porta-voz, pedindo para proteger a população civil.

10/07/2014

VT – Dados dos mísseis e invasão por terra a Gaza

Tempo: 2'03”

Patrícia Poeta e William Bonner são os apresentadores da matéria. Durante o texto do apresentador, um infográfico traz o número de foguetes lançados pelo Hamas e por Israel, além de feridos e mortos de ambos os lados. A partir dessa matéria, o telejornal passa a apresentar informações numéricas na tela sobre foguetes, alvos, mortos, qualificando os eventos como uma guerra. A primeira imagem é de uma ambulância percorrendo o território, seguida de explosões, palestinos chorando e corpos de crianças enroladas em bandeiras árabes.

Segundo Rodrigo Alvarez, o *Hamas* já havia atacado Israel no começo do ano. Mesmo lançando mais de 200 foguetes ao território israelense, a maior parte deles foi interceptada pelo sistema anti-mísseis. O repórter relata que ouviu os mísseis durante a gravação. Em seguida, ele aparece em outro local, onde pedaços dos mísseis haviam caído. Ele segura parte do objeto na mão e informa que, ao cair ele estava muito quente. Em seguida, mostra que o míssil desceu a dez metros da casa de uma família árabe. As últimas imagens da matéria são dos líderes dos dois grupos: *Hamas* e Israel.

11/07/2014

VT – Dados do conflito em infográfico

Tempo: 2'15"

As primeiras imagens do VT são de uma bola de fogo caindo e explodindo em um posto de gasolina em Israel e na sequência, o primeiro ministro israelense Benjamin Netanyahu qualifica o *Hamas* de grupo terrorista. Em seguida, imagens de civis sendo atacados e crianças sobre macas (lençóis cobertos de sangue). Durante a noite, o repórter aparece protegendo-se de pontos luminosos no céu, supostos foguetes e descreve a cena que participa. As imagens seguintes foram capturadas durante a noite.

12/07/2014

VT – Tropas de Israel preparando a invasão em Gaza

Tempo: 2'09"

A apresentadora Patrícia Poeta relata que o número de mortos aumentou. A reportagem inicia com imagens de bombas explodindo e pessoas correndo nas ruas da Faixa de Gaza. A câmera de vídeo está em movimento. Na sequência aparecem imagens de escombros e casas destruídas em Gaza e o texto do repórter relata que 02 mulheres e 06 homens morreram. Ele ressalta que, além dos alvos do *Hamas*, as forças militares de Israel acertam a população da região. Dois foguetes caíram, um em casa de judeus e outro no território palestino, Hebron. Rodrigo Alvarez completa que Israel intercepta os mísseis do *Hamas* pelo sistema de mísseis antiaéreo e por isso, nenhum israelense morreu. Um infográfico traz dados dos mortos na tela. Um representante da ONU faz declarações sobre o conflito e a matéria finaliza com imagens de tanques israelenses na estrada rumo a Gaza.

14 /07/2014

VT – Primeira proposta de cessar fogo

Tempo: 02`15”

Esta é a primeira reportagem que trata de uma proposta de cessar fogo mediada pelo Egito. William Bonner apresenta a matéria informando que o conflito completou uma semana e que os israelenses abateram um avião não tripulado lançado pelo *Hamas*. O repórter qualifica o conflito de guerra, ao mesmo tempo que são mostradas imagens de casas destruídas na Faixa de Gaza e palestinos correndo com corpos. Em seguida, são exibidos alguns prejuízos humanitários: mães palestinas com crianças abrigadas nos prédios da ONU. Novos dados sobre foguetes lançados dos dois lados, além dos mortos e feridos. Predominam imagens cedidas pelas Forças Israelenses de um avião antes de lançar um foguete num prédio cheio de pessoas. Pela primeira vez aparecem imagens da TV oficial do *Hamas* (com letreiros na língua árabe) mostrando um tanque israelense destruído por um disparo de artilharia. A reportagem finaliza com imagens de um protesto numeroso em um velório na Cisjordânia, em apoio à Faixa de Gaza.

15/07/2014

VT – Horários de trégua, e o fracasso da tentativa de cessar fogo

Tempo: 02`30”

O VT trata do fracasso da tentativa de cessar fogo entre o *Hamas* e o Exército Israelense. As primeiras imagens são de uma explosão durante o dia em um campo aberto. A reportagem é um relato hora a hora dos acontecimentos do dia, entre a decisão a favor do cessar fogo e os ataques que marcaram seu fim. Há uma sucessão de imagens de tanques e soldados em distensão. O repórter aparece em um campo (fronteira entre Israel e Gaza), vestindo colete e capacete, com a legenda marcando o horário na tela. Em seguida, imagens de israelenses correndo ao som da sirene contra bombas. Começam então detalhamentos sobre as quedas dos foguetes.

As próximas imagens são do repórter aproximando-se do local onde caiu um foguete, uma indústria desativada no território israelense. A câmera está em movimento e Rodrigo Alvarez aparece correndo em direção à explosão. A seguir, imagens de tanques de Israel lançando bombas. O texto do repórter explica que a proposta incluiria a abertura de fronteiras para os moradores de Gaza em troca do fim

dos ataques. O porta voz do *Hamas* declara que soube da proposta pela imprensa e que ela não atende às necessidades dos palestinos. O conteúdo e os objetivos da proposta não são explicados. Novas imagens de foguetes, com dados dos lançamentos do *Hamas* e um hospital israelense. A seguir, imagens de escombros da Faixa de Gaza e ambulância. As últimas cenas são do primeiro ministro israelense, em declaração sobre a decisão de ampliar a operação militar, em virtude dos novos ataques palestinos.

16/07/2014

VT – Presença de brasileiros em Gaza

Tempo: 02`05”

A reportagem começa com explosões ocorridas à noite na Faixa de Gaza e a declaração de um brasileiro que vive na região. Ele aparece dirigindo um carro e relata suas dificuldades, como estar sem luz e sem água há vários dias. Rodrigo Alvarez informa que outros brasileiros conseguiram sair de Gaza rumo ao Egito, mas diz que muitos não deixam suas casas com medo do que pode ocorrer. A seguir imagens de uma estrada e a voz de uma freira brasileira, irmã Maria Laudis. O repórter explica que aviões israelenses jogam panfletos avisando sobre os ataques, dando a opção de sair. Aparecem imagens de escombros palestinos. A reportagem finaliza com informações sobre os mortos, com imagens de mulheres chorando e gente sendo enterrada. As últimas cenas são de homens palestinos carregando corpos de crianças.

17/07/2014

VT – Início invasão por terra, trégua humanitária, entrevista com militares de Israel

Tempo: 02`00

Imagens do céu iluminado dão início à reportagem, com a narração de Rodrigo Alvarez que informa a trégua de 05 horas entre Hamas e Israel. As imagens seguintes são da freira (cuja história começou a ser contada no dia anterior). Após cenas de abraço entre as freiras, o repórter aparece em frente a caças israelenses, abordando o dia de trégua e entrevistando um oficial do exército. O assunto tratado é dos ataques que atingem alvos civis e sobre sua precisão. Após a declaração, imagens de crianças palestinas mortas em macas e novas informações sobre os ataques, com imagens de escombros. Israelenses correm à noite fugindo de ataques

e grupos de árabes levam pessoas mortas. Rodrigo Alvarez reaparece em frente aos aviões entrevistando outro integrante do exército, que emite um juízo sobre o *Hamas*. Na sequência, imagens de soldados israelenses caminhando à noite durante o início da invasão por terra à Faixa de Gaza, com o objetivo de destruir os túneis do *Hamas*. Tanques do exército compõem são as últimas imagens da matéria.

18/07/2014

VT – invasão por terra entrevista comandante do exército israelense

Tempo: 3'10"

O VT inicia com dados sobre os mortos na fase do conflito marcada pela invasão terrestre de Israel à Faixa de Gaza. Uma fileira de tanques em estradas empoeiradas é a primeira sucessão de imagens da reportagem. O repórter aparece no campo, entre os tanques, sinalizando sua proximidade com a ação do exército. Ele relata a operação israelense. Logo, mais imagens de soldados, tanques em explosões com dados dos mortos e feridos. Rodrigo Alvarez entrevista o porta-voz do exército israelense, Peter Lerner, questionando a invasão por terra. A imagem seguinte é de civis palestinos entre escombros e carregando corpos. A reportagem traz o tema debatido na ONU, entre o representante palestino, o vice secretário geral e o presidente dos EUA, que falou em minimizar a ofensiva militar de Israel. As cenas seguintes são de doentes e feridos nos hospitais palestinos, além de uma entrevista com um médico, que diz estar à noite sempre em situação de emergência. No fim da matéria, imagens de civis palestinos, soldados israelenses, escombros e explosões estão intercaladas.

19/07/2014

VT – Aumento do número de mortos e protestos contra a invasão de Gaza

Tempo: 02"15

A primeira imagem é de um homem chorando a perda de 08 integrantes da sua família, seguida de cenas dos corpos enrolados sendo levados pelas ruas. O texto do repórter é complementado com imagens de palestinos andando em cemitério sob o sol e de soldados israelenses que andam à noite. Rodrigo Alvarez informa sobre os ataques a Israel por túneis e suas explosões por parte do exército. Homens com capuz andam dentro de túneis escuros e um soldado tenta explodir esses locais. Tanques andam rapidamente por estradas com poeira e, na sequência, uma

ambulância. Dados das mortes civis, com árabes correndo em multidão. A seguir, outros tanques movem-se em direção à Faixa de Gaza, com o início da operação terrestre. As imagens finais são de protestos em Paris, Inglaterra, Suíça, no Brasil e em Tel Aviv contra a invasão militar.

21/07/2014

VT – Perdas humanas e dos sucessivos ataques

Tempo: 02'10"

A reportagem inicia apresentando dados sobre um ataque noturno que deixou onze pessoas mortas. Nessa data, um míssil atingiu um hospital palestino, deixando um morto e 70 feridos. Novas explosões em campo, em que a câmera parece estar perto do local. O repórter está localizado em uma planície, onde, segundo ele, passa uma rede de túneis do *Hamas* em direção à Israel. Um velório de judeus aparece na sequência, com bandeiras do Estado de Israel enrolando os caixões. A seguir, a informação dos 556 palestinos mortos, com imagens de corpos envoltos em bandeiras palestinas. O secretário de Estado John Kerry aparece na TV americana sendo flagrado ao comentar a ação militar como uma operação *pingue-pongue*, criticando Israel. Após mostrar imagens na televisão do *Hamas* e de seu líder, novas cenas de tanques com soldados percorrendo a região. As últimas imagens são de civis palestinos em habitações para refugiados.

22/07/2014

VT – Captura de soldado, pedidos de trégua da ONU e refugiados

Tempo: 02'05"

O VT é introduzido com a informação de que o número de mortos do conflito entre *Hamas* e as Forças de Israel aumentou. A informação principal é que Israel ainda não encontrou o corpo de um soldado morto e desaparecido na última queda de um míssil em Gaza. Novas imagens da TV do *Hamas* são mostradas, com um homem encapuzado fazendo declarações. A seguir, tanques, explosões e caixões com grupos de famílias chorando e dados de mortes. A passagem de Rodrigo Alvarez relata que Gaza é uma região densamente povoada e que quase nenhum habitante tem permissão para sair. O secretário geral da ONU finaliza a reportagem com um pedido ao governo de Israel para reduzir os ataques e iniciar o diálogo. As

imagens finais são de destroços de Gaza e pessoas correndo dentro do aeroporto de Bem Gurion em Tel Aviv.

23/07/2014

VT – Direitos humanos e a suspeita dos crimes de guerra no conflito

Tempo: 02'34"

A reportagem aborda a investigação do Conselho de Direitos Humanos da ONU sobre suspeitas de crimes de guerra na ofensiva a Gaza. As primeiras imagens são de explosões em Gaza, com escombros da cidade e a declaração de um brasileiro residente no território. Ele relata que a casa foi parcialmente bombardeada, não há comida nem luz. São mostrados dados das mortes de palestinos e israelenses e a condenação da ONU aos ataques de Israel. Na sequência, a reportagem traz a declaração da alta comissária da ONU para Direitos Humanos sobre indícios de crimes de guerra na região. A passagem do repórter Rodrigo Alvarez trata da tentativa da Cruz Vermelha Internacional de fazer uma trégua humanitária entre Israel e o *Hamas*. A matéria finaliza com a informação da chegada de diplomatas dos EUA e da ONU para negociar um cessar fogo. As últimas imagens são de tanques israelenses.

24/07/2014

VT – Retirada do diplomata brasileiro

Tempo: 01'40"

O tema desta reportagem é a repercussão da retirada do diplomata brasileiro de Israel e as críticas do país em relação ao Brasil, marcadas principalmente com a expressão “anão diplomático”.

24/07/2014

VT –Entrevista Ministro de Relações Exteriores do Brasil

Tempo: 01'55"

A repórter Michele Barros entrevistou o Ministro de Relações Exteriores brasileiro, Luiz Alberto Figueiredo. Ele comentou a declaração do porta-voz israelense e falou sobre a posição do Brasil em relação às ações militares de Israel.

24/07/2014

VT – ataque de mísseis à escola da ONU em Gaza

Tempo: 3'38”

Imagens de mulheres, crianças mortas em hospitais e em macas são sucedidas por explosões de prédios residenciais em Gaza, soldados percorrendo a região e presos do *Hamas* sentados no chão sem roupa. À noite são mostradas cenas de um protesto na Cisjordânia contra os ataques. São homens no palanque e nas ruas gritando e portando bandeiras da Palestina. A seguir tiros, pontos luminosos no meio da rua e foguetes em meio aos muros entre Israel e Palestina. Rodrigo Alvarez está junto aos tiroteios, vestindo um capacete e um colete. Ao falar, uma bomba de gás cai próximo a ele e sai correndo. A câmera registra todos os movimentos. O fim da matéria mostra embates com tiros e luzes na escuridão da rua.

24/07/2014

VT – Autoridades criticam ataque à escola da ONU em Gaza

Tempo: 1'55”

Imagens de uma escola, crianças em macas ou em colo descendo de ambulância. O repórter é Helder Duarte, correspondente da emissora nos Estados Unidos. Ele relata o fim da suspensão de voos a Tel Aviv pelas empresas americanas. As últimas imagens são do aeroporto israelense Ben Gurion.

25/07/2014

VT – Tentativa de um cessar fogo

Tempo: 2'45”

Rodrigo Alvarez inicia o texto com dados do conflito: em 18 dias de guerra, 844 palestinos e 34 israelenses foram mortos. As imagens são de palestinos correndo nas ruas com corpos sendo carregados, tanques e soldados israelenses entrando por túneis e os explodindo. Na sequência, escombros em Gaza, o secretário geral da ONU. A informação seguinte é de que um ataque teria partido de Gaza, em um local ao lado da escola da ONU. As cenas seguintes são de jovens palestinos atirando pedras em locais de segurança israelenses. Alvarez aparece em meio às ruas cheias de Jerusalém relatando o bloqueio pela polícia israelense da mesquita Al Aqsa, lugar sagrado para os muçulmanos. Ele adianta que os protestos continuam e que houve mais mortes. As imagens finais são de palestinos em meio à rua, em uma aparente

situação de confronto com fumaça. A reportagem encerra com o depoimento de uma mulher palestina rodeada de filhos que estavam no dia do ataque à escola da ONU.

25/07/2014

Nota coberta – Acontecimentos em Gaza geram protestos no mundo

Tempo: 42”

As primeiras imagens da nota são de bandeiras de Israel sendo queimadas em protesto em Teerã contra a invasão da Faixa de Gaza. O apresentador mostra manifestações pedindo a libertação de Gaza em Bruxelas, Berlim e junto à comunidade judaica em São Paulo.

26/07/2014

VT – Número de mortos

Tempo: 2’40”

No início da reportagem, explosões sucessivas em prédios de Gaza, além de tanques entrando nas ruas das cidades e disparando contra casas. Escombros resultantes dos bombardeios israelenses, a movimentação em Gaza e imagens de corpos enrolados em lençóis brancos em um corredor aparecem na sequência. Logo, tanques e soldados entrando em túneis. A passagem do tempo é mostrada com o pôr e o nascer do sol, lembrando o período de trégua entre os bombardeios. Os ataques recomeçam e marcam o fim do cessar fogo, dificultando os grupos a entrarem em acordo sobre novas propostas de paz. As últimas imagens são de palestinos levando corpos de crianças nas ruas e soldados trocando tiros à noite.

28/07/2014

VT – fracasso dos esforços diplomáticos

Tempo: 2’58”

As primeiras imagens da reportagem são do amanhecer, com o sol entre nuvens e palestinos rezando em meio aos escombros. As cenas se intercalam entre céu, tanques e explosões. Na sequência, homens choram a morte de crianças, que aparecem envolvidas em lençóis. Peter Lerner, porta-voz das Forças de Defesa Israelenses, justifica-se sobre o ataque e afirma que foram causados por mísseis desgovernados do *Hamas*. A seguir, imagens de soldados andando, atirando com armas e tanques de Israel. Novos dados de mortos com imagens de funeral

israelense e passeata palestina. O repórter vestido com colete e capacete à noite finaliza a reportagem.

29/07/2014

VT – Bombardeios de Israel que deixaram a Faixa de Gaza sem luz

Tempo: 2'58"

Imagens de explosões durante o dia, tanques atirando e fumaça no céu. Próximo a uma ambulância, um homem fala sobre a morte de 08 integrantes de uma mesma família. Na sequência, imagens divulgadas pelo *Hamas* (como informa o repórter) sobre um ataque a soldados israelenses em seu território. O bombardeio a casa de um dos líderes do *Hamas* é noticiado com imagens de escombros. O principal ataque foi a um dos tanques da usina elétrica de Gaza, deixando parte do território no escuro. Os últimos relatos são de um brasileiro residente em Gaza, que fala de sua casa, mostra sua geladeira à luz de velas.

29/07/2014

VT – Bombardeio a uma escola da ONU em Gaza

Tempo: 3'32"

A primeira imagem é do amanhecer em Gaza, sucedida por tanques disparando e destroços da escola alvejada. Homens correm com crianças no colo e uma mulher palestina é entrevistada. Na sequência, a reportagem traz o depoimento do porta voz da Agência da ONU para Refugiados, que condenou os ataques. Depois dele, Rodrigo Alvarez entrevista o porta-voz das forças militares de Israel, Peter Lerner. Aí começam imagens de destroços e vítimas, intercaladas por tanques em ação: feridos correndo, jovens com crianças no colo em meio aos escombros, ambulâncias. O repórter apresenta brevemente o perfil de algumas vítimas palestinas, com imagens dos pacientes nos hospitais. São entrevistados também um médico e um enfermeira. Os dados dos mortos são mostrados com imagens de palestinos rezando diante dos cadáveres. A seguir, imagens de um velório israelense.

31/07/2014

VT – Início do cessar fogo de 72 horas

Tempo: 2'15"

As imagens iniciais são da agência de notícias Reuters e mostram pessoas sendo socorridas em meio aos escombros por uma ambulância ao mesmo tempo em que acontece outra explosão. Após cenas de escombros em Gaza, a parte litorânea da região é mostrada durante o ataque a uma mesquita. Tem início então uma sucessão de explosões a túneis e cenas de armamentos. Imagens de pessoas chorando e se abraçando são intercaladas com soldados atirando e novas explosões.

31/07/2014

VT – Declarações de diplomatas sobre o conflito

Tempo: 3'32"

Quem aparece na abertura é o porta-voz dos Estados Unidos que critica os ataques de Israel. Após a declaração, comissários da ONU ligados ao conflito fazem seus relatos. No fim, a matéria mostra o trecho de uma entrevista do embaixador de Israel nos EUA na emissora CNN, que critica o *Hamas*. O repórter é Helter Duarte, correspondente da Rede Globo em Nova York.